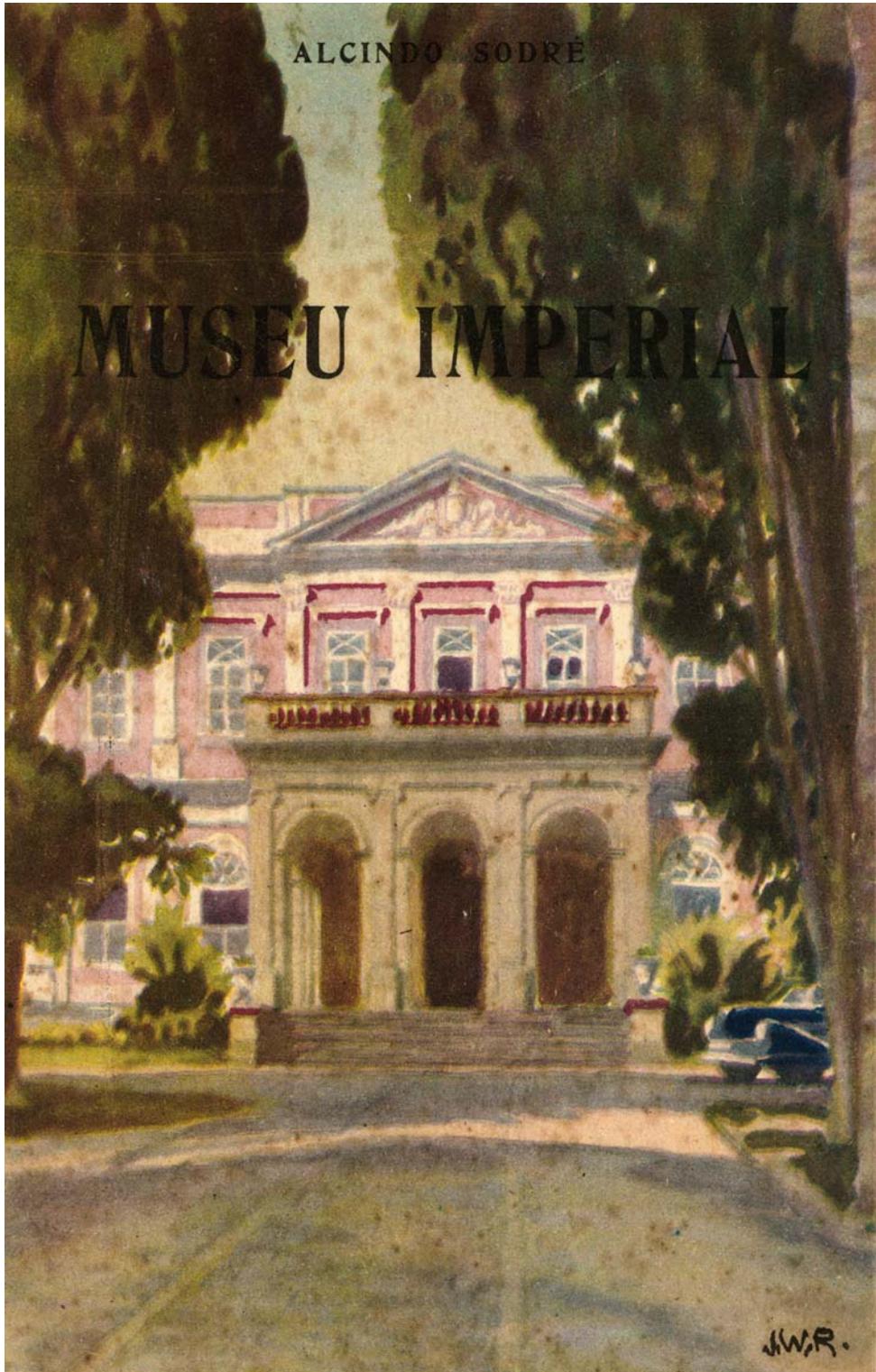


ALCINDO SODRÉ

MUSEU IMPERIAL



MUSEU IMPERIAL



Vista da ala direita do museu

ALCINDO SODRÉ

MUSEU IMPERIAL



Coroa de d. Pedro II

Departamento de Imprensa Nacional
1950
Rio de Janeiro - Brasil



Aviso colocado na entrada do parque e no vestíbulo do museu

Museu Imperial: um sonho feito realidade. Desde 1922, um vereador à Câmara Municipal de Petrópolis alimentou a esperança de ver transformado o velho Paço de Petrópolis num grande museu nacional.

Dois fortes motivos se conjugavam para essa idéia: a expressão histórica do edifício, o melhor, ou ainda o único capaz de se prestar ao objetivo, e o plano de reunir ali o brilhante passado de um século de vida brasileira sob o regime monárquico.

Seria assim um museu do Império no palácio que fora a residência predileta de Pedro II, consagrada, portanto, pelo seu enorme valor histórico, e ao mesmo tem o ego, até hoje, a única construção levantada no Brasil para residência de um chefe de Estado.

Esse sonho, porém, ao nascer, não encontrara clima adequado à sua realização: fazer um museu “monarquista”?, e ainda por cima expulsando um educandário do prédio?

E o projeto se arrastava, quando, em 1937, se aproxima o acontecimento do centenário de Petrópolis. Por proposta do mesmo e ainda vereador, é criada a *Comissão do Centenário de Petrópolis*, instalada solenemente na prefeitura municipal, e destinada a elaborar e executar o programa comemorativo da efeméride, que era o dia 16 de março de 1943! Dessa comissão foram eleitos respectivamente presidente e secretário geral o príncipe do Grão Pará e o mencionado vereador, que era

Alcindo de Azevedo Sodré. Da sua atividade resultaria a edição de 7 volumes de “Trabalhos da Comissão do Centenário”, e todo o plano de realizações comemorativas. Entre estes, e desde logo, foi feita, no próprio edifício da municipalidade, a “Primeira exposição de iconografia petropolitana”, inaugurada a 16 de janeiro de 1938, e alcançando um grande êxito pela concorrência dos objetos expostos e pelo interesse público despertado.

Com isso, estava vencida a primeira etapa para a realização do grande museu nacional em Petrópolis. A comissão do centenário e a exposição de iconografia conseguiram despertar o interesse das autoridades locais, da imprensa e da opinião, pelas coisas históricas.

O momento era, pois, propício para ser alcançada a segunda etapa, com a criação de um museu municipal, então

Museu Histórico de Petrópolis, instalado no antigo Palácio de Cristal





Interior do Museu Histórico de Petrópolis

capaz de proporcionar o interesse das autoridades estaduais e federais, figurando como “batata quente” em suas mãos, e, portanto, um meio indireto, mas progressivo, para o museu nacional.

E o vereador, com um prefeito amigo, inteligente e compreensivo, faz-lhe a proposta da criação do “Museu Histórico de Petrópolis”.

A municipalidade dispunha, para isso, de um imóvel inaproveitado, o velho Palácio de Cristal, onde se realizaram, no fim do Império, as primeiras e famosas exposições hortícolas do país, sob os auspícios da princesa Isabel.

O diretor do museu não precisaria receber remuneração dos cofres municipais. Bastaria que lhe fosse dado um servente.

Criado o museu, é assinado o ato n. 791, de 2 de abril de 1938, em que o prefeito resolve:

“Nomear em comissão e sem ônus para os cofres municipais o dr. Alcindo Sodré, diretor do Museu Histórico de Petrópolis”.

E a 13 de maio de 1938 era inaugurado com solenidade o Museu Histórico de Petrópolis, tendo, no ato, sido pronunciadas palavras referentes à aspiração de ser em breve criado, no Palácio Imperial de Petrópolis, um codigno museu.

Dias depois, em ofício n. 1, de 31 de maio de 1938, o diretor do Museu Histórico de Petrópolis requeria ao diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fosse inscrito no livro do tombo, segundo a lei, como monumento histórico, o Palácio Imperial de Petrópolis.

E no *Diário Oficial*, de 13 de julho de 1938, p. 13.929, era publicada a ata da 2ª sessão ordinária do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realizada no dia 14 de junho, com o seguinte registro:

“Processo n. 166 T – Monumento: Palácio Imperial de Petrópolis – Proprietária Companhia Imobiliária de Petrópolis, relator, Afonso Arinos de Melo Franco. Resolução: o Conselho resolveu, unanimemente, conhecer do requerimento do diretor do Museu Histórico de Petrópolis, no sentido do tombamento do edifício do antigo Palácio Imperial daquela cidade e indicar ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que notifique essa deliberação ao proprietário do imóvel, para os fins de direito.”

Caminhavam assim as coisas. Era inverno, e o presidente da República só poderia ser atraído para a idéia quando se achasse de veraneio na cidade.

O tempo, entretanto, não foi perdido. O interventor Amaral Peixoto, trabalhado por sua vez, compreendeu o al-

cance do projeto e autorizou consultas aos proprietários do Palácio Imperial sobre sua aquisição. E, em consequência, o dr. Rezende Silva, então secretário de Finanças do estado do Rio, recebeu a seguinte comunicação:

“Petrópolis, 24 de setembro de 1938.
Exmo. sr. secretário de Finanças. Niterói.

Na qualidade de diretor presidente da Companhia Imobiliária de Petrópolis, sucessora da intitulada “Imperial Fazenda de Petrópolis”, levo ao conhecimento de v. ex. que por diversas vezes fui procurado pelos srs. dr. Alcindo de Azevedo Sodré e Carlos Magalhães Bastos, que em nome do sr. interventor vieram indagar em que condições a companhia aforaria o edi-

Fila à porta do museu





Vista do Palácio

fício do antigo Palácio Imperial e respectivo parque, para nele ser instalado o Museu Histórico destinado a reunir tudo aquilo que pudesse recordar a grande figura do imperador, o senhor d. Pedro II, de gloriosa memória.

Respondi a tão ilustrados emissários que em princípio a companhia não desejava aforar o aludido imóvel, mas que, tendo em vista as circunstâncias especialíssimas do destino que lhe seria dado, abriria de bom grado uma exceção em seu propósito; interrogado acerca do preço, respondi que se poderia



Imperial

tomar por base inicial o valor de pequeno lote aforado há uns sete anos em comparação com a área total do parque, porque, quanto ao edifício, carecia de elementos para uma pronta resposta.

Pelo método apontado, o valor do parque seria de 1.330 contos de réis, mais ou menos, e, dada a amplitude do edifício, poderia-se estimar o total em cerca de 2 mil contos.

Reduzindo a escrito, para ulterior deliberação do exmo. sr. interventor, o ocorrido nas aludidas conferências, tenho

o prazer de aguardar as ordens de v. ex. para solicitar oportunamente dos srs. acionistas da companhia a precisa autorização para fazer o aforamento, dentro das bases que forem assentes com v. ex., e sem mais tenho a subida honra de apresentar a v. ex. as minhas mais distintas saudações.

– *Américo Mendes de Oliveira Castro*

Em janeiro de 1939, o presidente Vargas, nos seus habituais passeios a pé pela cidade, é atraído pela tabuleta “Museu Histórico de Petrópolis”, e entra pela primeira vez no pequenino museu. Recebido pelo diretor, observa com curiosidade a existente documentação fotográfica sobre Petrópolis, e abordado sobre a conveniência e a significação de ser aproveitado o antigo Palácio Imperial e nele posto um grande museu, não demonstra desinteresse pela idéia.

E a compra do palácio toma corpo com a assinatura do decreto n. 684, de 3 de fevereiro de 1939, no qual o interventor federal no estado do Rio de Janeiro decretava em seu artigo 1º:

“Fica autorizada a aquisição do imóvel denominado “Parque Imperial”, sito à rua 7 de Setembro, na cidade de Petrópolis, com a superfície aproximada de 22.260 m².

*Ernani do Amaral
J. Rezende Silva”*

A 25 de março 1939, por iniciativa do Instituto de Estudos Brasileiros, o professor Francisco Venâncio Filho realiza uma conferência em Petrópolis, subordinada ao tema: “A função educadora dos museus”, participando como debatedores H. Leão Teixeira, Jonathas Serrano e Alcindo Sodré.

Vamos destacar um trecho apenas do que então disse este último: “Já era velha e natural a aspiração de Petrópolis de possuir um grande museu histórico instalado no antigo

Palácio Imperial. Faz dez meses, foi inaugurado provisoriamente, no Palácio de Cristal, o Museu Histórico de Petrópolis. Contando simplesmente com boa vontade dos poderes municipais, essa instituição, modestíssima ainda, passou logo, entretanto, a merecer apreciável e louvabilíssimo espírito de compreensão e devotamento dos petropolitanos, e sobretudo conseguindo efetivação prática do antigo ideal, teve de pronto a felicidade de encontrar esclarecido eco junto aos governos

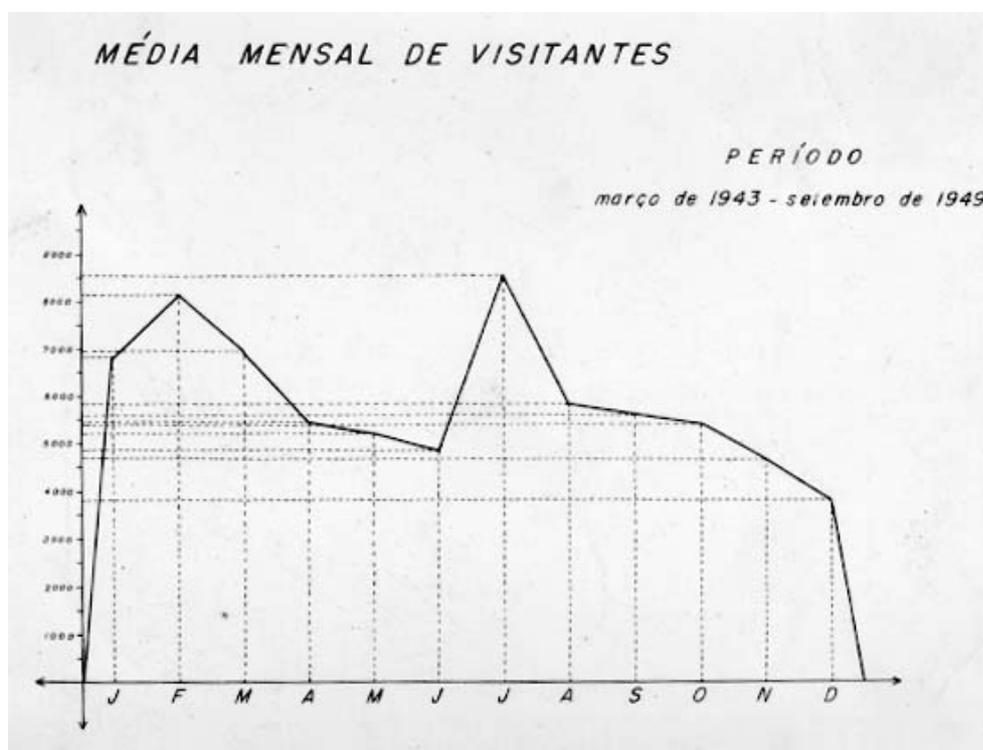


Gráfico de média mensal de visitantes

estadual e federal, acordando-se aquele adquirir o Palácio Imperial e este nele instalar o sonhado museu histórico nacional de Petrópolis, que poderá vir a chamar-se Museu Dom Pedro II”.

Adquirido o imóvel do antigo paço de Petrópolis, o governo do estado, em 27 de novembro de 1939, assina o decreto-

lei n. 44, pelo qual o estado transfere, de seu patrimônio para o da União, por escritura pública de doação, o imóvel de sua propriedade, denominado “Parque Imperial”, situado na avenida 7 de Setembro, na cidade de Petrópolis, “considerando que o governo federal resolveu instalar o “Museu Imperial” na cidade de Petrópolis, onde teve histórica residência a antiga família imperial do Brasil.”

Em janeiro de 1940, o presidente Vargas visita novamente o Museu Histórico de Petrópolis, e fala ao diretor sobre o plano iminente da criação do museu federal.

Decorrem ainda dois meses quando o diretor do Museu Histórico de Petrópolis, é chamado ao Palácio Rio Negro. O oficial de gabinete, dr. Alberto de Andrade Queiroz, comunica que o presidente, por circunstâncias, era levado a nomeá-lo secretário do museu, ao invés de diretor, mas, atenta a autoria da idéia e os serviços realizados, lhe reservaria a função de secretário em caráter vitalício, única nestas condições no quadro geral da administração pública.

Além disso, adiantou, o presidente mandara chamar um técnico, autoridade no assunto, para ouvir-lhe a opinião, e com quem deveria haver o necessário contato. O diretor, explicando, agradece, e roga seja pedida ao presidente permissão para não aceitar a honrosa investidura. Por outro lado, cioso de suas idéias próprias, embora modestas, sobre o problema, não desejava abrir mão delas, e, além do mais, em seu modo de ver, o governo mesmo poderia proporcioná-lo através da excelente organização oficial que era o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

E a propósito de tudo iria enviar ao presidente um memorial. Como se vê, um incidente comum nestas coisas...

Pelo decreto-lei n. 2.096, de 29 de março de 1940, o presidente da República decreta, em seu art. 1º: “Fica criado o Museu Imperial, na cidade de Petrópolis”.

Três ou quatro dias após a assinatura desse ato, era o diretor chamado ao Palácio Itaboraí. O interventor Amaral Peixoto queria saber se aceitava ser seu candidato à direção do novo museu. Simultâneo chamado, e para o mesmo fim,

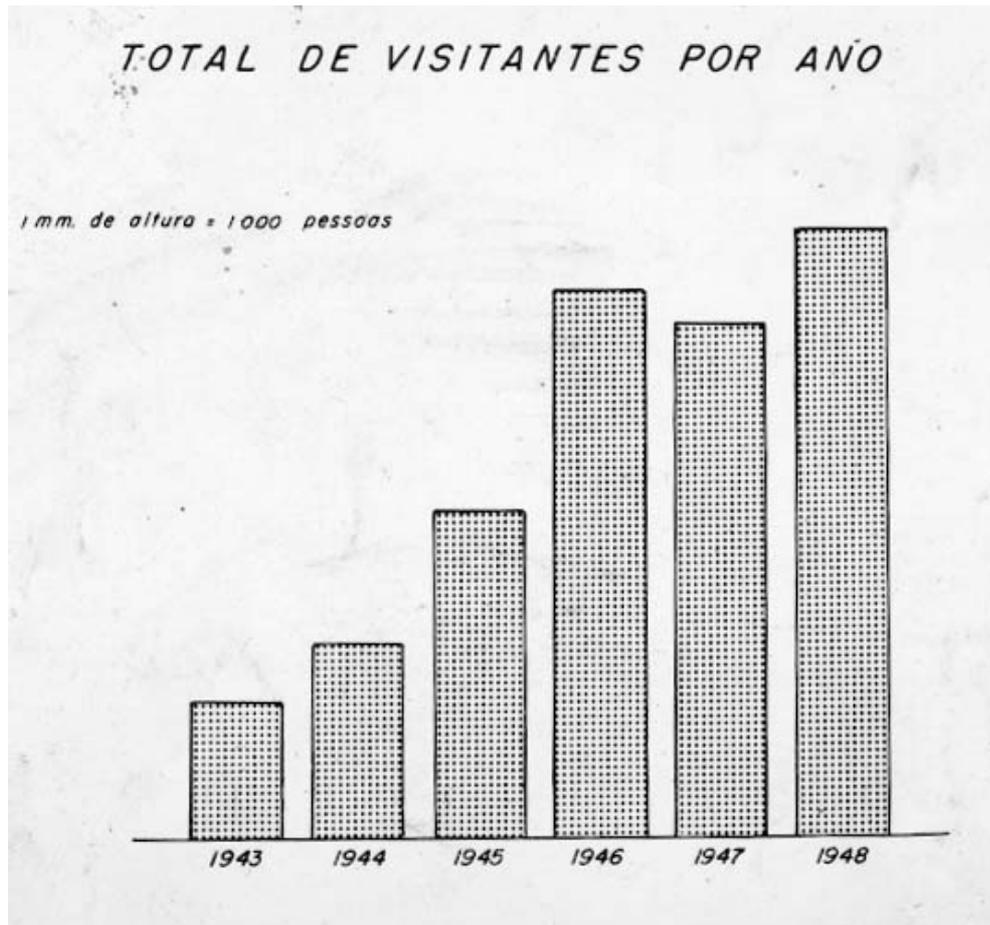


Gráfico do total de visitantes

foi feito pelo Palácio Rio Negro, e a 6 de abril Alcindo de Azevedo Sodré era nomeado diretor do Museu Imperial.

Funcionava no prédio desde 1909, sucedendo ao Colégio de Sion, que ali estivera desde 30 de setembro de 1892, o Colégio São Vicente de Paulo. Este educandário, aguardando suas novas instalações, ainda ocuparia por um ano a ala direita do prédio e suas dependências. Por outro lado iniciavam-se,

no parque e na ala esquerda do imóvel, as obras de restauração, melhoramento e limpeza, com a colaboração do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

E logo a 15 de junho foi remetida a seguinte exposição:

“Ao sr. dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade,
Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Senhor diretor:

Designado, pela honrosa confiança do exmo. sr. presidente da República, para o cargo de diretor do Museu Imperial, recentemente criado na cidade de Petrópolis, venho apresentar a v. s. um plano de instalação e orientação para o referido instituto, permitindo-me, antes do mais, fazer ligeiras considerações e sustentar a necessidade de novas medidas administrativas consoantes à atual concepção do governo relativamente a museus.

CONSIDERAÇÕES

O antigo museu, com mostruários reunindo objetos dispa- res, ao qual se poderia denominar, apropriadamente, “museu- bazar”, está hoje fora de moda. Essa idéia teve de ceder terreno ao critério de que o museu deve responder às necessidades de visitantes e conhecedores, isto é, ser um instrumento não só de acúmulo e preservação de um patrimônio espiritual, mas também o instrumento de ciência, deleite e educação do grande público. Todos os que se têm ocupado de museologia são acordes em afirmar que a noção de museu evolve segundo as influências da época e suas idéias, segundo a raça e o seu temperamento nacional, o seu estado social e respectivas exigências. Tanto assim que, dizem os autores, definir o museu do futuro seria temeroso. Nada mais leviano do que ver na museologia o elemento capaz de revelar o museu padrão.



I Exposição Iconográfica de Petrópolis, realizada no salão nobre da municipalidade em dezembro de 1938

Segundo as estatísticas do Ofício Internacional de Museus, a Alemanha possui 1.600 museus, os Estados Unidos 1.370, a França 700, a Inglaterra 600, a Itália menos de 500, e a Áustria, a Bélgica, a Espanha, a Grécia, a Holanda, a Polônia, a Suécia, a Suíça e a Rússia, um número que varia entre 100 e 200 para cada uma. O continente africano dispõe de 60 museus, sendo 12 no Cairo e Alexandria, 31 na União Sul Africana e os restantes disseminados pelos demais territórios. Pouco menos de 100 possuem a Austrália e a Nova Zelândia, e o Japão cerca de 300. A América Latina, e com ela o Brasil, não figura nessas estatísticas. Os três quartos de museus alemães são consagrados à história, etnografia e ciências naturais, e os demais constituem coleções de arte. Na Polônia, sobre um

total de 146 museus, 45 são de história, 43 de caráter geral, 22 de ciências e 36 de belas-artes. Na Inglaterra prevalecem, no entanto, os museus de folclore. Dos 1.370 museus estadunidenses, perto de 600 acham-se anexados às universidades e outras escolas, 415 são de história, 125 de ciências, 24 industriais e os outros são privados ou gerais.

Dessas cifras mundiais, onde se evidencia a diversidade de assuntos de museus, forçoso será ainda relembrar as suas características nacionais, de acordo com a índole de cada nação, bem como a sua extensão, relativas à natureza do público a que se destinam. Assim, basta referir os chamados “museus populares”, museus de artes e ofícios, agricultura, de que são exemplos o Museu Técnico de Estocolmo, o Museu Politécnico de Moscóvia, o Deutsche Museum de Munique.

O que nos importa, todavia, tratar, neste relatório, é do museu de caráter histórico, tendo em vista o Museu Imperial. No Brasil, embora relativamente recente seja a instituição oficial de museus históricos, ainda assim, obedeceu ela, por força de circunstâncias, ao critério do antigo museu. No entanto, a questão assume agora aspectos bem diversos, com as atuais iniciativas do governo federal, criando os museus especializados, tais como o Museu das Missões no Rio Grande do Sul, o Museu da Inconfidência em Ouro Preto, o Museu do Ouro no Sabará e o Museu Imperial em Petrópolis.

O ato oficial, instituindo na cidade de Petrópolis, e no antigo Palácio Imperial, um museu histórico, reveste-se, sem dúvida, de todas as características de uma iniciativa tomada com muita e rara felicidade. A postura geográfica, a situação climática, e, sobretudo, a condição histórica da cidade de Petrópolis, oferecem um habitat de eleição para um museu dessa espécie. Efetivamente, a proximidade com a metrópole do país, a freqüência estival de trinta mil forasteiros, predominando a elite intelectual, os próprios membros do governo nacional e corpo diplomático, a sua beleza topográfica, que

encerra forte atração turística nos outros meses do ano, a doçura do seu clima e a tranqüilidade de seu ambiente, convidativos ao recolhimento e à meditação, fazem de Petrópolis uma cidade *sui generis* para essas organizações. E melhor acerto não se teria, nesse local, que a instalação de um museu histórico especializado sobre o Império, num imóvel que foi a residência da predileção de Pedro II e o único que até hoje se mandou construir no Brasil, para morada de chefe de Estado.

Tal é a significação do Museu Imperial. Pelo espírito que o criou, não se resumiu a sua finalidade em reunir a memória de homens e fatos da monarquia brasileira, mas também os testemunhos do passado do Rio de Janeiro, dessa faustosa província de tão indelével expressão na vida nacional, e que ainda não possui um relicário condizente à sua grandeza, e ainda a lembrança da cidade de Petrópolis, de singular fisionomia e definição no quadro geral do país.

O Museu Imperial, reunindo a recordação dos acontecimentos da monarquia brasileira, do estado do Rio de Janeiro e de Petrópolis, encontrou ainda mais a compreensão de estabelecer nos seus misteres a existência de biblioteca e arquivo, e realizar conferências e publicações de conformidade com a natureza de seus assuntos.

Museu especializado, necessário se torna estabelecer normas e medidas capazes de obter os fins desejados. Antes do mais, deve-se dizer que não se poderia pensar na restauração pura e simples do que fora o antigo Palácio Imperial de Petrópolis, e isso porque o mobiliário, as alfaias e demais utensílios desse palácio caracterizavam-se pela sua modéstia, e outra tanto pelo fato de, em geral, não trazerem, sequer, o sinal de seu proprietário. O que existia, em número relativamente exíguo, e de maior valor em qualidade e arte, e devidamente autenticado, encontrava-se nos paços da corte, e hoje estão disseminados por dois ou três museus, algumas repartições federais ou nas mãos de poucos colecionadores. A sua reunião no

Museu Imperial é medida preliminar e indeclinável. Não se tratará, evidentemente, de uma arrecadação grosso modo. Forçoso será, todavia, compreender desde logo que a criação de museus especializados deve abandonar a rotina de receberem eles, de modo geral, peças que constituem duplicata, desmerecendo desse modo a importância e o significado de suas coleções.

Uma nova particularidade deverá apresentar o Museu Imperial. Instalado, para execução de seus fins, na mais adequada casa histórica do país, esse museu terá reproduzido, de forma original, cômodos especiais, como sejam sala do trono, gabinete de trabalho de Pedro II, sala dos embaixadores, sala da imperatriz, sala de bilhar, capela, sala de jantar e quarto de dormir do último casal de imperadores do Brasil, e isso, nas mesmas peças características do antigo palácio onde o museu se instala.

Essas peças, de acordo com os trapos que lhes são próprios, deverão por isso mesmo oferecer, nas disposições dos objetos, certos detalhes que lhe componham o todo indispensável, como sejam lustres, tapetes, cortinas e reposteiros.

Por outro lado, o Museu Imperial deverá reunir todas as peças de valor iconográfico, obras típicas do seu assunto. Tal é o claro espírito de sua missão e originalidade. Para tanto, faz-se precisa a elaboração de uma medida, estabelecendo a faculdade de serem requisitados pelos museus, aos estabelecimentos oficiais, os exemplares considerados de caráter essencial nas suas respectivas especializações. Além disso, tendo em vista os museus servidos de bibliotecas e arquivos públicos, as gravuras e documentos, bem como as duplicatas de livros.

A modificação desse estado de coisas viria assim permitir, rápida e economicamente, a formação de uma outra biblioteca pública como seja a do Museu Imperial, facilitando a difusão da cultura em outro ponto do país, em local que, seja acentuado de passagem, oferece a condição climática



Saguão de entrada do Palácio de Petrópolis

especial e de alta relevância, referente à perfeita conservação de livros e documentos pela sua preservação de “bichos”, como não acontece na capital federal. Aliás, convém ainda registrar a mesma preservação do clima de Petrópolis respeitante aos “bichos de madeira” e oxidação de metais.

São estas, senhor diretor, as considerações que me permiti fazer, concluindo por lhe sugerir a necessidade de ser estabelecida uma medida legal, permitindo aos diretores de museus nacionais a requisição de objetos essenciais às realizações dos respectivos institutos, existentes em outros estabelecimentos públicos, requisição essa fundamentada e dirigida ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

e com o parecer dele deste encaminhado ao exmo. sr. presidente da República para o seu último exame e decisão.

Apraz-me finalmente, sr. diretor, e com a mais viva satisfação, agradecer e registrar nestas linhas a dedicada e excelente assistência que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional vem prestando a este museu, nos trabalhos de sua instalação.

Alcindo Sodré, diretor.”

As obras de limpeza, restauração e melhoramento gastariam quase três anos. No parque, começou-se pela retirada da erva de passarinho, dos gravatás e das espécies mortas. A canalização de águas pluviais foi desentupida, e novas galerias construídas. Os tanques e repuxos foram restaurados, e algumas estatuetas de figuras mitológicas, desenterradas e limpas, voltaram a seus lugares. Por uma fotografia em torno de 1870, pôde ser realizada a restauração dos desenhos de canteiros, conforme o gosto da época, e novas mudas de plantas substituíram fielmente as velhas.

A iluminação externa foi toda restaurada, mantendo-se os postes e lâmpões primitivos com luz elétrica e fios subterrâneos. A pavimentação de concreto na entrada de veículos e em torno do edifício principal foi uma inovação imposta pela necessidade de preservar os objetos do museu da alternativa de pó ou lama, oriunda do calçamento de terra.

Os tanques foram povoados de peixes e plantas nacionais e os passarinhos foram atraídos por comedouros cobertos por sapê.

No edifício, fez-se nova instalação elétrica, com fios embutidos nas paredes, dentro de canos de ferro, com serviço de alarme em botões colocados em portas e janelas, e uma grande sirene no telhado do corpo central do prédio. Restaurados pequenos trechos de estuque, passou o palácio por pintura geral, interna e externa. Nesta, as últimas pinturas



O presidente Dutra e o ministro Mariani examinando documentos do Arquivo Imperial

realizadas, em amarelo, tentaram encobrir a estragada pintura primitiva em rosa, de processo *escraiole*, em pequeninos quadrados imitando mármore. Na impossibilidade de uma restauração fiel, pelo custo da obra e sobretudo falta de artífice hábil para um gênero de pintura feito a fogo, e com colher, fez-se nova pintura em painéis de tom *fraise* reproduzindo então um gosto da época, observado no Paço de São Cristóvão, no segundo reinado.

Os soalhos foram raspados a máquina, e a cor das várias madeiras de lei pode emergir da escura crosta uniforme que as desfigurara através do longo tempo durante o qual dois educandários tiveram sede no palácio.

Nas dependências houve dois tipos de obra. Na principal, a restauração e pintura com o acréscimo de um novo salão, e noutra, fez-se construção nova instalando nela gabinete fotográfico, discoteca, refeitório de funcionários, vestiários de jardineiros e guardas e depósito de ferramentas.

Decorridos quase três anos de obras preparatórias, era o Museu Imperial solenemente inaugurado, o que equivale dizer, oficialmente aberto à visitação pública, a 16 de março de 1943.

A mais bela tradição



Cetros de ouro de d. Pedro I e d. Pedro II. Os olhos do dragão são constituídos por dois brilhantes

Quereis conhecer o mais belo patrimônio de tradição brasileira? Visitai o Museu Imperial. Sua sede é o antigo paço de dom Pedro II, cuja construção deu motivo ao nascimento de Petrópolis.

Gente da Baixada Fluminense, moradores de Inhomirim, Estrela e Magé, foram obtendo de el-rei de Portugal sesmarias de terras situadas nos vales de “Serra Acima”, lugares de clima muito fresco, muita vegetação e abundância de águas correntes.

Nasceram assim as fazendas do Córrego Seco e do Padre Correia, pousos de jornaleiros, tornados famosos pelas pitorescas referências nas apreciadas obras e todos aqueles viajantes estrangeiros do primeiro quartel do século XIX, que por ali passaram, a caminho das Minas.

O príncipe regente conheceu o local, visitando a estrada da serra e promovendo a sua melhoria. Dom Pedro I, de caminheiro para o interior, encanta-se pelo local e faz-se hóspede do padre Correia. Adquire a fazenda do Córrego Seco e pensa em construir para si uma residência de verão, o Palácio da Concórdia...

O 7 de abril está, porém, em cima da hora, e o rei cavaleiro, de partida para Portugal, vê o seu sonho frustrado.

Caberia ao filho realizá-lo, com finalidade mais grandiosa. Dom Pedro II manda construir, de seu bolso, o palacete



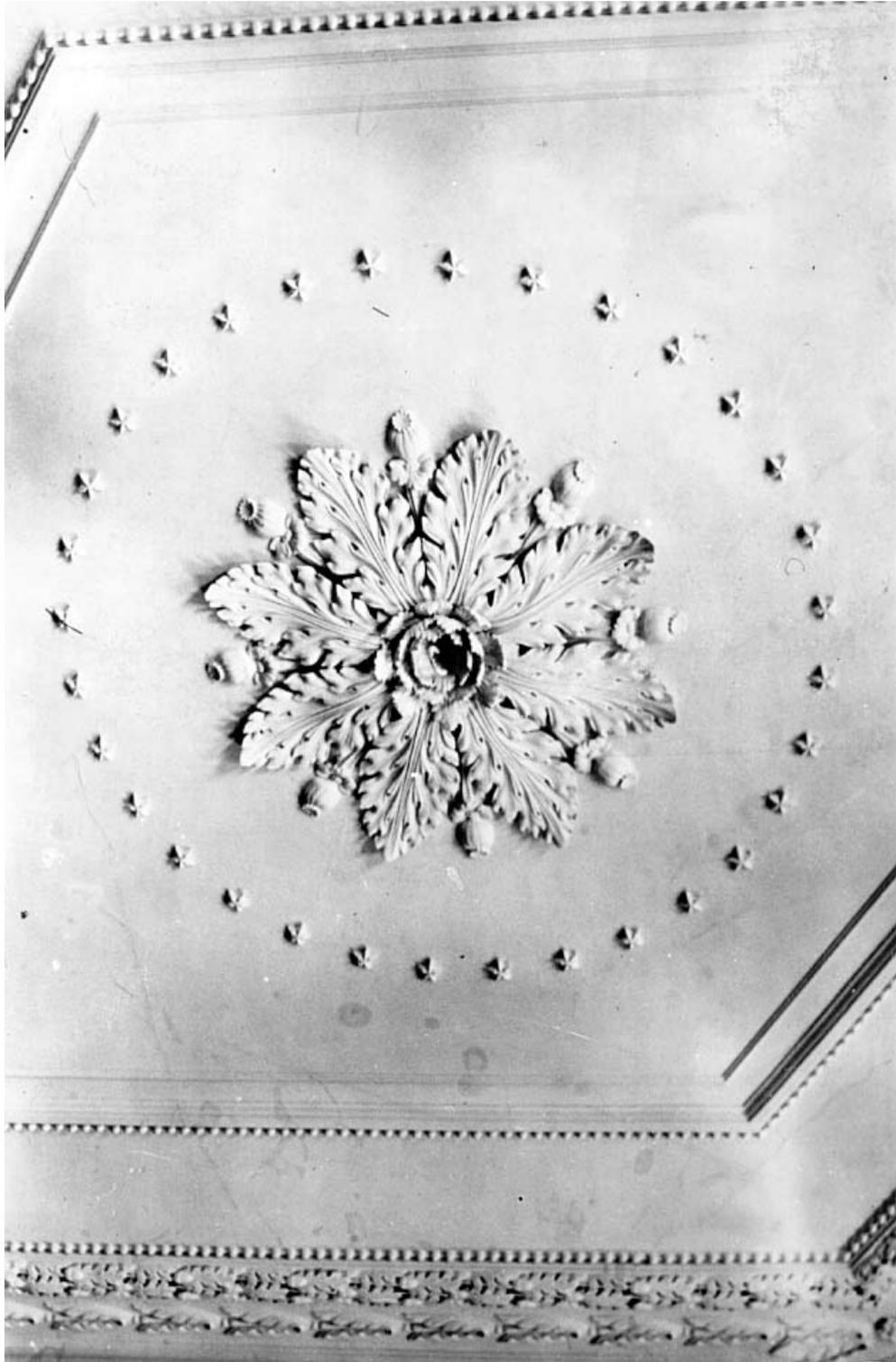
Vista lateral do museu

de verão, e, com ele, a igreja e o cemitério de uma futura povoação a surgir em torno da imperial residência.

E no então chamado “monte de Santa Cruz” é levantado o palácio de Petrópolis, que até os dias atuais viria a ser a única construção feita no Brasil para residência do chefe de Estado.

O palácio de Petrópolis foi a residência de predileção de d. Pedro II. Em vários trechos de cartas, deixou expresso esse sentimento:

“Parto depois de amanhã para Petrópolis e espero então poder ocupar-me, mais à vontade, dos estudos e leituras que me interessam verdadeiramente.”



Decoração do teto do quarto de dormir de d. Pedro II

Nestas linhas, como nas seguintes, escritas em datas diferentes, sente-se a próxima realização de um anseio:

“Parto amanhã para Petrópolis, onde posso levar uma vida mais a meu gosto. Lá desfruto melhor da luxuriante natureza de meu país, e sobra-me mais tempo para ler e estudar.”

Agora, nestes dois outros trechos, também de épocas diversas, encerra-se a satisfação de uma continuidade agradável:

“Passarei ainda uma semana, ao menos, nestas montanhas, que me agradam, sobretudo, pela tranqüilidade que aqui encontro.”

“Aqui trabalho melhor que no Rio, apesar dos dois passeios que faço todos os dias.”

Foi no recolhimento e na sedução de Petrópolis que dom Pedro II pôde dedicar-se a seus estudos preferidos, isto é, aqueles assuntos que o fariam o soberano mais ilustrado de sua época, um Chefe de Estado singular.

Assim, o conhecimento da língua hebraica foi começado em Petrópolis, pouco antes da guerra do Paraguai, através do sueco Akerblom, seguido depois com o alemão Fernando Koch, o dr. Henning, e por fim com o dr. Cristiano F. Seybold. Desses, Koch seria também seu bibliotecário. O estudo do árabe seria igualmente iniciado em Petrópolis, por intermédio de um velho conhecido da sua viagem ao Egito, o barão de Schreiner, então ministro da Áustria no Brasil. Ele mesmo o diria, escrevendo a amigo: “Durante a minha estada em Petrópolis, dediquei-me um pouco ao estudo do árabe, que começo já a traduzir com certa facilidade.”

No parecer regulamentar que o Instituto de França o recebeu como membro correspondente, há uma pitoresca referência à cultura da quina que o imperador praticava no parque do seu palácio de Petrópolis.

Era ainda na sua cidade que d. Pedro II melhor experimentava a nostalgia pela sua vocação de mestre-escola, visitando seguidamente os educandários, onde se detinha por longas horas junto ao quadro negro, na argüição dos estudantes.

Em Petrópolis, melhor cuidou o monarca dos seus sentimentos de mecenas, e, se deles decorreram astros como Carlos Gomes e Pedro Américo, infinito foi o número de estudantes, no país e no estrangeiro, que gozou da proteção imperial.

Seria ainda, por certo, do refúgio de Petrópolis, tão propício às cogitações do chefe de Estado, que o Brasil pôde desfrutar os melhoramentos materiais de maior significação no século: a grande rodovia – Estrada União e Indústria – então chamada o “Simplon da América”, o selo postal (que o Brasil

Gabinete de trabalho do príncipe d. Pedro Augusto



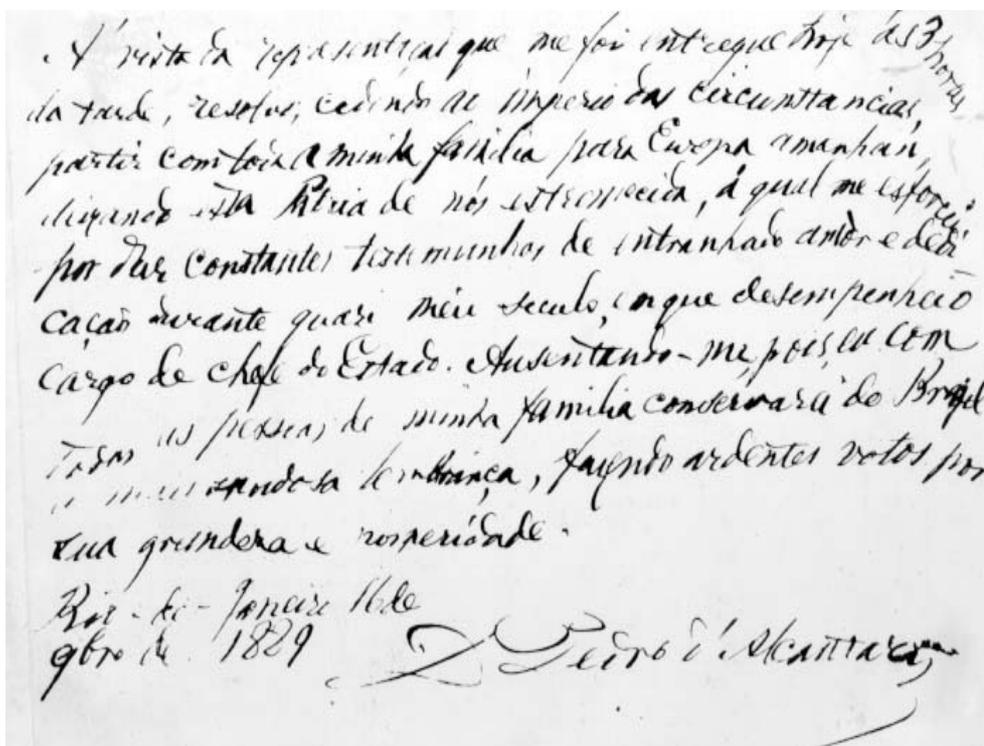
foi o 2º país a instituir), o cabo submarino, o telégrafo elétrico, a estrada de ferro Petrópolis, o telefone.

Petrópolis inspirou os convites a Pasteur e a Wagner, dois objetivos diversos, mas iguais na altura.

O imperador sábio, o rei filósofo, o mecenas brasileiro, tinha em Petrópolis a sua Torre de Marfim.

A esplêndida formação espiritual e moral que a nação outorgara ao seu pupilo, órfão de pai e mãe, amadureceu em Petrópolis, a bem do Brasil e como lição aos pósteros.

E por isso, ao ser convidado a partir para o exílio, vitoriosa a revolução republicana, esse grande brasileiro, que durante cinquenta anos dedicara a sua vida à pátria, como exemplar funcionário no cumprimento do dever, escreve algumas linhas de extraordinária beleza, e que foram preservadas pela comovida compreensão de Rui Barbosa, recolhidas por ele, como jóia preciosa, ao seu arquivo:



A vista da república que me foi entregue hoje às 3^h da tarde, resolvi, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda a minha família para Europa amanhã, deixando esta pátria de nós estrepitosa, à qual me estorço por dar constantes testemunhos de intrenhado amor e dedicação durante quasi meu século, e que desempenhei cargo de chefe de Estado. Ausentando-me pois, lá com toda a pessoa de minha família condecorada do Brasil e meus ardentes votos por sua grandezza e prosperidade.

Rio de Janeiro 11 de
Seto de 1889

Pedro II

Despedida de d. Pedro II aos brasileiros em consequência da intimação que recebeu para deixar o país



Gabinete de trabalho de d. Pedro II no palácio de Petrópolis

“À vista da representação que me foi entregue hoje às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com minha família para Europa amanhã, deixando esta pátria de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século em que desempenhei o cargo de chefe de Estado. Ausentando-me, pois, eu, com todas as pessoas de minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio de Janeiro, 16 de novembro 1889.

Pedro d’Alcântara.”

E ainda no exílio, em carta a Taunay, a saudade maior tiralhe da pena o expressivo desabafo:

“Fale-me de Petrópolis!”

Foi no refúgio e na tranqüilidade de sua casa serrana, que d. Pedro II forrou o seu espírito com a espantosa cultura com que um monarca americano iria surpreender as academias da Europa e os sábios do mundo.

Foi em Petrópolis, na sua casa predileta, que dom Pedro II adquiriu não só a sua ilustração, de apreço universal, mas também formou o melhor dos seus aspectos de chefe de Estado, na seleção dos valores, na moralidade da administração e no amor do Brasil.

A casa de dom Pedro II tem assim uma serena e profunda significação evocativa.

E o brasileiro, ao penetrar os umbrais dessa casa, não vai satisfazer uma simples curiosidade de ver como era um palácio imperial, mas receber e guardar a indelével impressão educativa de se sentir contemplado por um passado que soube cumprir bem alto a sua missão no serviço da pátria.

O Parque



Estátua em bronze de d. Pedro II, trabalho de Xavier Pinheiro

O parque do antigo palácio imperial de Petrópolis, começado em 1864, é uma obra curiosa e requintada, que mereceu a orientação pessoal de d. Pedro II.

O primeiro projeto foi de Glaziou. O imperador, no entanto, preferiu o plano de Binot, famoso botânico estabelecido em Petrópolis.

Até hoje, conservam-se as linhas paisagísticas primitivas dos canteiros e a disposição das espécies vegetais.

No alto, em torno do edifício, equidistantes, em postura marcial, estão as palmeiras reais, como sentinelas solenes da imperial morada.

Descendo em alamedas para o grande tabuleiro ao nível da via pública, árvores exóticas misturam-se com as do país na riqueza e pujança da variedade. São ciprestes indostânicos, pândanos de África, palmeiras da Austrália, árvores de incenso, bananeiras de Madagascar, em convívio com as jaqueiras, os ingás, os cedros e as magnólias.

Nos claros, e pela alegria viva de suas cores, as camélias, os jasmins, as três-marias, os manacás, a flor do imperador...

Avoengos paredões de pedra guardam ciosamente a poesia verde dos musgos e avencas que o tempo lenta e caprichosamente lhes foi concedendo.

Estatuetas da mitologia grega, repuxos e fontes. A fonte do Sapo, num recanto, onde pessoas de todas as classes, nos



Parque

tempos idos, cruzavam os portões abertos do palácio, cântaros à mão, em busca da água de beber de dom Pedro II que, “devendo ser a melhor de Petrópolis”, jorrava generosamente para todos naquela fonte que se tornara popular...

Roedores, peixes e aves alegam, como outrora, o parque imperial.

A flora do parque foi agora, a pedido, gentilmente classificada pelo diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, dr. João Geraldo Kuhlmann. Contam-se, assim, as seguintes espécies:

(Número, família, nome científico, nome vulgar e habitat).

1. CUPRESSACEAE. *Cupressus Lusitanica* Mill. Cipreste lusitano. México.
2. PALMAE. *Roystonea oleracea*. (Mart.) Cook. Palmeira real. Índias Ocidentais.

3. PALMAE. *Kentia*. Palmito amargoso.
4. PALMAE. *Livistona olivaeformis* Mart. Palmeira-leque. África
5. THEACEAE. *Camelia japonica* L. Camélia. Japão. Ásia.
6. MAGNOLIACEAE. *Michelia fiscata* (Andr.) Hance. Magnólia maçã. China
7. SOLANACEAE. *Brunfelsia Hopeana Benth.* Manacá. Brasil.
8. LEG. CAES. *Cassia multijuga* Rich. Cabuí. Brasil.
9. PALMAE. *Euterpe*. Palmito doce.
10. PALMAE. *Arecastrum Rommannzoffianum* (Chance) Becc. Baba de boi. Brasil.
11. AMARYLLIDACEAE. *Agave Americana* L. Piteira do México. América.
12. PALMAE. *Caryota urens* L. Palmeira do Ceilão. Ásia tropical.
13. LEG. MIM. *Acacia decurrens* Willd. Acácia negra. Austrália.
14. LAURACEAE. *Persea gratissima* Gaertn. Abacate. América tropical.
15. EBENACEAE. *Diospyros Kaki* L. Caqui. Japão.
16. MAGNOLIACEAE. *Magnolia grandiflora* L. Magnólia de flor grande. América boreal.
17. OLEACEAE. *Osmanthus fragans* Lour. Flor do imperador. China, Japão.

Vista lateral do museu





Parque

18. EUPHORBIACEAE. *Codiaeum variegatum* (L.) BL. Croto-Independência. Malaia
19. PITTOSPORACEAE. *Pittosporum undulatum* Vent. Incenso. Austrália.
20. ROSACEAE. *Eriobotrya japonica* (Thbg.) Lind. Flor de maio. Japão, China.
21. ERICACEAE. *Azalea indica* Lin. Azaléia. Índias.
22. APOCYACEAE. *Plumeria*. Pluméria.
23. LAURACEAE. *Endlicheria hirsuta* Ness. Canela preta. Brasil.

24. MAGNOLIACEAE. *Michelia champaca* Lin. Magnólia comum. Malaia.
25. EUPHORBIACEAE. *Alchornea iricurana* Cas. Lava-prato. Brasil.
26. ORCHIDACEAE. *Phajus grandfolius* Lour. Farjo. Oceania.
27. MELIACEAE. *Cedrella mexicana* Roem. Cedro rosa. México.
28. ROSACEAE. *Prunus sphaerocarpa* Sw. Pessegueiro do mato. América tropical.
29. LAURACEAE. *Nectandra reticulata* Mez. Canela amarela. Brasil.

Parque



30. MYRTACEAE. *Eucalyptus globulos* Lab. Eucalipto. Austrália.
31. EUPHORBIACEAE. *Euphorbia pulcherrima* Willd. Flor de papagaio. México.
32. MYRTACEAE. *Eugenia brasiliensis* Lam. Grumixama. Brasil.
33. RUBIACEAE. *Coffea arabica* L. Café. Arábia, África tropical.
34. EUPHORBIACEAE. *Hieronymia alchorneoides* Allm. Licurana. Brasil.
35. MELLACEAE. *Cabralea cangerana* Sald. Cangerana. Brasil.
36. BORRAGINACEAE. *Cordia*. Pau pereira. Brasil.
37. NYCTAGINACEAE. *Pisonia*. Brasil.
38. MONIMIACEAE. *Mollinedia*. Pau-peba. Brasil.
39. LEG. MIM. *Inga marginata*. Willd. Ingá miúdo. Brasil
40. LAURACEAE. *Ocolea pichurim* (H. B. e K.). Canela santa. Brasil.
41. MORACEAE. *Artocarpus integrifolia* L.F.
42. PALMAE. *Acrocomia selerocarpa* Mart. Coco de catarro. Brasil.
43. MYRSINACEAE. *Rapanea*. Carne de vaca. Brasil.
44. MYRTACEAE. *Myrciaria edulis* (Vell.). Cambucá. Brasil.
45. CYCADACEAE. *Cycas revoluta* L. Sagu. Japão.
46. MUSACEAE. *Ravenala Madagascariensis* Sonn. Árvore do viajante. Madagascar.
47. LEG. MIM. *Calliandra brevipes* Benth. Esponja. Brasil.
48. LEG. PAP. *Machaerium angustifolium* Vog. Jacarandá. Brasil.
49. MALVACEAE. *Hibiscus*. Hibisco amarelo.
50. LILIACEAE. *Cordyline terminalis* Kunth. Coqueiro de Vênus. Austrália.
51. LILIACEAE. *Cordyline stricta* Endl. Coqueiro de Vênus. Austrália.
52. THEACEAE. *Camelia sinensis* (L.) O. Ktze. Chá da Índia. China.
53. ARACEAE. *Phyllodendron Sellou* C. Koch. Cipó imbê. Brasil.
54. LEG. PAP. *Erytrina reticulata* Presl. Mulungu. Brasil.
55. CUPRESSACEAE. *Thuya*. Cipreste maçã.
56. LEG. MIM. *Inga sessilis* Mart. Ingá feijão. Brasil.
57. MARANTACEAE. *Calathea zebrina* Lindl. Maranta miúda. Brasil
58. MARANTACEAE. *Calathea*. Maranta. Brasil.
59. POLYGONACEAE. *Muehlenbeckia platyclados* Meissn. Canavina. Ilhas Salomão.

60. IRIDACEAE. *Neomarica caerulea* Spreng. Iris. Brasil.
61. LILIACEAE. *Agapanthus umebellatus* L'Hér. Agapanto. África Austral.
62. LILIACEAE. *Hemerocattis fulva* Linn. Hemerocale. Ásia.
63. SAXIFRAGACEAE. *Hyrangea hortensis* DC. Hortênsia. Ásia oriental.
64. ROSACEAE. *Spiraea chamaedryfolia* L. Buquê de noiva. Europa Oriental. Ásia Boreal.
65. VERBENACEAE. *Petraea semiserrata*. Viuvinha. Brasil.
66. APOCYNACEAE. *Nerium oleander* Lin. Espirradeira. Reg. Mediterrâneo, Oriente.
67. LILIACEAE. *Chlorophytum comosum* (Thumb) Bak. Clorófito. África.
68. POLYPODIACEAE. *Blechnum Brasiliense* Desv. Samambaia. Brasil.
69. ACANTHACEAE. *Sanchezia nobilis* Hook. Clorodendro. Equador.
70. CUPRESSACEAE. *Thuja*. Tuia.
71. MUSACEAE. *Heliconia*. Bico de papagaio. Brasil.
72. PANDANACEAE. *Pandanus utilis* Bory. Pandânio. Índias.
73. MELASTOMACEAE. *Miconia*. Camboatá. Brasil.
74. ANACARDIACEAE. *Schinus terebinthifolius* Raddi. Aroeira. Brasil.
75. SAPINDACEAE. *Cupania*. Cupânia chinesa. Brasil.
76. STERCULIACEAE. *Sterculia chicha* St. Hil. Chichá. Brasil.
77. ANACARDIACEAE. *Mangifera Indica* L. Mangueira. Índia oriental, Malaia.
78. PALMAE. *Cocos Weddeliana* Hort. Coco Weddliana. Brasil.
79. OLEACEAE. *Ligustrum japonicum* Thunb. Chumbeiro. Japão.
80. BOMBACACEAE. *Chorisia speciosa* St. Hil. Paineira. Brasil.
81. CANNACEAE. *Cana indica*. Cana. Brasil.
82. MAGNOLIACEAE. *Talauma ovata* St. Hil. Pinho do Brejo. Brasil.
83. ZINGIBERACEAE. *Hedychium coccineum* Buch. Ham. (Var. *carneum* (R.) Bak. Índia Oriental.
84. ARAUCARIACEAE. *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kunze. Pinheiro. Brasil.
85. EUPHORBIACEAE. *Acalypha*. Acalifa.
86. LILIACEAE. *Aloe arborescens* Mill. Lonina. África austral.

87. AMARYLLIDACEAE. *Agave americana* Lin. Agave. América tropical.
88. COMPOSITAE. *Montanoa bipinnatifida* C. Koch. Flor de maio. México.
89. LEG. CAES. *Caesalpinia ferrea* Mart. Pau-ferro. Brasil.
90. CASUARINACEAE. *Casuarina equisetifolia* Forst. Casuarina. Malaia, Ins. Pac.
91. NICTAGINACEAE. *Bougainvillaea spectabilis* Willd. Três Marias. Brasil.
92. AMARANTACEAE. *Iresine*. Iresine.
93. CUPRESSACEAE. *Cryptomeria japonica* (L.) Don. Árvore de Natal. Japão.
94. MUSACEAE. *Strelitzia reginae* Ait. Strelitzia. África austral.
95. MALVACEAE. *Hibiscus*. Hibiscus.
96. LEG. CAES. *Cassia macranthera* DC. Cactus do Peru. América austral.
97. CACTACEAE. *Cereus peruvianus* Mill. Cactus do Peru. América austral.
98. GRAMINEAE. *Cortaderia Selloana* (Sch.) Aschrs et Gaertn. Pluma. Argentina.
99. CYTHEACEAE. *Cyathea schanschin* Mart. Brasil.¹

1. Os nomes populares foram acrescentados pelo museu.

O Palácio



Escadaria do Palácio de Petrópolis do 1º para o 2º pavimento

O palácio começou a ser construído em 1845 pelo major de engenheiros Júlio Frederico Koeler, então superintendente da Fazenda Imperial de Petrópolis, com os gastos mensais estipulados pela Mordomia, que não poderiam ultrapassar a soma de sete contos, motivo por que levou quase dez anos para ser concluído. A obra foi iniciada pela ala direita, chamada mais tarde a ala pobre do paço de Petrópolis, pois o seu acabamento não agradou ao mordomo, sendo o restante do trabalho entregue a três grandes artistas: José Cândido Guilhobel, José Maria Jacinto Rebelo e Manuel de Araújo Porto-alegre, quando então foram construídos o corpo central com sobrado e a ala esquerda.

O palácio tem em sua fachada motivos gregos de decoração: colunas jônicas e coríntias. E ao alto da frontaria principal, as armas imperiais, os dragões dos Braganças, o cetro e a mão da Justiça.

Sem qualquer arremedo de fausto, o palácio de Petrópolis é simples. Porém é gracioso e acolhedor, fazendo lembrar as velhas mansões nobres portuguesas. Solidamente construído por largas paredes de pedra, suas madeiras são as mais preciosas e variadas do país, e os estuques dos tetos são trabalhos de arte dignos de serem apreciados.

Referindo-se ao Palácio de Petrópolis, escreveu Ribeyrolles, em 1859: “O Palácio do imperador é uma simples casa de campo, franca e risonha, a algumas toesas do rio.”

O cônego Fernandes Pinheiro, por sua vez, registrava: “Conta a recente cidade alguns bons edifícios, avantajando-se entre eles o palácio imperial, que, posto que pequeno, é muito mais gracioso do que o de São Cristóvão.

Vilhena Barbosa diria em 1864 “que o sr. d. Pedro II enobrecceu a cidade do seu nome com um palácio de campo, cercado de graciosos jardins. Não é a residência suntuosa de um monarca faustoso, mas sim a habitação esbelta, simples e aprazível de um soberano verdadeiramente constitucional, filósofo, amigo do povo, de costumes singelos, de um soberano enfim, que reputa a sua coroa imperial um encargo preñado de pesados deveres, e não um adorno da vaidade.

É um palácio de proporções regulares, nem vasto, nem acanhado, e no qual a nobreza de arquitetura soube aliar-se com a elegância e a simplicidade.”

Agassiz, por sua vez, não deixaria de concordar com essas opiniões, quando disse ser “Le palais d’été de l’Empereur, édifice plus élégant et moins sombre que celui de Saint Christophe.”

A construção do palácio é sólida. Suas paredes externas são de grossa alvenaria de pedra, e as divisões internas apresentam a mesma alvenaria e reforço de esteios de tapinhoã.

Os soalhos, portas, janelas e esquadrias são de ótimas madeiras nacionais: cedro, jacarandá, canela, peroba, pau cetim, pequiá rosa, vinhático. As ferragens, de bronze. Seus tetos são de estuque simples e laborado. Este tem trabalhos de grande beleza na sala do trono, gabinete de estudo, quarto de dormir e sala de música.

Desse modo, na sala do trono, o teto é rico de adornos. Estão ali, além da coroa, as iniciais de Pedro II e os dragões dos Braganças, alguns desenhos de estilos clássicos europeus. E de permeio a essa decoração, ali como alhures,

distinguem-se motivos nacionais como sejam o ananás, o caju, a pitanga, o araçá e a goiaba. No entanto, esse complexo artístico, longe de apresentar-se “pesado”, é harmonioso, leve e francamente belo.

No quarto de dormir, por exemplo, os desenhos deixam espaço, aos quatro cantos, para as iniciais do casal (P. T.). Ao centro, o artista teve a lembrança de colocar vá-



Vista do Palácio Imperial

rias papoulas, como que numa intenção reverente de inspirar pronto e reparador sono a suas majestades, através da imagem da conhecida “dormideira”...

E desse gênero são os estuques do gabinete de estudo do imperador, da sala de jantar e da sala de música, sendo que este último ostenta admiráveis painéis, frisos e colunas.

Dos arquitetos do palácio, Manuel de Araújo Porto-alegre, barão de Santo Ângelo, discípulo de Debret e do barão de Gross, diretor da Imperial Academia de Belas-Artes e archi-



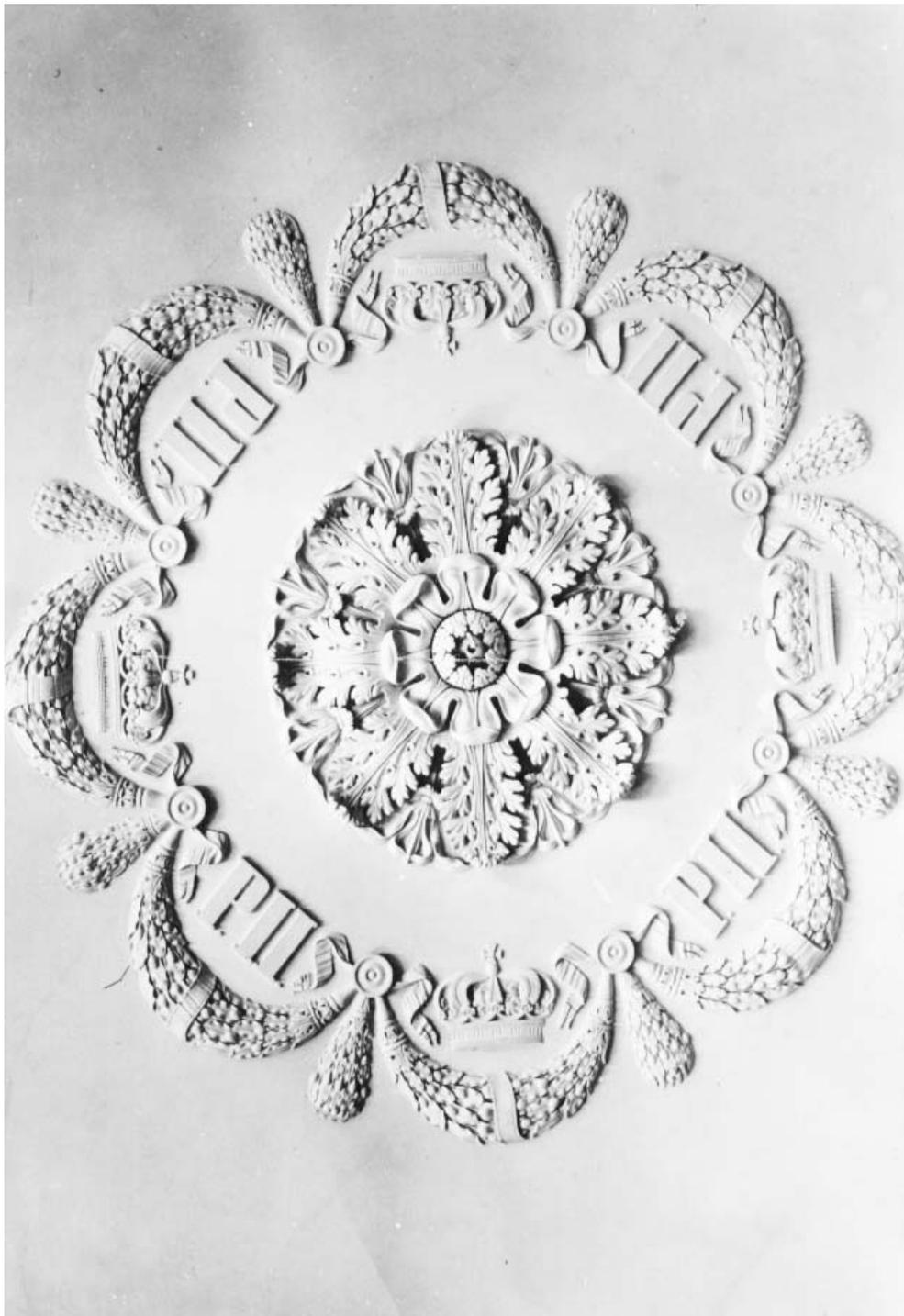
Carruagem imperial adquirida por encomenda em Londres, no ano de 1837, para o serviço de d. Pedro II. Popularmente chamada “Monte de prata” ou “Carro de cana”, em virtude dos ricos adornos de prata e pintura amarela e verde

teto dos paços imperiais, sua biografia é bem conhecida, dispensando detalhes. O coronel Joaquim Cândido Guilhobel, lisboeta de nascimento, professor de desenho e arquitetura, na Academia Militar do Rio de Janeiro em 1827, foi um grande artista da época, deixando dois álbuns de magníficos desenhos elaborados em 1814, e aquarelas, sobre costumes brasileiros. Guilhobel foi o que maior papel desempenhou, na construção do paço de Petrópolis. José Maria Jacinto Rebelo, que deixara seu nome ligado a Petrópolis, como diretor da colônia, construtor da caixa d’água da Garganta e do caminho de Petrópolis a Pati do Alferes, possuiu títulos bastantes para ser conhecido artista de mérito.

Matriculou-se em 1835 na Academia de Belas-Artes, e foi aluno de Grandjean de Montigny, professor de desenho da Escola Central (depois Politécnica), foram seus os desenhos da fachada do Hospital da Misericórdia, vestíbulo do Palácio Itamarati, e hemicíclo do antigo Matadouro, na rua de São Cristóvão. São dele os desenhos da sala de música.

O executor dos estuques foi Francisco Alves Nogueira. As ferragens foram de João Batista Dall'Orto. Mestre de obras, Manuel de Almeida. Os quatro pedestais jônicos do palácio foram trabalho de Domingos Francisco Batista.

As madeiras de lei vieram de todo o Brasil: por exemplo: o vapor *Baiana* trouxe do Pará o pau cetim para a sala do trono.



Decoração do teto da sala do trono

As Salas de Exposição



Galeria do sobrado do palácio de Petrópolis

Para guarnecer o Museu, o primeiro pensamento, naturalmente, foi para os objetos que existiam nos antigos paços imperiais, isto é, paço da Cidade, São Cristóvão, Petrópolis e Santa Cruz.

Esses objetos, em sua maioria, passaram por leilão e mãos particulares, e felizmente, guardados no país, com carinhoso cuidado e apreço. Pôde assim haver apreciáveis donativos de coleções particulares, como as dos srs. Guilherme Guinle, Lineu de Paula Machado, família conde Modesto Leal, Vasco de Azevedo Lima, Pedro Paranaguá, etc.

E ainda foram transferidos vários objetos, notadamente do Palácio Itamarati, Tesouro Nacional, Casa da Moeda, Museu Nacional e Palácio do Catete. Por outro lado, diversos donativos e aquisições completariam a aquisição histórica e artística do Museu.

Vejamos, agora, como foram, e se acham dispostas as coisas e os objetos.

No vestíbulo

O piso de mármore branco e preto (carrara e belga), colocado em 1854, é circundado por portas de vinhático, com ferragens de bronze, sendo que a do centro, ao fundo, gradeada, e com balaustres trabalhados, tem a graça de uma porta conventual.

LUSTRE DE BRONZE DOURADO com 10 luzes. Mangas de cristal lavrado. Foi deste paço.

DOM PEDRO II EM TRAJES MAJESTÁTICOS. Estatueta de bronze maciço, pesando mil e duzentos quilos, e não confunda o pedestal, que é de madeira. Fundida no Brasil, e trabalho das oficinas da Ponta da Areia, de Irineu de Sousa Evangelista (Mauá) (I).

CONSOLO DE JACARANDÁ, com coroa e inicial T da imperatriz, e fundo de espelho (IX). Sobre ele, dois castiçais de bronze, pingentes e mangas de cristal, tendo a coroa e a sigla P II (XI).

CONSOLO DE JACARANDÁ, com coroa e inicial T da imperatriz, e fundo de espelho (IX). Sobre ele, um pequeno cofre de madeira trabalhada, com coroa e iniciais T. M. C., que pertenceu a d. Teresa Cristina (XI).

RELÓGIO-ARMÁRIO, típico francês. Caixa de mogno com pêndulo de bronze. Sobre o mostrados, um baixo relevo dourado, representando uma vindima. Pertencia a este paço e nunca saiu do local onde está.

ARMAS IMPERIAIS, de ferro, coloridas em suas cores heráldicas (I).

BANDEIRA DO IMPÉRIO, de pano, dentro de moldura com vidro (XI).

Nas portas interiores, espelhos de fechadura e bronze dourando com as iniciais P I e coroa imperial, e no alto, nas bandeiras, floridas cartuchos dourados com a sigla P II, encimada pela coroa (I).

Sala da imperatriz

No centro do teto, uma grande rosácea em estuque cor de ouro, formada por folhas de acanto e ramos de rosas.

LUSTRE de bronze dourado, com 18 luzes da época (XI).

Soalho de pequiá rosa com listas de pau cetim e jacarandá.



Decoração do encosto do mobiliário da sala dos embaixadores

As cortinas foram copiadas das últimas existentes, quando da partida do dos donos da casa para o exílio. Gosto da época. Tapete Aubusson.

MOBILIÁRIO de jacarandá com estofa Aubusson, coroa e inicial T. da imperatriz (I).

MESA DE CENTRO, toda em mármore preto, com as armas do Império e outros desenhos no tampo, em mosaico, é um trabalho italiano composto de três peças desmontáveis. Pertenceu a este Paço, e foi adquirida para o então Museu Histórico de Petrópolis, quando houve o seguinte episódio: recebida a denúncia de que uma humilde casinha de morro petropolitano existia uma “linda mesa com as armas de dom Pedro I”, lá fomos surpreendê-la, a um canto de exíguo compartimento, uma trouxa de roupa por cima.

– Como obteve essa mesa?

– A avó de minha mulher foi lavadeira do palácio, e o imperador fez-lhe presente.

Ouvida a explicação, e inútil seria duvidar de sua veracidade, foi ajustado o preço de compra. No inventário de objetos pertencentes a este paço, feito em 1863, assinalada fora a existência dessa mesa.

PAR DE CONSOLOS, estilo império. Mogno com aplicações de cedro dourado. Espelhos com moldura de talha dourada, tendo no alto, entre outros motivos, as armas do Império e troféus de marinha. Do mobiliário mandado fazer especialmente para a fragata *Constituição* quando, em 1843, foi buscar em Nápoles a princesa Teresa Cristina, recém-casada (XI) e (XII). Sobre os consolos:

PAR DE CANDEEIROS em bronze e metal dourados e cinzelados. Pertenceram à imperatriz Teresa Cristina (XIII).

PAR DE CANDEEIROS em bronze dourado e porcelana de SÈVRES, esmaltada de azul, mostrando de um lado uma cena da fábula de La Fontaine “A raposa e a cegonha” e do outro, um ramo de flores (XIII). Foi também propriedade da imperatriz.

PEQUENO CONSOLO com incrustações de várias madeiras e desenhos. Tampo de mármore. Trabalho francês do século passado. Pertenceu a este paço. Sobre ele, RELÓGIO DE BRONZE dourado, época Luís Filipe, que pertenceu a Félix Emílio Taunay (XI), e UM PAR DE JARRAS de porcelana francesa, com os retratos de Pedro II e Teresa Cristina, logo após o casamento. Doação do governo da Bahia. Ao fundo, tela a óleo, representado Pedro II fardado, pelo pintor brasileiro Manuel Poluceno Pereira da Silva. Esse quadro fora doado pela baronesa de São Joaquim à Catedral de Petrópolis, para figurar na capela imperial. Como porém, não fosse possível dar-lhe este destino, foi o quadro colocado na sacristia da catedral, quando então, criado o Museu Imperial, foi ele pleiteado junto ao sr. bispo diocesano, e, graças aos bons ofícios

do presidente Getúlio Vargas, recolhido ao museu. O trabalho apresentava então um mistério: a data da execução, posta pelo artista, é 1857, e o imperador tinha barbas brancas. Ora, nesta data dom Pedro teria 32 anos incompletos, e é sabido que o monarca, embora precocemente, começou a ter os cabelos grisalhos somente após o irrompimento da Guerra do Paraguai.

Examinada a tela pelo restaurador do museu, verificou-se ter o trabalho sofrido retoques em época posterior à sua fatura, e assim, por baixo da tinta branca dos cabelos, não foi difícil fazer surgir a cor loura primitiva.

Esses retoques, feitos sem dúvida por um pintor bisonho, ainda haviam prejudicado a postura do braço esquerdo do imperador. Será que a explicação pode ser dada, ante o fato

Sala dos Embaixadores



de não se poder conceber Pedro II de outro modo senão grisalho, e, portanto, velho?

Idêntico fenômeno é observado no retrato a óleo de Pedro II, existente na sala de sessões da Câmara Municipal de Petrópolis, executado por Joaquim da Rocha Fragoso, e datado em 1859.

DOM PEDRO II COLOCANDO UMA PEDRA FUNDAMENTAL. Tela a óleo, de Emílio Bauch, pintor alemão vindo para o Brasil na segunda metade do século passado. Destacam-se no grupo o imperador, de perfil, de casaca, e o bispo do Rio de Janeiro dom Manuel do Monte Rodrigues Araújo, conde de Irajá, capelão mor de dom Pedro II, que celebrou a cerimônia religiosa de suas majestades. Ao fundo, os arcos de Santa Teresa. A cerimônia, conforme registra a própria tela, foi a 19 de agosto de 1862 (I).

RETRATOS DE DOM PEDRO II E DE DONA TERESA CRISTINA. Telas a óleo, de autoria do artista brasileiro Francisco Franco de Sá, e feitos em Paris, no ano de 1887, por ocasião da última viagem dos imperadores à Europa (I).

Sala dos embaixadores

MOBÍLIA DE JACARANDÁ e estofos Aubusson. No alto dos espaldares, as armas imperiais e os dragões. Pertenceu a igual sala do paço de São Cristóvão (IX).

TAPETE AUBUSSON, estilo Luís XVI, da mesma procedência.

PAR DE PAINÉIS de tapeçaria (Gobelinos), com motivos de flora tropical brasileira (coqueiro e bananeira) (V).

PAR DE CONSOLOS Império. Mogno, com aplicações de bronze dourado. Armas imperiais e a sigla P I. Pertenceu ao Paço de São Cristóvão (V).

PAR DE JARRAS DE PORCELANA, com cenas românticas. Pertenceu ao Paço de São Cristóvão. Doação do sr. Inácio Areal.

MESA DE CENTRO, de mogno, que pertenceu a este paço.

CANDELABRO com 12 luzes, de metal prateado e ornatos dourados, oferecido pelas irmãs Figueiredo.

PAR DE PEQUENOS CONSOLOS, Império. Mogno, com armas e ornatos em bronze dourado. Sobre um dos consolos, caixa de madeira entalhada, com as armas imperiais na tampa, oferecida em 1825 a d. Pedro I, com mensagem de adesão da colônia de São Leopoldo, na antiga província de São Pedro do Rio Grande do Sul (I).

PAR DE LUSTRES, de oito luzes, modificados para quatro. Foram deste paço. Passamanes feita segundo o modelo primitivo.

RETRATO DE DONA MARIA II, rainha de Portugal. Tela a óleo de Rodrigues Simplicio de Sá, pintor português vindo para o Brasil (I).

RETRATO DE PEDRO II EM TRAJES MAJESTÁTICOS. Quadro datado de 1849, de François René Moreaux, pintor francês, radicado entre nós. Pertenceu ao palácio da província de São Paulo. Doação do dr. Amador da Cunha Bueno.



Retrato a óleo de D. Pedro I,
por Araújo Porto-Alegre

Quando da proclamação da República, populares exaltados, penetrando na sala do palácio, onde se achava a tela, deram-lhe vários golpes de instrumento cortante, e um deles, a tinta vermelha, escreveu horizontalmente, no terço inferior: “Viva a República”. Não faltaria assim, entre nós, como alhures, em semelhantes ocasiões históricas, o desatino popular,

investindo contra esses objetos e símbolos, como se da prática desses gestos dependesse, no caso, o consolidação do novo regime.

RETRATO DE DOM PEDRO I. Trabalho de Manuel de Araújo Porto-alegre, barão de Santo Ângelo, com a visível influência de seu mestre Debret. O imperador é apresentado de perfil, fardado e com várias condecorações. É a mesma atitude reproduzida pelo artista na tela da faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que representa o soberano no ato da entrega do decreto da reforma da Academia Médico-Cirúrgica. Talvez seja o único retrato a óleo que reproduz no rosto do imperador, os sinais deixados pela varíola. (I).

RETRATO DE DOM JOÃO VI. Óleo de Domingos Antônio de Sequeira (XI).

RETRATO A ÓLEO DA PRINCESA ISABEL. Assinado Cañizares, 1888. Trata-se de Miguel Navarro y Cañizares, pintor espanhol, que dirigiu uma escola de pintura na Bahia. O trabalho, conforme se observa, é medíocre, apresentando a princesa com traços muito duros. Entretanto, esse retrato foi escolhido para figurar nas modernas notas em papel, de cinquenta cruzeiros.

ESPELHO DE CRISTAL, de forma elíptica, com moldura de talha dourada. Pertenceu à Casa da Fazenda do Córrego Seco, demolida em 1942. Doação de Bernardino da Rocha Prista.

ESTÁTUA DE MÁRMORE “Mima”. Trabalho do conde Arthur de Gobineau, precursor do racismo e famoso ex-ministro de França no Brasil de 1869 a 1870. Grande admirador de Pedro II, na Itália, executou e remeteu ao imperador em 1879, a referida estátua, representando, conforme o autor, “uma escrava asiática, jogando bolinhas, da mão direita para a esquerda”, a qual, “j’ai voulu faire une création assez mélancolique et non pas sensuelle”. A respeito dessa peça de arte, Gobineau e Pedro II falaram em vinte cartas. (Vide



Coroa de d. Pedro II. Ouro, 640 brilhantes e 100 pérolas. Trabalho executado em julho de 1841, pelo joalheiro da Casa Imperial, Carlos Marin, estabelecido na rua do Ouvidor, 139.

a obra de Georges Raeders: “D. Pedro II e o conde de Gobineau”). E leia-se, a propósito, o que escreveu Afrânio Peixoto no volume III do Anuário do Museu Imperial (1942), sob o título: “A Mima de Gobineau”. Nas suas cartas, mostrava-se

o missivista ansioso por saber a impressão do soberano, pelo seu trabalho. Este, ao acusar-lhe o recebimento, e louvando-o pela obra de arte, fez, no entanto, uma ressalva: “mais je trouverais peut-être les seins trop pleins”. Ao que aquiesceu logo o artista diplomata: “Votre Majesté a raison pour la poitrine de la “Mime”. Elle est un peut trop pleine pour l’âge”. Essa concordância não impediu, todavia, que mais tarde voltasse ao assunto: “Je contemple d’autant plus la Mime, à laquelle je trouve beaucoup de sentiment. Même la gorge me semble à présent naturelle.”

Colocada a estátua no Museu Imperial, e narrado esse episódio, a Afrânio Peixoto, o mestre da medicina cobre com a mão um seio da escrava e decide: “Cabe na concha da minha mão. Anatomicamente perfeito...” (V).

Na Sala das Jóias

COROA IMPERIAL DE DOM PEDRO II. Rica peça de alto valor material, e inestimável valor histórico, pelas duas razões, peça única do continente americano e relíquia do Brasil. Ouro cinzelado, com 640 dos melhores brilhantes de Minas Gerais (lapidação da época), sendo que a pedra correspondente à face anterior da jóia tem 18 quilates, 100 pérolas e pesa o conjunto 1.856 gramas. Feita especialmente para a data da sagração e coroação do imperador. O gorro de veludo verde é ainda o primitivo, sendo que o forro de cetim branco existente por baixo do veludo, ostenta os sinais de uso. Confirmando os informes dos Livros da Mordomia da Casa Imperial, foi encontrado, dentro da pequena esfera de ouro da peça, um pedacinho de papel, com o seguinte manuscrito: “Esta coroa foi feita por Carlos Marin & Cia., joalheiro da Casa Imperial, Rua do Ouvidor, 139, em o mês de julho de 1841.” Adquirida da família imperial pelo Governo da República em 1931, sendo que desde 1889 até 1943 esteve depositada no Tesouro Nacional (II).



Colar e par de brincos da imperatriz Leopoldina. Trabalho em filigrana de ouro, com pequenas esmeraldas, representando as dezenove províncias do Império

COROA DE DOM PEDRO I, de ouro cinzelado, sem as pedras primitivas que foram retiradas para a coroa de d. Pedro II, pesando 2.684 gramas. Planejada pelo artista Inácio Luís da Costa e executada por Manoel Inácio de Loiola. Assemelha-se pelo formato alongado à coroa de Napoleão (III).

CETRO DE OURO com um dragão, tendo dois pequenos brilhantes nos olhos. Serviu aos dois imperadores, tendo sido carregado pelo visconde de São Leopoldo na cerimônia de coroação de Pedro II. Transferido do Tesouro Nacional.

ESPADIM DE CORTE da época de dom João VI. Punho de filigrana de ouro com um brilhante encastado no pomo. Lâmina com a inscrição: “Viva El Rey de Portugal”. Transferido da Casa da Moeda.

PEQUENO CETRO DE D. PEDRO II. Marfim e bronze dourado.

LIVRO COM CAPA DE VELUDO VERDE, guarnições de ouro e coroa do mesmo metal ornamentada de pérolas. Oferta de portuenses a d. Pedro II, contendo uma saudação gratulatória pelo feliz termo da Guerra do Paraguai, e mais de sete mil assinaturas, entre as quais, a de Camilo Castelo Branco.

PUNHAL com cabo de ébano e ornatos de ouro cinzelado e bainha do mesmo metal, com as armas imperiais e a sigla P. II.

MEDALHA DE OURO cunhada com o produto de uma subscrição feita pelas Câmaras Municipais da província do Rio Grande do Sul, para ser oferecida a d. Pedro II em agradecimento ao auxílio prestado para a rendição de Uruguaiana. Trabalho de um ourives francês, Constant. Doação do governo do Rio Grande do Sul por interferência do Instituto Histórico daquele estado.

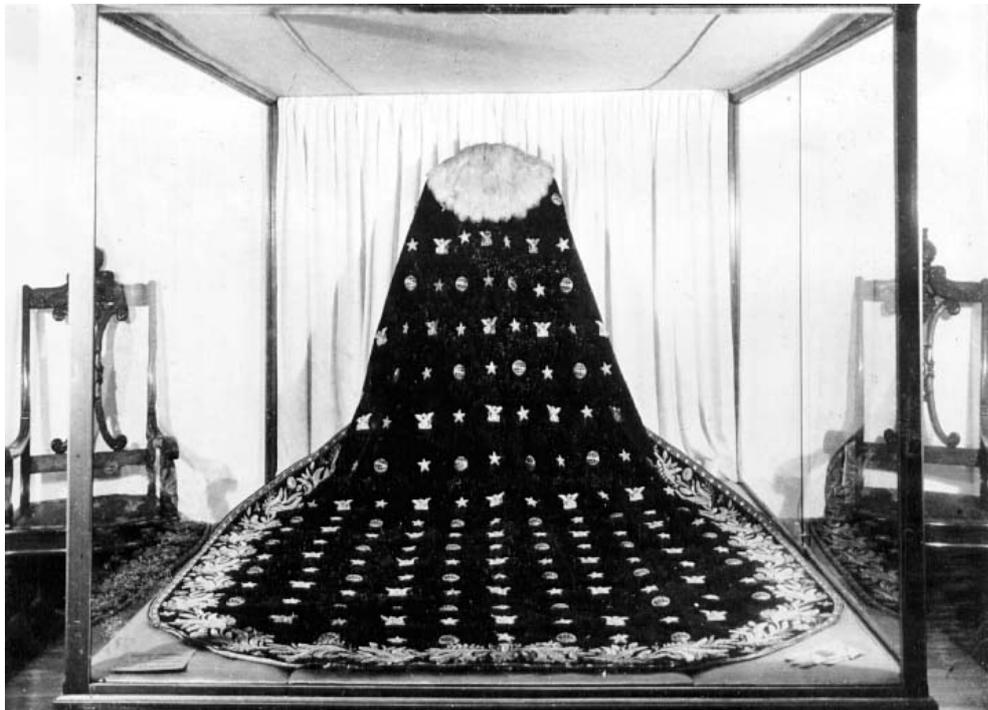
VITRINA À DIREITA – Jóias da família imperial, de titulares e outras da época. Entre as mais valiosas, destacam-se o ADEREÇO DE FILIGRANA DE OURO que pertenceu à impe-

ratriz d. Leopoldina, composto de colar e brincos em número de 19 esferas armilares, com o nome das províncias do império; o colar que pertenceu à marquesa de Santos, de ouro e catorze ametistas grandes, com um medalhão da mesma gema, encastada de um camafeu com a efígie de d. Pedro I; PORTA-TOALHAS de d. Pedro II em prata e ouro, todos da coleção Guilherme Guinle, e tabaqueira de ouro e esmaltes, com a efígie de Pedro II e duas alegorias.

Sala do Manto:

MANTO IMPERIAL DE DOM PEDRO II. Veludo verde bordado a ouro, com esferas armilares, dragões, estrelas, barra com ramagens, placas com a sigla P II e uma grega. Trabalho executado para a Coroação, por Rosa Alexandrina de Lima

Manto imperial de d. Pedro II



Murça de papos de tucano. Note-se que nesta não foram empregadas penas de galo da serra.

Mão direita da LUVA CÂNDIDA de dom Pedro II. Em malha, sendo bordadas a ouro as armas imperiais. Doação da sra. Stela Guerra Duval.



Conta do hotel de Bragança ao Palácio relativa à estada do pintor Agostinho da Mota.

FARDAS DE DOM PEDRO II – pequenos uniformes de chefe supremo do Exército e Marinha.



Gomil de prata, que pertenceu a d. Pedro I, tendo a coroa imperial e a sigla P. I

Sala das pratas

GOMIL E SALVA DE PRATA de dom Pedro I (I).

APLIQUE DE PRATA tendo ao centro a sigla de Pedro II por baixo de uma coroa real. Ornamentava, com dezenas de outros, iguais e menores – os painéis da sala do paço da Cidade. São da época de dona Maria I. Após a Independência, mudaram-se os símbolos, tendo-se batido a face dos escudos e lhes aplicado a sigla P. I. de metal amarelo, e no Segundo Reinado, acrescentando mais um algarismo (XI).

OBJETOS DE PRATA – nas duas vitrinas, peças manufaturadas no Rio, Minas e Bahia, nos séculos XVIII e XIX, e com os contrastes dos artistas. Raríssimas serão hoje, no Brasil, as peças imperiais em prata. Segundo é sabido, as pratas de dom João VI, que não foram com ele, o filho as levou junto com as suas. Estas, em boa parte, após a morte da imperatriz Amélia, couberam, por herança, à sua irmã Josefina

rainha da Suécia. E hoje, na corte desse país escandinavo, figuram inúmeras peças imperiais brasileiras, trabalho do famoso prateiro francês Odier.

As pratas de Pedro II, cerca de 3 toneladas, seguiram com o imperador para o exílio, encaixotadas pela Casa Luís de Resende, e as dificuldades financeiras sofridas pelo banido na Europa despojaram-no desses objetos, vendidos que foram em Paris, a peso de metal, sendo que uma terrina e um par de candelabros, peças ainda de d. João VI, e da baixela de dom João V, feitas pelo célebre Germain, foram revendidas a um dos banqueiros Rothschild.

O príncipe dom Pedro, em sua atual residência de Petrópolis, possui ainda uma meia dúzia de peças de seu bisavô, que escaparam à venda.

PEQUENO CONSOLO DE JACARANDÁ, século XIX.

CADEIRAS DE JACARANDÁ, século XIX (VII).

RETRATOS DO IMPERADOR D. PEDRO II E DA IMPERATRIZ TERESA CRISTINA. Duas litografias impressas nas oficinas Lemerrier, Paris, segundo os desenhos de Joaquim Gomes Tourinho da Silva, Bahia, em outubro de 1859 (por ocasião da visita imperial àquela província); uma, reproduzida por Marin-Lavigne (Luís Stanislau), 1797-1860, e a outra, por Lemoine (Alfredo-Francisco), 1824-1881, ambos litógrafos franceses (XIV).

Corredor geral

ALA ESQUERDA: quatro clarabóias ornamentadas em estuque. Motivos de palmetas e flores estilizadas segundo o estilo império. ESTAMPAS de diversos processos de gravura, retratos de pessoas da família imperial, vistas e paisagens do Brasil no século XIX, desenhadas por Debret, Henderson, Chamberlain, Rugendas, d' Astrel, Maurin, José Vilas Boas, Durand Brager, Alfred Martinet, Garneray, Massard, Fanoli, Gaildran, Turgis, Bernard et Delarue.

CONSOLO IMPÉRIO: mogno com aplicações de bronze dourado. Móvel do paço. Transferido do Museu da Cidade.

CANDELABRO da época de Luís Filipe, para cinco luzes (XI).

RETRATO DA PRINCESA ISABEL. Tela a óleo de José Irineu de Sousa, discípulo de Vítor Meireles, feita em 1885. Transferido do Museu da Cidade.

Sala dos cristais imperiais

Esta peça do edifício desempenhava um papel especial. A cozinha, como os banheiros eram localizados em construção externa, aos fundos do palácio. A comida vinha da cozinha em caixas de madeira forradas de metal, e nesse estreito compartimento à sala de jantar, os alimentos eram passados para os pratos, e então, abertas as portas, eram levados para a mesa do imperador.

Os cristais, de Baccarat, ostentam, todos eles, as armas imperiais.

Numa coluna de mogno, próxima à janela, um BUSTO DE PEDRO II MENINO, assinado Zeferino Ferrez, 1839 (I).

Sala de jantar

TETO ESTUCADO. Friso com alternância de cornucópias carregadas de flores e frutos: rosas e flores do campo, pêras, romãs, cachos de uvas, e motivos nacionais tais como caju, goiaba, abacaxi; nos cantos, rosáceas de folhas estilizadas. Soalho tabelado de pequiá rosa, jacarandá e pau cetim.

MOBÍLIA DE SALA DE JANTAR DO PAÇO. Mogno. Marca: F. Leger Jeanselme Père Cie., fils. Leger era tapeceiro e marceneiro estabelecido no Rio de Janeiro, fornecedor da Casa Imperial.

Reparo curioso são os motivos de exército e marinha, nas almofadas do ÉTAGÈRE do imperador.

TAPETE AUBUSSON, estilo Luís XVI (XI).

LUSTRE DE METAL DOURADO e pingentes de cristal, pesando 30 quilos, com 3 ordens de velas e 64 luzes. Arandelas de cristal coloridas. Pertenceu ao palacete do marquês de Abrantes na praia de Botafogo.

TRÊS TELAS A ÓLEO, representando natureza morta, de Agostinho José da Mota (XI). Esse artista, nascido em 1824 no Rio de Janeiro, e morto em 1878, foi muito apreciado pelo imperador.

No arquivo da Casa Imperial há um recibo de suas estadas no hotel Bragança, em Petrópolis, por conta de d. Pedro II, e cuja reprodução, pelos preços, tem um certa graça.

CASA DA FAZENDA DO PADRE CORREIA, pintura sobre madeira, de Hagedorn. Trata-se da famosa propriedade no atual 2º distrito de Petrópolis, localidade que passou a chamar-se Correias. Nessa casa, ainda existente, embora com modificações, pela frente da qual passava a estrada de Minas, o padre Correia agasalhou, durante três verões, o imperador dom Pedro I, e hospedou inúmeros dos viajantes ilustres da primeira metade do século passado, como John

Cristais de uso de d. Pedro II





Cristais de d. Pedro II, com as armas imperiais

Mawe, Saint-Hilaire, Walsh, Spix e Martius, Pohl, Rugendas, Gardner, Castelnau, Eschwege.

Além da casa, tendo ao fundo a capela de N. Sra. do Amor Divino, vê-se a grande figueira sob a qual dormiu Tiradentes na sua última viagem ao Rio, quando levava o plano de conspiração. E por essa “estrada de Minas”, aberta em 1725 como “atalho do Caminho Novo”, encurtando de quatro dias a viagem de Minas para o Rio, além dos viajantes ilustres, passou ainda por ela muito ouro, destinado à corte de dom João V. Guarnece a mesa e o “étagère” PEÇAS DE CRISTAL DOS SERVIÇOS IMPERIAIS, e sobre os aparadores, PORCELANA DA CÂMARA MUNICIPAL DA CORTE (XI) e DUAS OPALINAS que foram do paço (V).

Sala de porcelanas imperiais

VITRINAS MAIORES com peças ostentando armas imperiais, e simples, de uso dos paços. Alguns exemplares únicos. Fabricantes das melhores indústrias européias. Em pequena

vitruina, louças comemorativas. Entre elas, um PRATO DA INDEPENDÊNCIA, com versos atribuídos a dom Pedro I:

*“Passar de reino à colônia
É desar e humilhação
Que sofrer jamais podia
Brasileiro coração.”*

QUADRO COM AS ARMAS IMPERIAIS esculpidas em miolo de figueira sobre veludo. Doação do embaixador José Carlos de Macedo Soares.

BUSTO EM BRONZE DE D. PEDRO II, executado por ocasião da Maioridade. Fundido às expensas da municipalidade de Petrópolis, segundo original em gesso, transferido da Escola Nacional de Belas-Artes para o museu. Ao centro, MESA DE MÁRMORE, com tampo de mármore róseo, que pertenceu ao almirante Beaurepaire. Doação da sra. Cecília d’Escragnolle Dória.



Relógio que pertenceu ao conde de São Clemente

UM PAR DE JARRÕES DE CERÂMICA, fábrica Devesas, Porto; com os retratos de dom Pedro II e dona Teresa Cristina (XI).

Sala de Cristais de Titulares

VITRINAS com variadas peças com brasões e iniciais de titulares. Destacam-se pelo lavor, os cristais do marquês de Três Rios, da marquesa de Santos, do barão de Vargem Alegre.

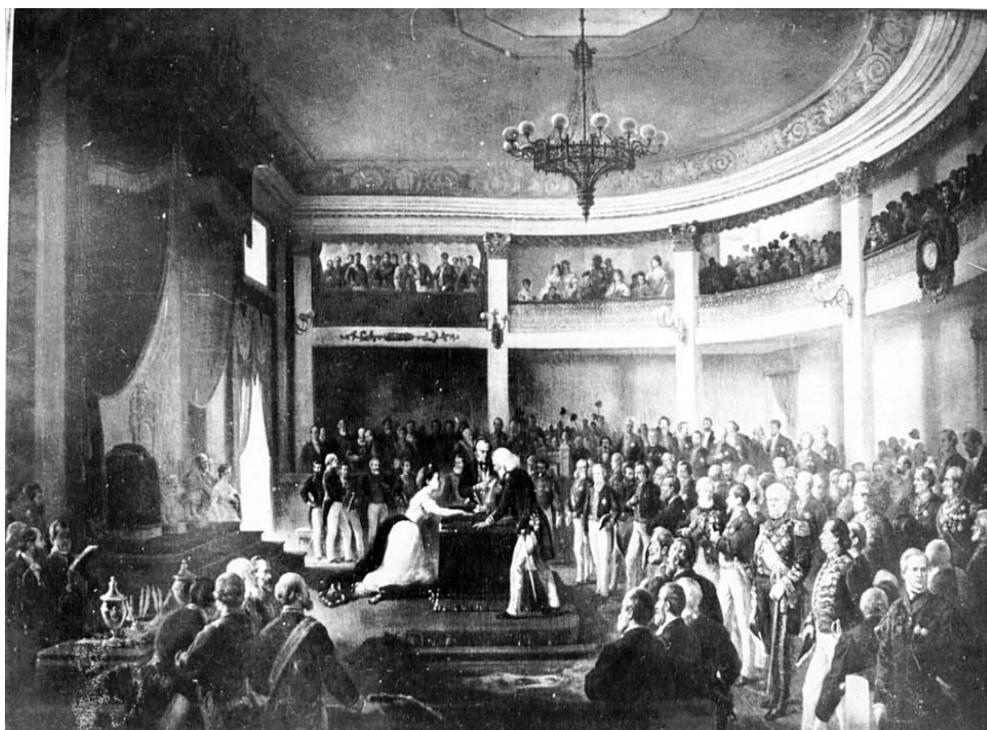


Sala de jantar do palácio de Petrópolis

Sala de baile e música

No extremo do corredor da ala esquerda. Cinco portas interiores e três do lado oposto, dando para o pórtico lateral. Todas em cedro.

Entre as mesmas, colunas jônicas. Friso em baixo relevo com motivos de festões sustentados por cupidos, em alternância com a sigla de dom Pedro II. Teto em painéis estucados, constituído de um octógono central e retângulos, três de cada lado, caprichosamente decorados, notando-se instrumentos de música (trompas, liras, viola, gaita) e dragões heráldicos. Soalho de pequiá-rosa com frisos de jacarandá e pau cetim.



Quadro a óleo de Vitor Meirelles representando, no recinto do velho Senado, a cerimônia do “Juramento da princesa Isabel à Constituição”, para substituir o pai no governo, como regente do Impéri

não sou culpado e antes sim aquele distinto arquiteto, por demorar a entrega dos desenhos, apresentando-os a V. Excia. agora em meados do mês de dezembro, quando a obra já estava a concluir-se.”

E mais adiante: *“Parece-me que uma parte dos ornatos são aproximadamente os mesmos que projetara o sr. Guilhobel, por ter tudo ocasião de os ver, quando lhos pedi, para serem presentes a V. Excia., recusando ele entregar-mos”* (os grifos são nossos).

TRÊS LUSTRES DE CRISTAL. Pertenceram ao Palácio de Cristal de Petrópolis (XV). Esta parte do edifício serviu, até há pouco tempo, como auditório do Museu. Aguarda o monumento de ser arrumado para exposição. Em 1852, inaugurando a sala,

realizou-se um sarau, dado pelo imperador, nos seus 26 anos, a uma centena de pessoas da sua amizade. Tão curioso foi o acontecimento, pela graça e finura de que se revestiu, que vamos reproduzir a notícia dada por um jornalzinho, o *Novo Correio de Modas* – daquele ano, existente na Biblioteca Nacional:

“Ainda que pareça um pouco tarde a presente narração da representação do exímio artista Herr Alexander dada na augusta presença de SS. MM. II. no Palácio Imperial de Petrópolis, nem por isso julgamos que os nosso honrados leitores receberam sem interesse a descrição minuciosa que algumas curiosas experiências do mágico do XIX século, que mais cativaram a atenção e provocaram a admiração de SS. MM. II. e dos convidados, que orçavam por um cento.

Na falta de um local apropriado, foram por ordem de S. M. I., no curto espaço de 24 horas, prontificadas da maneira satisfatória as salas necessárias para a representação, além de salas para refrescos, etc.; e todo o palácio, ainda em construção, tomou para essa noite um dos aspectos mais agradáveis.

Principiou a representação às 8 horas da noite. Durante toda ela dignaram-se SS. MM. II. de exprimir de uma maneira não equívoca sua particular satisfação e aplauso. Na verdade, o artista parecia ter ajustado para essa representação uma entrevista extraordinária com seus rasgos invisíveis, para tornar possível o impossível, para produzir maravilhas e habilidades, cuja possibilidade o espírito humano nem por sonhos podia permitir. O limitado espaço não nos permite descrever por miúdo toda esta interessante noite; não podemos porém furtar-nos ao desejo de contar com minuciosidade algumas das mais salientes habilidades do artista.

De um pequeno, insignificante botão de rosa prometeu Herr Alexander fazer desabrochar a mais bela rosa do Brasil. Depois dos necessários preparatórios e manipulações, nasceu pouco a pouco do botão uma magnífica rosa Pedro II, que o artista com a sua conhecida delicadeza teve a honra de apresentar a sua majestade a imperatriz, que se dignou conservá-la nas suas augustas mãos durante toda a representação, e ainda durante todo o baile que rematou tão divertidas horas.

Água se transformou em delicioso vinho, prata em ouro, as sete cores do arco-íris partiam de uma escura garrafa, choviam flores como da cornucópia de Flora sobre todas as senhoras presentes, sem excetuar

nenhuma; escondiam-se cartas; moedas e outros objetos, para extraordinário recreio, nas pregas e mangas dos preciosos vestidos de seda das senhoras presentes, de que nem sua majestade a imperatriz foi isenta.

Nenhuma porém destas pasmosas e extraordinárias habilidades excitou tanto a admiração geral como as duas seguintes:

Herr Alexander pediu a sua majestade o imperador e a sua majestade a imperatriz se dignassem escreverem o que houvessem por bem em um pedacinho de papel. Tendo-se dignado suas majestades imperiais com a maior bondade condescender com os desejos do artista, pediu ele ao sr. visconde de Barbacena de queimar o papelinho, que estava ainda em cima da mesa diante de S. M. o imperador. Queimado o papelinho, dirigiu-se Herr Alexander a sua majestade a imperatriz, com a humilde súplica de determinar sua majestade em qual das duas velas de espermacete que se achavam sobre a mesa queria que se achasse o escrito há pouco reduzido a cinzas. Pediu depois Herr Alexander, a sua majestade o imperador, a fim de maior realce à experiência, houvesse de cortar com suas augustas mãos a vela que sua majestade escolhesse. Satisfeito este pedido, com a maior surpresa encontrou sua majestade imperial o escrito de sua própria letra, que apresentou à sua augusta esposa. O papelinho achava-se dentro da vela, enrolado no pavio!

Porém o *nec plus ultra* desta representação estava reservado para o fim. O mágico pôs sobre uma pequena mesa uma pistola, pólvora, espoleta, papel e vareta, pedindo em seguida Ex.mo sr. Cabral de a carregar, advertindo, porém, expressamente que ele, Herr Alexander, não poria mais sua mão na mesma pistola até a experiência terminada. Carregada a arma, o artista dirigiu-se a S. M. a imperatriz, pedindo-lhe algum seu anel para S. M. fazer a graça de o deitar com suas próprias mãos no cano da pistola que estava na mão do ex.mo sr. general Cabral. Com a maior afabilidade sua majestade se dignou de anuir ao pedido do artista, deixando rolar o anel pelo cano maravilhoso abaixo; feito o que, Herr Alexander pediu ao benévolo atirador de descarregar a pistola pela janela. Não obstante a quase certeza em que estava o mesmo ex.mo sr. general, de o artista estar bem senhor do que fazia, contudo, como que hesitou um instante, até que, reiterando ele o seu pedido, fez desfechar um estrondoso tiro para os silenciosos vales de Petrópolis, donde repercutiu um eco centuplicado, que pareciam outras vozes de duendes invisíveis que respondiam à chamada do seu mestre. Todos os olhos se fitaram então com impaciência no semblante do mágico, como para ver se as suas feições antecipariam o desfecho da peça; eis que de repente voa pela janela dentro um pombo branco como a neve, trazendo atada ao pescoço

com fios de prata uma carta nitidamente dobrada e lacrada com subscrito – A sua majestade a imperatriz do Brasil. Dignando-se a mesma augusta senhora de tirar e abrir a carta, confessamos que nos faltam expressões com que descrever a justa surpresa de todos os assistentes, ao verem incluso na carta o anel que poucos momentos antes tinha sido arrojado pela janela fora.

Com esta maravilhosa peça concluiu o insigne artista essa tão interessante representação, que, a ser possível, ainda aumentou a sua bem merecida fama; e quando para o recomendar não houvesse tantas qualidades e sentimentos nobres e piedosos de que é dotado em grau eminente, e pelos quais já é bem conhecido, bastariam as suas maneiras delicadas, a firmeza do seu trato que a cada passo revelam o homem de educação e da fina sociedade, para lhe granjearem a estima e consideração de todos os assistentes.

A representação foi seguida de um esplêndido chá na sala vizinha, servindo-se com profusão os mais esquisitos doces e refrescos, e concluída finalmente por um baile que durou até às duas horas da madrugada.

Certos do subido apreço em que teve o hábil artista a honra de seu tão benevolmente acolhido por suas majestades imperiais, estamos convencidos de que Herr Alexander, voltando à Europa, levará consigo, entre as suas recordações mais agradáveis, a de sua estada em Petrópolis e que aos seus compatriotas na Alemanha não serão ocultas não só as raras virtudes dos augustos consortes imperiais, como a afabilidade com que se dignam de sempre tratar ao estrangeiro que tem a fortuna de lhes ser apresentado.”

Sala do Rei

VITRINAS com peças de porcelana dos serviços de dom João VI. Pássaros, de fabricação Nast. Paisagens e outros motivos de fabricação Derby, Wedwood, Galos, pavões, pastores, corças, da Companhia das Índias. Este último serviço foi muito vulgarizado, não só no Brasil como no estrangeiro.

Nos Estados Unidos, conforme se aprende em obras atuais relativas a porcelanas, existem ainda numerosas peças. Da fábrica da duquesa de Angoulême, pratos com as armas do “Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves”.



Grito do Ipiranga. Tela a óleo, executada em 1844 por François René Moreaux

XÍCARA com as mesmas armas, oferecida ao rei pelo imperador da China (XI).

RETRATO EQÜESTRE DE DOM JOÃO VI. Trabalho de Domingos Antônio de Sequeira.

Trás no verso a moldura, escrito a mão: “Domingos Antônio de Sequeira fecit, Lisboa”.

Consta ter pertencido à quinta do Ramalhão, em Portugal. (XVI).

Embarque na praia Grande das tropas destinadas ao sítio de Montevideú (Guerra contra Artigas). Óleo de Debret, reprodução do desenho contido em sua conhecida obra “Viagem pitoresca ao Brasil” (Estampa 23, Livro III).

O embarque das tropas realizou-se na Vila Real da Praia Grande, hoje cidade de Niterói, a 12 de junho de 1816, e Debret, que o assistia com o pintor histórico da Corte, procurou reproduzi-lo com toda a fidelidade. No primeiro plano, dom João VI, seus filhos dom Pedro, dom Miguel e dona Maria Teresa, e sentadas dona Carlota Joaquina e suas filhas mais moças, dona Maria Isabel, dona Maria Francisca, dona Isabel Maria Assunção. Logo após, com os braços cruzados, o general inglês Beresford, acompanhado por seu ajudante de campo, e, um pouco mais afastados, o general Lecór, depois visconde de Laguna, e seu lugar-tenente passam em revista uma coluna de caçadores. À direita desfilam soldados da mesma arma e ao longe vêem-se pequenas embarcações que devem transportar a tropa aos navios de guerra (I).

RETRATO DE DOM JOÃO VI. Esboço a óleo, atribuído a Debret (XI).

RETRATO DE CARLOTA JOAQUINA. Gravura de Manuel Marques Aguilar, segundo o original de Troni. Moldura da época (I).

RETRATOS DE DOM JOÃO VI. Quatro estampas gravadas uma por Paulo Tassaert, segundo original de Esberard; outra, por Francisco Bartolizzi, grande artista florentino, que viveu em Portugal; a terceira, por Huet, segundo Camoin, colorida, e a última também colorida, sem assinatura nem data.

RETRATO DE CARLOTA JOAQUINA, a cavalo. Tela a óleo de autor desconhecido, cuja fatura sugere a maneira de Goya (XVI).

DESEMBARQUE DE SUA ALTEZA E ARQUIDUQUESA CAROLINA LEOPOLDINA, princesa real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, no Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1817. Gravura de Carlos Simão Pradier, segundo o original de Debret (I).

ALEGORIA DA APRESENTAÇÃO AO REINO DE PORTUGAL, PELO PRÍNCIPE D. JOÃO E PRINCESA DONA CARLOTA JOAQUINA,



Retrato a óleo da imperatriz Amélia, atribuído a Armand Pallière

de sua primogênita a infanta Maria Teresa. Gravura a buril de Francisco Leal, segundo o desenho de Gaspar Fróis Machado, Lisboa, 1793.

SOFÁ INDO-PORTUGUÊS, de teca, com embutidos de marfim, tendo no encosto as armas do Reino Unido. Pertenceu ao rei (XVII).

ESCRIVANINHA IMPÉRIO. Mogno, com aplicações de bronze dourado. Uma lira dentro de uma coroa de louros na parte superior, e dois galgos sentados e afrontados, na parte inferior. Pertenceu ao rei (XVI).

TINTEIRO DE BRONZE DOURADO, com o busto de Fernão de Magalhães e alegorias à viagem de circunavegação, apresentando as armas do Reino Unido. Doação do sr. Antônio Muniz Barreto.

MALA DE COURO E PREGARIA, com as armas do Reino Unido e a inscrição *Rey*, gravada em placa de metal amarelo. Doação do sr. José Júlio de Andrade. Peça rara de museu. Serviu a dom João, que da mesma sempre se utilizava quando em viagem do Paço de São Cristóvão para a fazenda de Santa Cruz. O interior da mala, forrado de veludo verde, tem disposições para papéis, tinteiro, lacre etc.

GRUPO DE SEIS CADEIRAS IMPÉRIO, com aplicações de bronze dourado (IV).

CADEIRA ESTILO ROCOCÓ, em carvalho, forrada de damasco vermelho. No espaldar, as armas do reino de Portugal. Pertenceu a dom Fernando, esposo da rainha d. Maria II (I).

Gabinete de dom Pedro Augusto

MOBÍLIA de escritório, com trabalho de marchetaria e aplique de bronze dourado. Idêntico mobiliário, por coincidência, ser ao presidente da França, no Palácio dos Campos Elíseos (IV).

PASTA de veludo amarelo, com as armas imperiais dentro de um losango (XI). Retratos da princesa Leopoldina e duque de Saxe. Litografia de S. Sisson (época do casamento) (VIII).

RETRATOS DE D. PEDRO II E DOM PEDRO AUGUSTO. Duas reproduções das gravuras de H. Doeffy, segundo os originais de S. Vauthier (VII).

RETRATO DA FAMÍLIA IMPERIAL. Última fotografia em Petrópolis, tirada no palácio da princesa, na avenida Koeler, 42. Vêm-se o imperador, d. Teresa, a princesa Isabel, o conde d'Eu e seus três filhos e o príncipe dom Pedro Augusto. Doado pelo sr. Frank Nietsz.

LUSTRE ESTILO IMPÉRIO, para seis luzes. Guarnições de bronze e cortinas autênticas (IV).

Sala do Primeiro Reinado

MESA E CADEIRAS QUE SERVIRAM NA CONSTITUINTE DE 1823. Jacarandá. Transferência do Palácio Tiradentes (Câmara dos Deputados).

Escrivaninha do mais puro estilo império, em forma de contador, com as iniciais entrelaçadas P. A., encimadas

Sala das Miniaturas



pela coroa imperial. Tuia e mogno, e o interior lindamente manufaturado com pau-cetim e pau-roxo. Pertenceu a dom Pedro I (I).

Sobre a escrivaninha, CAPACETE DA IMPERIAL GUARDA DE HONRA, exemplar do 1º modelo de grande gala, 1822 (VI).

PAR DE CONSOLOS, de mogno, com apliques de bronze dourado e o monograma D. M. L. V. entre dois ramos de papoulas. Presume-se tenham pertencido à imperatriz Amélia (XIII).

CÔMODA IMPÉRIO com a sigla de Pedro I dentro de um escudo encimado pela coroa imperial, circundada pelos ramos de fumo e café e ladeado por duas figuras femininas, empunhando archotes. Mogno e apliques de bronze dourado (IV).

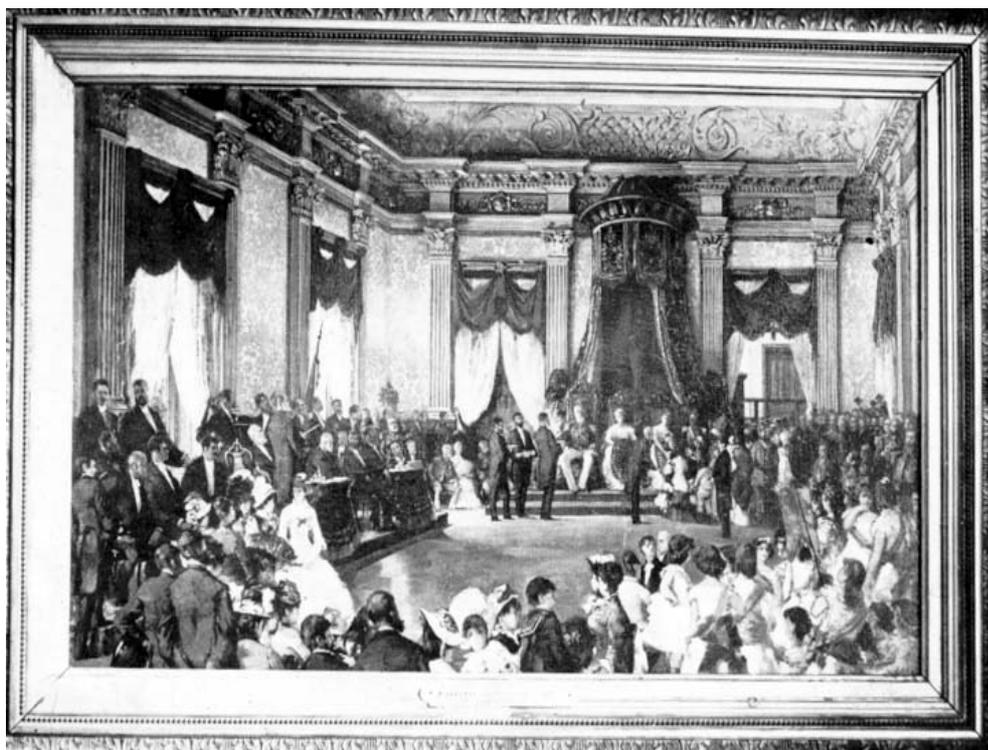
Sobre a cômoda, RELÓGIO DE BRONZE DOURADO, também império, tendo ao lado da caixa uma estatueta representando Pedro I, e na base, as armas imperiais. Trabalho francês (XI).

MESA DA ABDICAÇÃO, na qual dom Pedro I assinou o ato de 7 de abril de 1831. Mogno com apliques de bronze dourado. No tampo, de mármore escuro, pintura em esmalte representando uma cena da Ilíada (Heitor arrastado pelo carro de Aquiles diante das muralhas de Tróia). Pertenceu ao Paço de São Cristóvão (XVI).

RETRATOS DE PEDRO I. Pastel de Debret e gravura a buril, colorida, de Carlos Simão Pradier, segundo o original do mesmo Debret.

DONA LEOPOLDINA. Aquarela de Pallière, 1825, encontrada em Bordéus num álbum do artista, em 1926, pelo sr. Anatole Callot, súdito francês que viveu no Rio de Janeiro durante muitos anos. Armand Julien Pallière, artista francês que esteve entre nós, pai do pintor brasileiro Jean Léon Pallière Ferreira (XI).

GRAVURA a pontilhado, colorida, de Schiavoni, feita em Viena. Representa dona Leopoldina (XI).



Estudo a óleo de Pedro Peres representando, no salão nobre da antiga Câmara Municipal da corte, a cerimônia da princesa Isabel distribuindo “cartas de liberdade a escravos”

RETRATO DE DONA AMÉLIA, duquesa de Bragança, imperatriz viúva. Litografia de S. (XV).

GRITO DO IPIRANGA. Grande tela a óleo de François René Moreaux, feita em 1844. Trabalho que teria muito mais tarde, como rival, o de Pedro Américo, executado em 1888, e existente no Museu Paulista. Há quem encontre na execução de Moreaux mais naturalidade e mais proximidade com a verdade histórica.

RETRATO DE “AMÉLIE BEAUHARNAIS”. Litografia de Julien, impressa nas oficinas de Senefelder, Paris.

ABORDAGEM DA CORVETA MACEIÓ, ou combate naval do Banco de Santana, no Rio da Prata, a 18 de janeiro de 1827. Óleo de Castagneto, 1885, segundo o trabalho original de Eduardo De Martino, 1873 (I).

RETRATO DO PRÍNCIPE REAL DOM PEDRO DE ALCÂNTARA. Gravura a buril, datada de 1820, dedicada à princesa real dona Leopoldina Josefa Carolina, pelo artista português Manuel Antônio de Castro, segundo um retrato que o artista recebeu do Rio de Janeiro. A estampa faz par com outra, representando a futura imperatriz do Brasil, feita pelo mesmo artista em 1819.

RETRATO DE PEDRO I EM TRAJES MAJESTÁTICOS. Gravura a buril de Urbano Massard (1775-1843), segundo a tela de Henrique José da Silva, pintada na época da coroação do imperador. O trabalho de gravura, posterior, foi encomendado pelo próprio pintor, por intermédio do visconde de Pedra Branca, em Paris, ao gravador francês, que o deu pronto em 1831 (XI).

RETRATOS DE DOM PEDRO I E DONA AMÉLIA. Duas litografias coloridas, segundo o original de Grévedon, 1830, a primeira impressa por Engelman, e a segunda por Villain, ambos dos mais célebres litógrafos da escola romântica francesa da primeira metade do século XIX (XI).

RETRATO DE DONA AMÉLIA, duquesa de Bragança e sua filha, a princesa Maria Amélia, único rebento do casal e falecida ainda mocinha, na ilha da Madeira. Litografia de J. Fertig, segundo a tela de Frederico Dürck, retratista e pintor de gênero da escola alemã (XI).

RETRATO DE PEDRO I. Óleo de Henrique José da Silva, artista português que foi o primeiro diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Note-se, no braço esquerdo, o primeiro tope nacional, um disco verde dentro de um listel amarelo com os dizeres: “Independência ou morte!”, cujo desenho foi do próprio dom Pedro, logo após a chegada a São Paulo, a 7 de setembro. Repare-se ainda, nesse, retrato, na semelhança do príncipe com o pai, e, comparando esse retrato a todos os demais, verificar-se-á a incrível variedade de fisionomia com que dom Pedro I foi representado pelos melhores artistas da época.

RETRATO DE DOM JOÃO VI E DO PRÍNCIPE DOM PEDRO, gravura colorida de Reville, segundo o original de Sse. Couchée (XI).

RETRATO DE PEDRO I, pintura a óleo sobre chapa de metal, atribuída a Simplício Rodrigues de Sá (XI).

RETRATO DE PEDRO I com sua filha Maria II, litografia colorida de Lemaitre (XI).

RETRATO DE PEDRO I, então Pedro IV de Portugal, por volta de 1832, tela de autor desconhecido, dada pela imperatriz viúva ao mordomo de sua casa, o marquês de Resende (XI).

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO DA IMPERATRIZ AMÉLIA E DE DONA MARIA II, EM 1829. Aquarela de J. L. Pallière Grandjean Ferreira, neto do arquiteto Grandjean de Montigny e filho de Armand Julien Pallière (XI). Vêm-se as viaturas próximas a um dos portões do Paço de São Cristóvão.

RETRATO A ÓLEO DE PEDRO I. Assinado por Simplício Rodrigues de Sá, 1826 (I).

RETRATO DE DONA LEOPOLDINA. Gravura a buril de M. de Castro Lisboa, 1829 (I).

PRIMEIRA IDÉIA DA ORDEM DO CRUZEIRO. Desenho aquarelado de Armand Julien Pallière (XI).

RETRATO A ÓLEO DA IMPERATRIZ AMÉLIA EUGÊNIA AUGUSTA NAPOLEONA. Trabalho atribuído a Armand Julien Pallière (XI).



Retrato a óleo da imperatriz Teresa Cristina, pintado em Nápoles, nas vésperas do seu casamento

Tem sido reparado que a imperatriz esteja representada com cabelos e olhos castanhos, ao invés de louros e azuis. O mesmo fenómeno é observado em outros retratos, como os de Pedro II, neste Museu, e já referido. O tempo, na alteração das tintas primitivas, ou qualquer outra razão, podem explicar. O fato é que a retratada apresenta as feições de dona Amélia, constatadas nos outros trabalhos, e só isso seria maior motivo, e bastante, para vencer a cor do olhos e cabelos, se ainda mais não tivesse a retratada, no toucado, um diadema.

RETRATO DE PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA. Litografia colorida, impressa nas oficinas de L. de Bernard, rue de l'Abbaye n. 4 (XI).

Sala de miniaturas e condecorações

MOBÍLIA IMPÉRIO. Mogno com aplicações de bronze dourado e estofado de damasco verde. Pertenceu ao duque de Saxe, e foi usada posteriormente por seu filho, o príncipe dom Pedro Augusto.

TAPETE AUBUSSON (V).

CRAVO feito em Lisboa, 1785, por Matias Bostem. Madeira dourada com ornatos finamente pintados à mão. Na parte interna do tampo, paisagem fantástica ao gosto da época. Provavelmente trazido de Portugal, com a corte de dom João VI (XIII).

PAR DE CANDELABROS de bronze dourado para cinco luzes cada um. Época de Luís Filipe (V). Pertenceu à princesa Isabel.

GRANDE CANDELABRO de bronze dourado para dez luzes (XI). Pertenceu ao Paço de São Cristóvão.

MESA DE CEDRO DOURADO com as armas do Império e sigla de dom Pedro II (IV).

PAR DE CONSOLOS de cedro dourado, com as armas do Império e sigla de dom Pedro II (XVI).



Estudo a óleo de Pedro Américo representando a cerimônia de casamento da princesa Isabel na Catedral do Rio de Janeiro

BUSTO DE CRIANÇA, de mármore, do escultor Meusnier, com a data de 1867, representando provavelmente o príncipe dom Pedro Augusto. Transferido do Museu da Cidade.

O “MORRO DO CASTELO”. Paisagem a óleo de Luís Graner, pintor espanhol que nos visitou no último quartel do século XIX (XI): vê-se o velho posto semafórico, o hospital e a casa dos jesuítas.

ESPELHO DE CRISTAL com moldura e talha dourada, muito em voga no século passado. Doação da sra. Leonor de Azevedo.

RELÓGIO-ARMÁRIO, fabricação francesa de 1855. Pertenceu ao barão de São Clemente, cujas iniciais estão em medalhão esmaltado, na base. Adquirido para o museu pelo governo do estado do Rio.

DUAS ESTAMPAS coloridas, gravadas por Gaspar Fróis Machado, representando a rainha d. Maria I e o príncipe regente (XI).

DUAS VITRINAS de madeira dourada, contendo condecorações e miniaturas.

Vários tipos de condecorações brasileiras. Ali estão o Cruzeiro, a Rosa, a Cruz de Cristo, Aviz.

Algumas estrangeiras, como a de Francisco I de Nápoles e outras, que pertenceram ao almirante Beaurepaire Rohan.

Das nacionais, nota-se uma grã-cruz do cruzeiro, de fino trabalho de ourivesaria, trabalho assinado por Savy, afamado joalheiro do Primeiro Reinado.

Nas miniaturas, com retratos de d. Pedro I, dona Leopoldina, dona Amélia, dom João VI, dom Pedro II e dona Teresa Cristina.

Há trabalhos assinados por Luís Aleixo Boulanger, Simplício Rodrigues de Sá, Carlos Linde, etc., e nesta mesma vitrine vêem-se chaves de veador e guarda-roupa de d. Pedro I e d. Pedro II, e uma, da Câmara Municipal de Serinhaem – Pernambuco.

Sala de porcelanas de titulares do Império

Ao centro, uma estátua de bronze, representando uma egípcia. Antiga peça do Paço de São Cristóvão (V).

Nas vitrines, porcelanas brasonadas ou com iniciais, de numerosas fábricas européias, das mais afamadas, e de manufatura chinesa.

Sala de conferências

Situada no extremo da ala direita do edifício.

Reposteiro de feltro com as cores e armas do Império (VIII).

Relógio-armário, em vinhático, com o mostrador e pêndulo de bronze dourado. Pertenceu ao almirante Beaurepaire. Doação da sra. Cecília d'Escragnolle Dória.

Diversos retratos de d. Pedro II pintados por vários artistas, em diferentes épocas:

– aos 12 anos, meio corpo, tela a óleo de Félix Emílio Taunay, com data de 1837 (III). Trabalho semelhante, do mesmo autor, existe na Sala da Câmara Municipal da cidade de Mariana.

– em grande uniforme de Chefe Supremo das Forças Armadas: assinada por Vítor Meireles e datada de 1887.

Retrato de Guilherme Spangenberg com moldura em madeira trabalhada pelo mesmo



Pertencia este retrato à Prefeitura de Angra dos Reis, que o encomendara ao pintor, custando na época Cr\$ 450,00. Por doação da mesma, foi transferido para o Museu Imperial.

– em pequeno uniforme: tela de autor desconhecido (XI).

– em trajes civis: óleo de Estêvão Silva, 1889, e provavelmente o último pintado no Brasil (XI).

– fotografias com retoques no cabelo e na barba, nos últimos anos de vida do Imperador. Trabalho de Papf, fotógrafo alemão estabelecido em Petrópolis. Doação do Grupo Escolar Dom Pedro II, de Petrópolis (XX). Aos lados do reposteiro, retratos de Pedro II em trajes civis: o da esquerda, sem assinatura, e o da direita, datado de 1883, pintado por Aurélio de Figueiredo (V). Nas duas molduras ovais, dom Pedro II e Teresa Cristina, óleo do artista francês Armand Le Berton (XI).

Sala do Senado Imperial

MOBÍLIA de talha dourada com estofos de veludo verde e armas imperiais. Pertenceu ao salão nobre do Senado Imperial (XVI).

GRANDE TELA A ÓLEO REPRESENTANDO DOM PEDRO II, corpo inteiro, farda de gala, trabalho assinado L. Aug. Moreaux, 1871. O artista, de nacionalidade francesa, e radicado no Brasil, é irmão de François René Moreaux (IX).

GRANDE VASO DE CRISTAL com as armas imperiais (I).

BUSTO DE DOM PEDRO II em bronze, trabalho de Cristiano Luster, 1870. O original, em gesso, foi transferido do Museu de Belas Artes, e a fundição foi mandada fazer pela Prefeitura de Petrópolis para o Museu (X).

BUSTO EM MÁRMORE DO MARQUÊS DE PARANÁ, trabalho atribuído a Honorato Manuel de Lima.

JURAMENTO DA PRINCESA. Tela a óleo, de Vítor Meireles, assinada e datada em 1875, e representando o juramento da princesa imperial, ao assumir, em 20 de maio de 1871, pela pri-

meira vez, a regência do Império. O quadro fora encomendado ao artista pelo presidente do Senado, visconde de Abaeté. Representa o recinto das sessões do Senado, então instalado no velho edifício do conde dos Arcos, na atual Praça da República no Rio de Janeiro, edifício esse que serviu também para o Senado da República até 1930. Vê-se ao centro a princesa Isabel, genuflexa, com a mão direita estendida sobre um exemplar da Constituição.

Em sua frente, ligeiramente inclinado, cabeleira e barbas brancas o presidente do Senado, Antônio Paulino Limpo de Abreu, visconde de Abaeté, e, à sua direita, o secretário da casa, Frederico de Almeida e Albuquerque, lendo o auto de juramento.

Ao fundo e à esquerda, de pé, dentro do recinto o ministério chefiado pelo visconde do Rio Branco, com João Alfredo, visconde de Niterói, Manuel Francisco Correia, Manuel Antônio Duarte de Azevedo, Domingos Jaguaribe e Teodoro Machado. No segundo plano, também de pé, em balcão nobre, vê-se no grupo o conselheiro Zacarias, e, no balcão alto, o corpo diplomático.

No recinto misturam-se senadores e deputados. Na primeira linha estão Souza Franco, Sapucaí, Caxias, Paranaguá, visconde de Inhomirim, o desembargador barão de Araújo Góis, presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

Linhas atrás estão Jobim, Sinimbu, Cotegipe, Rio Grande, Caravelas, Bom Retiro, São Lourenço, Itaúna, Antonina, o futuro barão do Rio Branco, Cândido Mendes, Paulino, São Vicente, o almirante Joaquim de Lamare. Próximo ao dossel, à esquerda do trono, o conde de Lajes e sua esposa, dama da princesa.

Nota-se, na cerimônia, a ausência do conde d'Eu. Dizem as crônicas da época que ele, grandemente amuado, não compareceu ao ato, por ter sido advertido da prescrição legal de, como príncipe consorte, não lhe ser permitido o ingresso no recinto, cabendo-lhe um lugar na tribuna de honra (XIII).

MESA com tampo de mármore e mosaicos, pedestal de madeira dourada. Pertenceu a d. Teresa Cristina. Trabalho italiano.

Nas pinturas em mosaico, vêm-se ao centro: a Basílica e a praça de São Pedro, ao fundo, à direita, o Vaticano, e no primeiro plano, o obelisco e a colunata de Bernini.

Na periferia: as ruínas do Fórum, o Capitólio, o Arco de Constantino, o Panteão de Augusto, o Mausoléu de Cecília

Trono imperial de d. Pedro II. Pertenceu ao Paço de S. Cristóvão



Metella, o templo de Vesta, o castelo de Santo Ângelo e as ruínas do Coliseu (XI).

RELÓGIO de mesa, em bronze cinzelado pelo artista francês Thomire.

Presente de Luís Filipe a dom Pedro II (I).

Pequeno corredor

Ligando o saguão à porta dos fundos do corpo central do edifício.

MOBÍLIA DE JACARANDÁ A DUAS CORES. Pertenceu a este paço.

ESTATUETAS em gesso, representando d. Pedro II (XV) e Teresa Cristina (VI), trabalhos de A. Zamil e L. Rochet.

RETRATO a crayon da marquesa de Paraná, trabalho do artista francês Cain.

RETRATO a óleo do visconde do Rio Preto, trabalho de E. Viancin. Doação da sra. Leonor de Azevedo. Retrato a óleo da viscondessa de Sinimbu, d. Valéria Tourner Vogeler.

CAPAS DE REVISTAS da época, com retratos da família imperial (VIII).

Aguada a nanquim, representando d. Pedro II (XI).

Tabuleta em madeira, usada por servidor da Casa Imperial (VIII).

TELA A ÓLEO, representando um desembarque no cais Pharooux (I).

Gabinete do Diretor

LUSTRE DE PRATA, que pertenceu à legação do Brasil em Londres quando ministro o barão de Penedo (Carvalho Moreira). Debaxo dele valsou a rainha Vitória (XI).

ESCRIVANINHA que pertenceu ao marquês de Paranaguá (XVI).

ARMÁRIO DE JACARANDÁ, de velha fazenda fluminense.

TELA A ÓLEO, retrato do visconde de Rio Branco, trabalho de Carlos Luís do Nascimento e de seu mestre Sousa Lobo.

MEDALHÃO DE BRONZE, com a efígie, de perfil, de d. Pedro II (I).

PINTURA SOBRE MADEIRA, representando a Cachoeira do Itamarati, em Petrópolis, vendo-se dom Pedro II e um camarista apreciando a queda das águas. Trabalho de De Martino (I).

PAISAGEM DA VESTFÁLIA, curva do Piabanha, em Petrópolis, óleo de Batista da Costa (XV).

TINTEIRO DE PRATA que pertenceu ao dr. Hermogênio Pereira da Silva, doação de sua família.

PEQUENOS BUSTOS em bronze, de Pedro I e Pedro II, assinado A. de Raniéri, Dauvergne et Cie. Editeurs, Paris (XI).



Sala do trono. Ao fundo, o grande quadro a óleo de Pedro Américo, representando d. Pedro II em trajes majestáticos na cerimônia da “Fala do trono”, na abertura das Câmaras

Sala de leitura da Biblioteca:

PLANTA DE UM PROJETO para o bosque e jardins do palácio de Petrópolis, da autoria de Glaziou (XIV).

FOLHINHA NACIONAL DO BRASIL, de 1837, estampa, doação do dr. Joaquim de Sousa Leão Filho.



MEDALHÃO EM BRONZE com a efigie de Pedro II (VIII).
RETRATO DE PEDRO II, a crayon, por Boulanger (XI).
RETRATO DE PEDRO II, fotografia de Nadar, nos últimos
dias de vida do imperador. Doação da sra. d. Francisca

Setembrina Queirós Teles, pela família Francisco Antônio Queirós Teles, que o adquiriu em Paris, no ano de 1896.

AMPLIAÇÃO FOTOGRÁFICA da despedida de dom Pedro II, assinada em 16 de novembro de 1889.

O original, logo guardado por Rui Barbosa, encontra-se na Casa de Rui Barbosa.

CAPAS DE REVISTA ILUSTRADA de Ângelo Agostini, com caricaturas de Pedro II (VIII).

CADEIRAS onde se assentava Pedro II, para assistir aos concursos realizados na faculdade de medicina e Escola de Engenharia do Rio de Janeiro.

Transferidas para o museu pela peitoria da Universidade do Brasil, quando reitor o professor Leitão da Cunha.

Sobrado

ESCADA principal de pequiá rosa, com frisos de jacarandá. Na galeria, balaustrada e pilastras de jacarandá baiano.

PAR DE CONSOLOS de mogno com adornos de bronze dourado e armas imperiais.

Do mobiliário da sala do trono do paço de São Cristóvão (IX).

PAR DE CANDELABROS de bronze dourado para oito luzes. Cinzelados por Thomire. Presente de Luís Filipe a d. Pedro II.

DOIS BUSTOS EM BRONZE, de dom Pedro II, adolescente. Os originais em gesso foram transferidos da Escola Nacional de Belas-Artes. A fundição foi paga pela prefeitura de Petrópolis, para o museu.

ARMAS IMPERIAIS DO BRASIL, coloridas, feitas de madeira (XVI).

Sala do berço:

BERÇO DE MADEIRA DOURADA. Serviu ao neto mais velho de Pedro II, o príncipe dom Pedro Augusto (IX).

RETRATO DE DOM PEDRO II em trajes de coroação. Fantasia de autor desconhecido, na qual aparece, em manto vermelho, a esfera armilar e a coroa real, com arminho. Adquirido na Itália, faz pouco tempo, por um filho da doadora, sra. Alberto Landsberg.

RETRATO DE DOM PEDRO II MENINO. Representa o monarca aos quatro anos de idade, brincando com um tambor. Guache, assinado Armand Pallière (XI).

DOM PEDRO II AO COLO DE SUA AMA. Tal é a interpretação que lhe foi dada, e repetida por muito tempo. Pertenceu à coleção Rego Barros e Guilherme Guinle. Figurou na Exposição de Arte Retrospectiva de 1921, realizada nos salões do Automóvel Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. Trabalho a óleo, atribuído a Debret. Entretanto, três ponderáveis motivos militam para contraditar a interpretação: o menino não apresenta os olhos azuis de Pedro II, característica que



Leque de renda e tartaruga

não escaparia a um artista como Debret, na época residindo entre nós, assim como os cabelos não tem o louro, específico que fora do imperador menino. Por fim, pelo sabido, dom Pedro II não teve ama preta.

Quarto de dormir da princesa Isabel

CAMA que pertenceu à princesa, quando menina. Jacarandá. Coroa na cabeceira e nos pés da cama. Doação de Raimundo de Castro Maia.

CRIADO-MUDO de mogno. Armas imperiais de bronze. Tampo de mármore avermelhado (XVI).

BUSTO EM MINIATURA de dom Pedro II. Bronze dourado de A. Ranieri (XI).

ARMÁRIO IMPÉRIO, com aplicações de bronze dourado. Jacarandá (I).

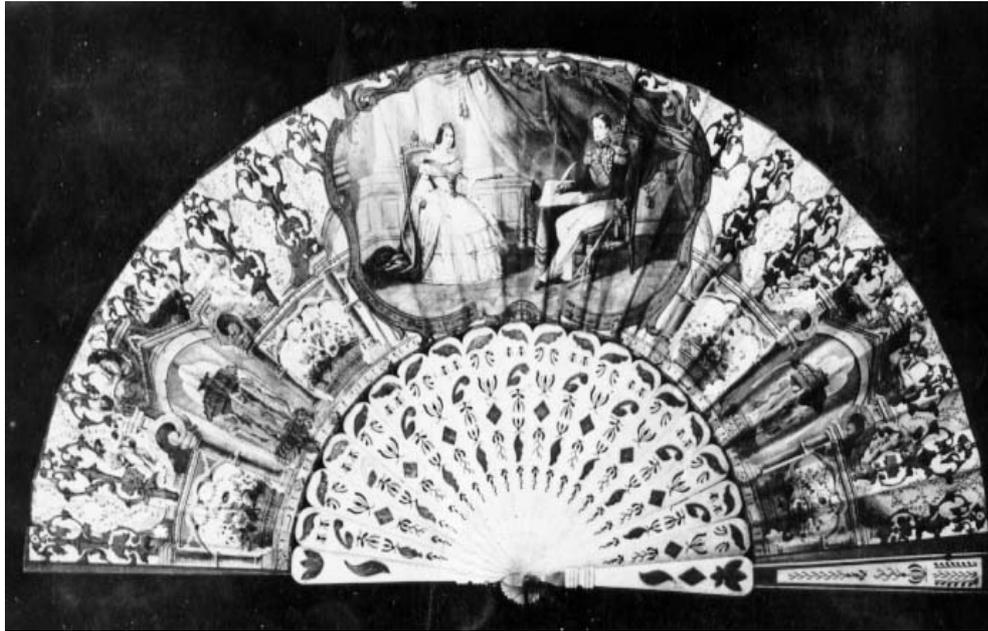
ESPELHO IMPÉRIO, de jacarandá, com aplicações de bronze dourado (XVI).

POLTRONA estofada de damasco. Era deste Paço, encontrada no forro da casa.

CÔMODA ESCRIVANINHA de jacarandá com embutidos de bronze. Interior de pau-cetim (IV).

CADEIRAS de jacarandá com estofa Aubusson. Coroa no alto do espaldar (I).

CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL. Tela a óleo de Pedro Américo. Estudo feito na época para um trabalho maior. Representa a cerimônia do consórcio da princesa imperial, realizado a 15 de outubro de 1864, na Capela Imperial do Rio de Janeiro, hoje Catedral Metropolitana. Representa os noivos ajoelhados diante do altar, recebendo a benção do vice-capelão-mor, dom Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, depois conde de São Salvador. Logo atrás, de pé, o duque de Saxe, padrinho do conde d'Eu, ao lado da aia da princesa, dona Luísa Margarida Borges de Barros e Portugal, condessa de Barral, depois condessa



Leque comemorativo do casamento de d. Pedro II

de Pedra Branca. Mais afastadas, as outras testemunhas que eram, por parte da princesa, o conselheiro Francisco José Furtado, então presidente do Conselho, e o marquês de Itanhaém, Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, estribeiro-mor, e ainda, por parte do noivo, o marquês de Olinda, Pedro de Araújo Lima.

À direita, sob o dossel, o imperador, a imperatriz e a princesa dona Leopoldina, e, no fundo, os demais convidados (XI).

CRUCIFIXO que pertenceu à capela de Nossa Senhora do Amor Divino, junto ao prédio da fazenda do Padre Correia, em Petrópolis, atual localidade de Corrêas. Imagem de cedro com gotas de vidro incrustadas, simulando sangue. Cruz de jacarandá, ornamentada de prata, e uma ametista engastada no resplendor (VIII).

CAIXA DE PANO, feita e pintada pela princesa Isabel, como lembrança da venda a favor da obra dos Seminários do Brasil, 24/25 de abril de 1901. Doadada pela princesa à baronesa de São Joaquim e oferecida ao museu por d. Julieta de Mayrink.

RETRATO DO PRÍNCIPE DO GRÃO-PARÁ aos cinco meses de idade, dado de presente pela princesa Isabel à baronesa de São Clemente, cujo descendente, dona Clotilde São Clemente de Azevedo, o ofereceu ao Museu Imperial. Trabalho fotográfico de H. de Zadora.

MEDALHÃO contendo o busto, em marfim, de dom Pedro II. Doado pela sra. Mariana Albuquerque de Avelar.

Ante-sala

MESA DE CHARÃO, trabalho chinês, com figuras douradas, contendo estojo para costura com peças de marfim. Doadada pela imperatriz dona Teresa Cristina à marquesa de Paranaguá, e ofertada ao Museu Imperial por seu neto, dr. Pedro de Paranaguá.

MESA DE CHARÃO, semelhante à anterior, que pertenceu à imperatriz Teresa Cristina. Doação do dr. Raimundo de Castro Maia.

ARMÁRIO IMPÉRIO, com aplicações de bronze dourado. Jacarandá (I).

CADEIRA IMPÉRIO. Cedro, assento de palhinha, com almofada de damasco cor de ouro. Móvel de que se utilizava dona Teresa Cristina para costurar. Doadada pela sra. Helena de Figueiredo.

BERÇO DE DOM PEDRO II. Mogno e ornatos de bronze dourado, com dois dragões. Numa pequena almofada de pano, bordadas as letras P.I. (príncipe imperial). Doação do príncipe dom João.

COFRE de jacarandá. Trabalho de marcenaria francesa, com embutidos de bronze dourado e tartaruga vermelha.



Jarrões de porcelana de Sèvres presenteados pelo presidente Thiers a d. Pedro II, por ocasião de sua primeira visita à França em 1871. Foram pelo imperador colocados no degrau do trono



pertenceu a dona Maria Teresa, princesa da Beira e irmã de dom Pedro I. Doação do dr. Antônio de Mesquita Bonfim.

Capela (em organização)

ORATÓRIO de carvalho pintado de preto, em estilo barroco (I).

MOBÍLIA de jacarandá, forrada de veludo vermelho, com coroa e a inicial T, a qual pertenceu a teresa cristina (I).

IMAGEM DA SENHORA SANTANA. Madeira pintada. pertenceu ao oratório da fazenda do Córrego Seco, propriedade rural adquirida por dom Pedro I em 1831, onde se levantou depois a cidade de Petrópolis. O prédio da fazenda, que foi assim a mais antiga construção de Petrópolis, existiu até 1942 como hotel e pensão, e foi rico das maiores e mais sugestivas tradições locais. em seu oratório, do qual era padroeira

a Senhora Santana, foi batizado em 1803, o primeiro petropolitano ilustre, Saturnino de Sousa e Oliveira, irmão do visconde de Sepetiba, o qual foi ministro, e por duas vezes presidente da província do Rio Grande do Sul. Doação de frei Estanislau Schaette.

A VIRGEM E O MENINO. Cópia a óleo de clássico italiano. Restaurada. Pertenceu à capela da fazenda de Santo Antônio, de Agostinho Correia da Silva Goulão.

A SAGRADA FAMÍLIA. Tela a óleo de autor desconhecido. Pertenceu ao paço de São Cristóvão (V).

DUAS CADEIRAS de jacarandá preto, com assento de palhinha e encosto com as armas imperiais esculpidas. Uma (XVI) e outra (XI).

Corredor

VASO DE CERÂMICA com as armas do Império do Brasil e do Reino de Portugal. Fábrica do Porto (XI).

ESTAMPAS, com vistas de Petrópolis, Rio de Janeiro e da Bahia, litografadas segundo os originais de Rugendas e Cicéri.

Quarto de dormir de Suas Majestades

LUSTRE DE BRONZE DOURADO, tendo na parte inferior um meio globo de cristal cor de topázio. Pequena coroa de bronze. Pertenceu ao paço de São Cristóvão (XI).

MOBÍLIA DE DORMITÓRIO. Jacarandá. Na cabeceira e nos pés da cama, escudo com a sigla P. II, encimada pela coroa imperial e ladeado por dragões. No guarda-roupa, as armas imperiais e ornatos de bronze dourado. Assim, nas outras peças como o camiseiro, penteadeira, par de mesas de cabeceira e seis cadeiras (I).

LÂMPADAS DE CABECEIRA, de óleo, usadas neste paço. Cristal e bronze, com engenhoso maquinismo de corda, para impulsionar o óleo durante horas.

Crucifixo de jacarandá, com guarnição de prata e imagem de marfim, primorosamente trabalhado. Peça dos meados do século XVIII (XI).

Colcha de seda de manilha, com bordados em matiz, representando flores e pássaros. Trazida da Itália, em 1846 pelo médico do Paço senador Jobim, quando foi em missão reservada do Imperador junto ao rei de Nápoles (XI).

Cama de casal de d. Pedro II



ESPREGUIÇADEIRA. Mogno. Pertenceu a este Paço.

GRANDE TAPETE de Aubusson (XI).

VISTA DO RIO DE JANEIRO, cerca de 1860. Vê-se, pelos fundos, o edifício do então “hospital de Pedro II”, à direita a Urca e o Pão de Açúcar. Grande paisagem a óleo de Henri Nicolas Vinet, pintor francês, discípulo de Corot, e muito apreciado entre nós durante o Segundo Reinado, sobretudo no Paço Imperial (I).

RETRATOS DE PEDRO II e TERESA CRISTINA. Litografia de 1858, desenhado por Henrique Fleiuss, pintor alemão, que nessa data se estabeleceu definitivamente no Brasil, aqui fundando a “Semana Ilustrada” e a “Ilustração Brasileira” (XV).

RETRATO DA PRINCESA ISABEL E DO CONDE D’EU, bem como da princesa Leopoldina e do duque de Saxe, duas estampas litografadas por A. Sisson. Doação da família Spangenberg.

TULIPA DE CRISTAL, da imperatriz, com suporte de bronze dourado e em três elipses de prata, ovais, as armas imperiais, as de sua casa e o seu monograma (XI).

Sobre a penteadeira, DUAS ESCOVAS DE MARFIM (para roupa e cabelo) com a sigla P. II e a inicial T, e uma calçadeira do mesmo material, com a inicial da imperatriz (I).

ESTOJO PARA PERFUME. Caixa de couro com um frasco de cristal cuja tampa apresenta delicado trabalho de esmalte (XI).

Sala do trono

TETO suntuosamente estucado. Grande rosácea central, e em volta, entre guirlandas de folhas de acanto, alternadamente, a sigla P. II e uma coroa real em lugar da imperial. No teto, frisos, um com cornucópias carregadas de flores e o outro decorado de palmetas e folhagens. No friso, e inicial P entre dois ramos de fumo e café, ladeados por dragões, em alternância com flores e frutos. Pende da rosácea central

UM GRANDE LUSTRE para dezoito luzes, com pingentes e mangas de cristal. Pertenceu a um antigo solar baiano (XI).

SOALHO de pau-cetim, cuja madeira veio do Pará especialmente para esse fim.

Nas portas interiores, maçanetas de cristal, contendo coloridas, as armas do Império e do Reino de Portugal.

TRONO IMPERIAL. Pertenceu ao paço de São Cristóvão. Talha dourada e forro de veludo verde. No encosto, entre duas palmas, a sigla P. 2º I (Pedro Segundo Imperador), bordada a prata. Pés dianteiros constituídos por duas esfinges e, no alto do espaldar, um dragão sentado com a cabeça de perfil para a esquerda. No Brasil, havia trono em todos os paços, no Senado e no Supremo Tribunal de Justiça. É curioso rememorar-se a significação simbólica do trono. Desde a mais remota antigüidade deu-se o nome de trono às cadeiras onde se assentavam os chefes de Estado, cadeiras que davam a seus ocupantes a significação de autoridade e poder. O trono era, assim, um assento real ou episcopal, colocado sobre uma plataforma. Daí a velha expressão “subir ao trono”, dado que o novo ocupante, pela primeira vez, subia os degraus que o levariam ao trono. Em países orientais, os tronos chegaram a apresentar uma extraordinária magnificência. O de Salomão, por exemplo, era de marfim, “engastado com o melhor ouro”. Existiam nele dois leões esculpidos, um de cada lado do trono, com outros dois em cada um dos seis degraus.

Nas ruínas do palácio de Sennacherib foram encontrados os restos de um trono feito em cristal de rocha.

O trono persa, feito para Abbas o Grande, era de mármore branco, e muito requintado em gosto. Este monarca, em 1605, ofereceu um trono ao tsar Bóris, da Rússia, o qual era coberto com folhas de ouro e incrustado de pérolas e pedras preciosas. O tsar Michael Feodorovitch, avô de Pedro o Grande, teve um trono de grande riqueza. Era de ouro, engas-

tado por oito mil turquesas, quinhentos rubis, quatro grandes ametistas e dois grandes topázios.

Uma das relíquias de Deli, na Índia, até ser saqueada por Nadir Shah, consistia no famoso “trono do pavão”, cujo

Berço da princesa dona Isabel



valor se estimava, talvez com algum excesso oriental, em 12 milhões de esterlinos. Levavam a ele degraus de prata, e o trono repousava sobre pés de ouro, incrustados de jóias. Obteve esse nome, por duas caudas de pavão, abertas, e compostas de magníficos diamantes, rubis e outras pedras.

Os tronos europeus eram, em geral, de concepção mais simples e execução menos espetacular. Apenas os imperadores de Bizâncio imitaram o Oriente segundo o modelo do trono de Salomão. Era o trono guardado por leões de ouro, os quais se levantavam e rugiam, quando algum engenhoso maquinismo oculto era posto em ação.

O trono inglês é muito simples: uma cadeira gótica, de carvalho. O de França guardava as tradições do trono do rei Dagoberto, apenas mudado do ouro para bronze. Este mesmo ainda foi usado por Napoleão quando, em 1804, distribuiu em Boulogne as primeiras condecorações da Legião de Honra. Todavia, o trono que Napoleão encomendou para si mesmo era uma cadeira pesadamente manufaturada, com motivos egípcios, águias, cabeças de leão.

O trono pontifício é a velha peça de bronze, usada por São Pedro. Entretanto, há uma cerimônia especial: quando se realiza o conclave, não existindo Papa no momento, e sendo cada cardeal um soberano em perspectiva, e todos se achando assentados em tronos, feita e conhecida a eleição, a plataforma de cada trono é baixada, com exceção daquele ocupado pelo novo Sumo Pontífice.

Dom Pedro II possuiu um trono de marfim, ouro e esmalte, conforme se constata na tela a óleo existente na Sala dos Embaixadores deste museu, trabalho de Moreaux, representando Pedro II em trajes majestáticos, vendo-se à sua direita o trono em apreço. Segundo a versão, esse trono foi levado para a Europa por ocasião do exílio da família imperial.

GRANDE TAPETE AUBUSSON (XI) e um PAR DE CONSOLOS de jacarandá, com espelho, e armas imperiais ladeadas por

dragões. Em cima dos consolos, um par de vasos de porcelana de Sèvres, apresentando um a efígie de dom Pedro II e armas do Império, e o outro, a efígie de d. Teresa Cristina e as armas do reino das Duas Sicílias. Presente de Napoleão III a dom Pedro II (I).



Quarto de dormir da princesa Isabel

PAR DE ESPELHOS, com molduras esculpidas. Motivos de flores, medalhões, e, no alto, as armas imperiais sustentadas por dois cupidos tendo aos pés dragões. Pertenceram ao paço de São Cristóvão (V).

PATERAS em cartuchos, de jacarandá, ostentando, em bronze, os símbolos do Império.

PAR DE PORTA-CORTINAS, em madeira dourada. Pertenceu a este paço.

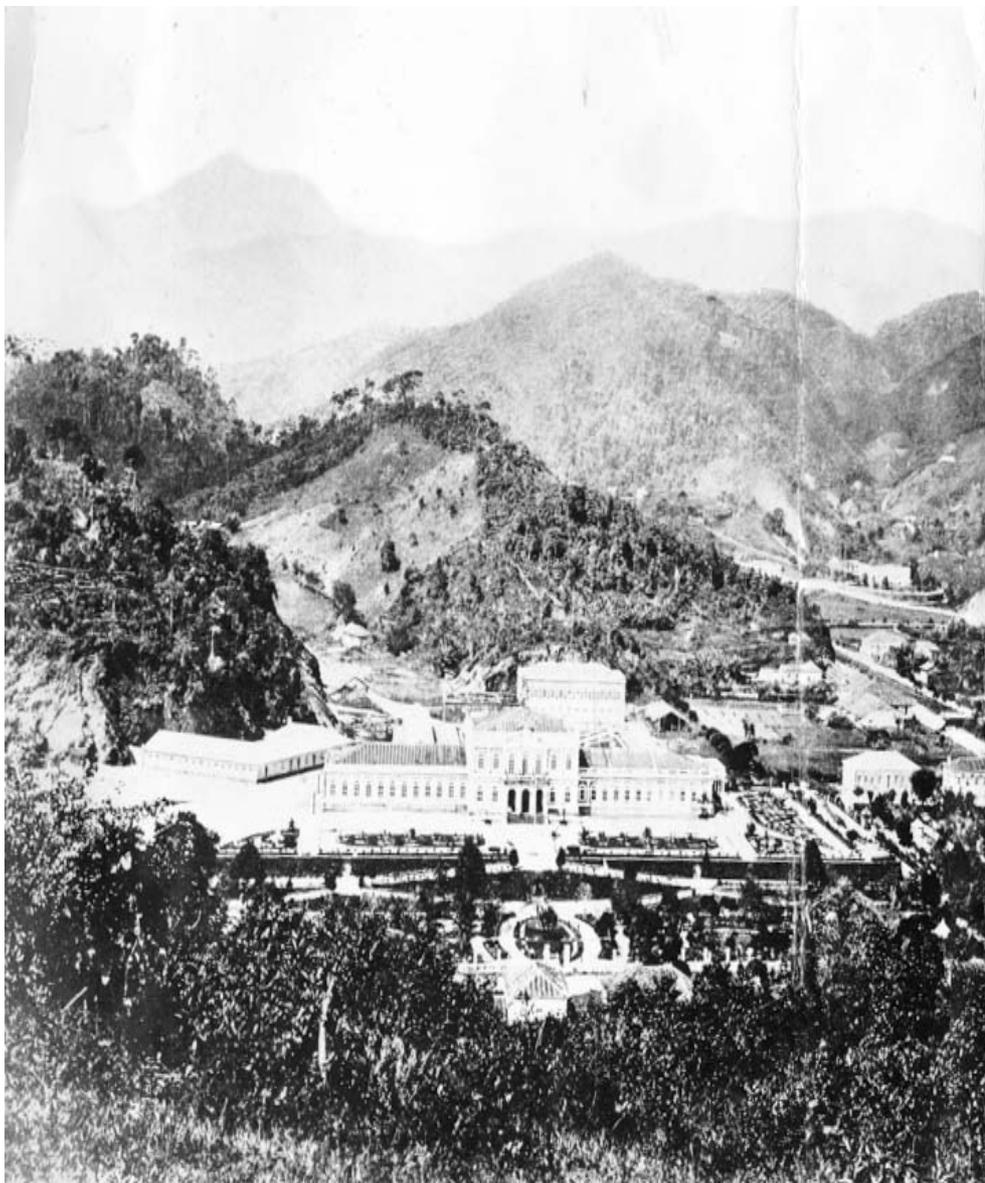
DOM PEDRO II NA ABERTURA DA ASSEMBLÉIA GERAL. Grande quadro a óleo de Pedro Américo, 1872, também conhecido sob o título “A fala do trono”. Representa o imperador em trajes majestáticos diante do trono, no Senado do Império. Na tribuna, ao fundo, a imperatriz e a princesa Isabel, e, de pé, o conde d’Eu e o marquês de Tamandaré, veador da imperatriz. No segundo plano, o visconde de Abaeté, ladeado pelos secretários da Mesa, o visconde do Rio Branco, presidente do Conselho, João Alfredo Correia de Oliveira, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, o duque de Caxias, e um pouco para trás o visconde do Cruzeiro (XIII).

RETRATOS DE DOM PEDRO II E DE DONA TERESA CRISTINA. Duas telas ovais, atribuídas a François René Moreaux, cerca de 1845 (I).

PAR DE JARRÕES DE PORCELANA DE SÈVRES. Presente do presidente da França, Adolphe Thiers, a dom Pedro II, por ocasião de sua primeira visita à França, em 1871. Segundo o depoimento verbal de Tobias Monteiro, o Imperador mandou colocá-lo nos degraus do trono (I).

MOBÍLIA DE JACARANDÁ, com apliques e armas imperiais em bronze dourado. Estofos Aubusson, com diferentes alegorias às artes industriais (IX).

Dois pedaços dos palácios imperiais que tinham correlação, por serem aquelas onde o Imperador recebia, eram a sala de embaixadores e a sala do trono. Um estrangeiro teve oca-



sião de descrever a maneira como recebia o imperador. Pedro S. Lamas, filho do grande homem público e diplomata uruguaio don Andrés Lamas, e secretário da legação de seu país quando o pai exercia entre nós a chefia da mesma, em seu



livro *Etapas de una gran política*, faz a seguinte narrativa:

“Don Pedro II, monarca liberal, ilustrado, amante de todos los progresos, mantenía, sin embargo, en su corte el rigor protocolario que heredara de sus mayores. El ceremonial palaciego era, por así decir, inexorable, por aquello, sin duda, según reza un manual protocolario, que los soberanos pueden hacer concesiones en el sentido de las reformas democráticas, pero que deben mantener intactas las exterioridades del poder.

Al lado, sin embargo, de esse ceremonial, fuera de los actos públicos, por así decir, Don Pedro II era el más accesible de los Jefes de Estado. Daba audiencias abiertas á todo el mundo; hasta los más humildes llegaban á él, recibiendo con dulzura y benevolencia.

Recebidas al pie de la escalera por el introductor de embajadores, por el camarista de servicio y por algunos otros funcionarios civiles y militares, fueron las dos legaciones conducidas á la sala del cuerpo diplomático, adya-cente à la

sala del trono.

En aquella sala, espaciosa, ricamente amueblada, en cuyo centro se lucía una mesa de bronce y porcelana de Sèvres, regalo de Napoléon III, recibía el Emperador todos los jueves el cuerpo diplomático. Era de práctica que los ministros, de uniforme, al frente, con sus secretarios y agregados un poco retirados, aguardasen al soberano, de pie, colocados por el orden de antigüedad. El Emperador entraba à la sala, acompañado de algunos dignatarios y hacía un saludo

general, vistiendo uniforme de general ó de almirante. Las legaciones formaban, pues, grupos diferentes, á los que, por turno, en su orden, el soberano se iba acercando. Don Pedro era un poliglota distinguido, hablando con cada ministro en su proprio idioma.”

Ante-sala

TOUCADOR de baile, estilo império. Mogno, com apliques de bronze dourado e espelho e gavetas nas quadro faces, de modo a permitir que quatro damas, ao mesmo tempo, pudessem arrumar o toucado e compor a face, antes de entrarem no salão de festas. Pertenceu ao paço da Cidade (XVI).

Duas estampas de F. Meaulle, em xilogravura, segundo desenho fantástico de Vítor Hugo, datados de Guernesey, 1858, onde se achava exilado, representando “Casas” e “Portas”, e outra de Charles Bode, datada de 1882, com o retrato do mesmo Victor Hugo (VIII).

A FRAGATA CONSTITUIÇÃO. Óleo, de Etienne François Auguste Meyer (1805-1890). O artista reproduz o acidente ocorrido na viagem da imperatriz Teresa, quando, vindo de Nápoles, por ocasião de seu casamento, a fragata, em virtude de grande temporal à entrada de um porto do Mediterrâneo, teve um mastro partido. Doação do embaixador Cavalcanti de Lacerda.

DUAS FOTOGRAFIAS dos imperadores tiradas na Itália. Na da imperatriz, o autógrafo e a data: Teresa Cristina Maria / Milano / 11 maggio 1888. Doação do sr. Milton Carvalho.

“O GABINETE DE 1859”. Litografia de A. Sisson, segundo Henrique Fleiuss, 1859. O monarca, ao centro, fardado; sobre uma mesa, os emblemas imperiais: a coroa, o cetro, o globo, a espada e a Constituição. De cada lado, os retratos do ministério: Ângelo Muniz da Silva Ferraz, ministro da Fazenda e presidente do Conselho, conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro da Justiça, conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, ministro dos Estrangeiros, conse-

lheiro João de Almeida Pereira Filho, ministro do Império, conselheiro Francisco Xavier Pais Barreto, ministro da Guerra, conselheiro Sebastião do Rego Barros, ministro da Marinha. Doação de Pedro Paranaguá.

LITOGRAFIA de Villain, segundo Rugendas, representando um trecho de floresta brasileira (XI).

Gabinete de estudos do imperador

Toda a mobília é no estilo império, predominando, pela fidelidade de linhas, a ESCRIVANINHA de mogno com a coroa de folhas de louro, de bronze dourado, no tirante. Em cima da MESA DE TRABALHO, PASTA DE COURO que foi da Casa Imperial, TELEFONE de uso do imperador, no paço de São Cristóvão, feito em Londres.

RETRATO DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA, miniatura em marfim oferecida a seu físico, dr. Bernardino Antônio Gomes, que a acompanhou na viagem para o Brasil (I).

PAR DE CASTIÇAIS, de bronze dourado, também em estilo império, sobre pedestais de mogno (XV) e (XVI).

TELESCÓPIO DE USO DO IMPERADOR. Lote 146, da mantearia do leilão do paço de São Cristóvão, comprado pelo general Honório de Lima, pai do ofertante, coronel Dias Lima.

TAPETE AUBUSSON, da época de Luís Filipe (XI).

DOM PEDRO II, DONA JANUÁRIA E DONA FRANCISCA, na sala de estudo no paço de São Cristóvão. Litografia posteriormente colorida, de Lemercier, segundo o desenho do natural de Félix Emílio Taunay, dedicado ao regente Feijó. Não traz data, mas, como o subtítulo esclarece: “Nojo do augusto pai d. Pedro I”, teria sido desenhado em 1834 (XI).

RETRATO DE DONA TERESA CRISTINA, quando noiva, em 1843. Tela a óleo sem assinatura, mas cujo autor, possivelmente, foi José Correia Lima, estudante de belas artes, na data em estudos na Itália. A princesa traz no peito um



Candelabro de bronze cinzelado por Thomire, e ofertado com outro igual e um relógio a d. Pedro II pelo rei Luis Filipe, de França

broche com o retrato do noivo. Ao fundo, o Vesúvio e a baía de Nápoles (XI).

RETRATOS DO PRÍNCIPE REAL DOM PEDRO E DONA LEOPOLDINA, arquiduquesa da Áustria. Duas estampas de Badoreau (Jean-François), desenhista e gravador francês, segundo o original de Vautier (Jules Antoine), pintor de história, francês. Ambas dedicadas a dom Miguel Pereira Forjaz Coutinho, moço fidalgo da Casa Real Portuguesa (I).

A COROAÇÃO E A SAGRAÇÃO DE DOM PEDRO II. Estampa litográfica de Heaton e Rensburg, Rio, segundo o original de Luís Augusto Moreaux e Buvelot (XI).

MEDALHÃO DE CRISTAL, com o retrato de perfil de dom Pedro I (I).

Sala do indumento

Duas grandes vitrinas contendo uma COLEÇÃO DE LEQUES pertencentes a diversas damas da época. Uma série de leques comemorativos de fatos de nossa HISTÓRIA, alguns de fabricação francesa e muitos chineses. Despertam a atenção, nos chineses, as figurinhas de feições orientais, as cenas e motivos, a par dos emblemas nacionais. Como exemplo, o leque comemorativo da Maioridade de dom Pedro II, colocado sobre uma mesa de centro, no qual se vê o retrato do jovem imperador, ladeado de duas figuras alegóricas dos dois grandes rios: o Amazonas e o Prata. Nas varetas de madrepérola, motivos e cenas chinesas. Noutro, aparecem dois chineses ladeando o retrato de dom Pedro II; em mais outro, anjos com traços orientais. A própria cena da aclamação de dom João VI, desenhada por Debret, foi reproduzida num leque em que as personagens têm fisionomias chinesas. Dos leques de fabricação francesa, os mais interessantes são o comemorativo do nascimento e batizado da princesa dona Maria da Glória, o do casamento de dom Pedro I com dona Amélia, o do casamento de dom Pedro II com dona Teresa

Cristina; o de homenagem ao nosso primeiro imperador, no qual se vê dom Pedro I coroado de louros pela vitória, entre os emblemas da realeza: as armas imperiais brasileiras e a Carta Constitucional. Ao alto, num listel, os dizeres: “D. Pedro IV de Portugal – I do Brasil – e único no mundo” (textual). Outro digno de nota é o de homenagem a dom Pedro I no qual Minerva o coroa de estrelas, enquanto o imperador apresenta a um índio a Constituição do Brasil e tem a mão esquerda sobre o ombro de sua filha dona Maria da Glória, que segura o globo e um pergaminho com os dizeres: Constitution de Portugal – Leques esses doados pelos srs. Vasco Lima, Guilherme Guinle, Pedro de Paranaguá e outros.

Peças de indumentária da época: LUVAS DE PELICA, da baronesa de Loreto, ROUPA DE CAMA e de interior usada pelos imperadores; LENÇO BORDADO pela imperatriz dona Leopoldina, com a fachada do paço de São Cristóvão. VESTIDOS DA ÉPOCA DE DOM JOÃO VI, bordados a escumilha; PENTES DE TARTARUGA, os chamados “trepá-moleque”. BINÓCULO DE TEATRO, da baronesa d’Escragnolle. Lunetas e abotoaduras de tartaruga. Em pequenas vitrinas, fardas e vestidos de senhora.

DUAS FARDAS DE MOÇO-FIDALGO da Casa Imperial, pertencentes ao dr. Antônio Ribeiro Velho de Avelar, advogado em Pati do Alferes em fins do Segundo Reinado. Doação da sra. Mariana Albuquerque de Avelar.

VESTIDO DE SENHORA em cambraia branca bordado a escumilha. Época: dom João VI (V).

FARDA DE LACAIO da casa do conselheiro Paulo Barbosa, mordomo da Casa Imperial, cujas armas aparecem nos botões. Doação das sras. D. D. Isabel e Francisca Jacobina Lacombe.

FARDA DE GENTIL-HOMEM, da Casa Imperial (camarista da chave dourada). Transferida do Museu Histórico Nacional.

VESTIDO DE TAFETÁ NEGRO, com anquinhas. Época de 1850 a 1880. Doação do coronel João Duarte Silveira. Nas paredes, telas a óleo, representando titulares do Segundo Reinado.



Cofre guarda-jóias oferecido à princesa dona Francisca por seu sogro, o rei Luis Filipe de França. Mandado fazer na fábrica de Sèvres, o cofre tem bronze, porcelana e biscuit e cinco grandes placas de porcelana pintadas por Garneray, representando feitos navais do príncipe de Joinville

Da esquerda para a direita, vê-se: dona Emília Pindaíba de Matos, esposa do conselheiro Pindaíba de Matos, falecido como presidente do Supremo Tribunal Federal. Assinado F.

de Sá. Sem data. Doação do sr. Dario de Almeida Rego. Barão de Ipiabas (Francisco de Sousa Werneck). Assinado P. Américo. Transferido da diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

BARÃO E BARONESA DE QUARTIM (Antônio Tomás Quartim e dona Maria Antônia Soares Quartim). Pintados por Papf, 1883 (XI).

BARÃO E BARONESA DE GUAMÁ (Francisco Acácio Correia e dona Inês Chermont de Miranda Correia). Telas de E. Viancin, Paris, 1875. Doação do dr. Flávio Correia Guamá.

CONSELHEIRO EDUARDO PINDAÍBA DE MATOS, assinado F. de Sá. Doação do sr. Dario de Almeida Rego.

Ao centro, uma rica MESA DE MOGNO, com trabalho de marcenaria francesa: incrustação de diversas madeiras, formando desenhos. Pertenceu a este paço.

Quarto de dom Pedro Augusto

CAMA DE SOBRECÉU, em jacarandá, estilo dom João V.

CAMA DE DIA, também em jacarandá, estilo dom João V. Ambas as peças pertenceram à fazenda de Santa Cruz (XIII).

MESA DE CENTRO, quatro pés, em jacarandá, estilo dom João V (I).

TELA A ÓLEO, representando trecho da baía de Guanabara, tirado de Niterói sobre o Rio. Trabalho de Vinet (IV).

LUSTRE DE “OVER-LAY” e cristal. Linda peça da época, para velas.

LAMPIÃO de bronze, com pedestal.

Edifício anexo ao antigo palácio

No mesmo local existia antigamente uma construção, com as mesmas dimensões da atual, feita em 1930, salva as divisões internas, diferentes. Ali estava a ucharia do paço e outros serviços.

Sala das viaturas

PEDAÇO DE TRILHO, que pertenceu à primeira via férrea do Brasil: “Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro Petrópolis”, popularmente chamada “Mauá”, título nobiliárquico de seu construtor, Irineu Evangelista de Sousa. Tem dois metros de bitola, e os trilhos assentam em panela de ferro. Esta circunstância era devida à persuasão de que dormentes de madeira não resistiriam ao calor da terra tropical. Oferta da Companhia Estrada de Ferro Leopoldina.

DILIGÊNCIA que serviu entre Petrópolis e Juiz de Fora. Quando aberta a primeira e grande rodovia nacional, que foi a estrada União e Indústria, apareceram diligências que faziam transporte de passageiros e correio entre Petrópolis e a cidade mineira, berço de seu construtor, Mariano Procópio. Essas diligências tinham nome, e como esta, que se chamava “Mazzepa”, outras eram “Traviata”, “Favorita”, etc. Na Biblioteca Nacional existe um livrinho, ilustrado, “Doze horas em diligência”, de Rt. Henry Klumb, fotógrafo de Suas Majestades.

Era o tempo regular da viagem. No interior da viatura, iam as senhoras e mucamas, com as crianças. Nos bancos superiores, os homens. Havia, no entanto, a primeira e segunda classe, e um engraçado episódio explica: Certa vez, um cavalheiro, de primeira classe, estranha que a seu lado viaje um passageiro de segunda classe: “Afinal de contas, qual a diferença?” E o cocheiro adverte: “Tenha paciência. Na viagem o senhor verá”. E quando a diligência, estrada fora, deve subir a primeira rampa, o cocheiro detém os animais, e grave e solene exclama: “Segunda classe! Descer e empurrar a diligência!” E voltando-se com o olhar o passageiro de primeira classe, que responde, com um compreensivo sorriso... (XV).

CADEIRINHA DE ARRUAR. Pequena viatura, carregada por escravos, com que as damas iam ao centro da cidade, fazer compras ou visitas. Madeira pintada nas quatro faces, cons-

tituindo oito painéis, gênero barroco, com cenas e paisagens. Seis pés, forro interno de veludo, carmesim, moldura dourada, tejadilho de couro com cinco pinhas douradas (XVIII).

CARRUAGEM IMPERIAL. Grande coche de gala de d. Pedro II. É o mais rico e o mais belo de todos os carros imperiais que o Brasil possui. Popularmente chamado “Carro cor de cana” ou “monte de prata”, a primeira denominação devida à sua cor amarela, parecida com a da cana, e a segunda, pelos ornatos de prata contidos no carro. Mandado fabricar em Londres, em 1836, pelo regente Feijó, para servir ao imperador, que então tinha onze anos de idade, e este o usou pela primeira vez a 2 de dezembro de 1837. O *Jornal do Comércio* desse dia e ano, anunciando os festejos que se realizariam pelo aniversário de Pedro II, disse: “Seguia um piquete de cavalaria, 6 moços de estribeira, e, logo depois, o magnífico coche todo guarnecido de prata, em que vinha S. M. I. acompanhado pelos exmos. regente, tutor e mordomo-mor”.

Segundo registro verificado no Livro de Inventário das imperiais cocheiras e cavaliariças da coleção de “Livros da Mordomia da Casa Imperial”, recolhidos ao Museu Imperial, essa viatura custou 75:000\$000 (setenta e cinco contos de réis), e acha-se assim descrita: “Carruagem rica à inglesa, guarnecida de prata, com quatro lanternas de prata, forrada de veludo verde, tecida de ouro, guarnecida de galões de ouro lavrados, capa de almofada de veludo bordado de ouro com ricos canutões pintada de cor de canário e dourada com um tiro a oito ferragens de prata, dois selins bordados com estribos de prata, oito freios e oito bridões de ferro acasquinhado com armas de prata”.

Realmente, como se pode ver, o coche é ricamente decorado, ostentando em seus painéis, com finas pinturas, as armas do Império e os dragões usados pela Casa Imperial do Brasil.

O estofamento, tanto interno como externo, de veludo bordado a ouro. Nos suportes da boléia, notam-se os símbolos nacionais, fumo e café. O entalhamento das peças de madeira

da caixa, cor de canário repousa sobre oito molas, possuindo seis postigos, toda guarnecida de prata por fora, com varanda corrida em torno do tejadilho e grandes maçanetas armoriadas. Interiormente, veludo verde tecido com fio de ouro, cujo primor são as armas imperiais, com remates de franjas e canutões de ouro, e ainda o sol, bordado a ponto real, em fio de ouro.

Era essa carruagem tirada a oito cavalos, cobertos de redes, ajaezados com arreios de couro verde e ornatos de prata com armas imperiais.

Foi a única viatura levada para a França em 1906, por determinação da princesa Isabel, e recolhida ao castelo d'Eu, em consequência de uma carta escrita a 21 de maio daquele ano, pelo antigo empregado do paço, Guilherme Carlos Lassance falando desse coche, e outros, que se achavam depositados em casa do sr. Araújo à rua Marquês de Abrantes: “Sobre os carros de gala convém tomar qualquer deliberação, mesmo porque o Carlos de Araújo e Silva, sempre que me vê, pede para desatramancar as cocheiras, porque os carros, há 17 anos depositados e sem o menor trato de conservação, estão se arruinando todos”¹.

O “Monte de Prata”, mais linda e rica carruagem do Brasil, nada fica devendo ao coche de gala do rei da Inglaterra. Tendo partido do Brasil em 1906, para ele voltou, recolhido agora ao Museu Imperial, por doação do príncipe dom Pedro.

CARRO DE EXCURSÃO. Pertenceu a Pedro II e era utilizado pelo imperador em seus primeiros passeios à fazenda de Santa Cruz. Ficou a tradição que o monarca costumava recomendar ao cocheiro: “Vamos devagar, para chegarmos de pressa...”

Viatura construída por J. Rothschild et Fils, Paris. Era puxada por seis cavalos. Na tolda, uma caixa para roupa e três assentos, com duas escadas de abrir de cada lado. Dois assentos interiores, confrontantes, e gavetas para garrafas.

1. Documento do arquivo do Museu Imperial.

Debaixo da boléia, duas cestas com rodízio de metal, para conter comestíveis. Na traseira, duas grandes gavetas para objetos e uma especial para copos. Caixa da carruagem em madeira, pintada de preto, e duas maçanetas de prata (IX).

Relógio de bronze cinzelado por Thomire. Presente do rei Luis Filipe a d. Pedro II



LITEIRA. Viatura comum, muito usada entre nós, para viagens durante o século XVIII e a maior parte do XIX.

PEÇAS DE ARREIO, que pertenceram ao barão de São Geraldo, oficial superior da Guarda Nacional. Constam de cabeçada, peitoral, rabicho, rédeas, coldres e respectiva cobertura. As primeiras são de couro preto munidas de cocares de metal amarelo e couro branco, e armas imperiais. Doação do dr. Pedro Brando.

CADEIRINHA DE ARRUAR, aberta, com reposteiros de damasco carmesim atrás e nos lados. Sanefas do mesmo tecido, franjadas em volta do tejadilho de madeira, ligeiramente curvo e ornamentado de frisos mascavões e escudos ovais sustentados por anjinhos nos quatro cantos, tudo em dourado. Poltrona com assento, espaldar e braços revestidos de couro. Varais independentes, movediços. Consta haver pertencido esta cadeirinha a um bispo da Bahia (XI).

CADEIRINHA DE ARRUAR, de madeira envernizada e couro. Janelas de cada lado, envidraçadas. Cadeira com espaldar de couro e assento de palhinha. Tejadilho ligeiramente curvo. Apenas como ornamentação, um friso dourado. Acompanha um desenho a bico de pena, com moldura dourada, representando a mesma viatura, com os dizeres em baixo: “Foi mandada vir da Bahia em 1849, pelo negociante Antônio Dias da Silva, estabelecido à Rua da Imperatriz, n.º 1. Com casa de fazendas, alugador de cadeirinhas, redes e liteiras até 1888.” (XI).

Sala cidade de Petrópolis

Em organização. Contém apreciável documentário fotográfico sobre a cidade. Primeira imagem de São Pedro de Alcântara, padroeiro do Império, e de Petrópolis, que pertenceu à primitiva Matriz.

Vários outros objetos, entre eles, cristais gravados em Petrópolis, na segunda metade do século passado, pelos Irmãos

Sieber, e trabalhos em madeira, de Guilherme Spangenberg. Estes últimos tornaram-se famosos. Um alemão, que se radicara em Petrópolis, produziu, durante longos anos, e em caráter comercial, uma estimável variedade de objetos de madeira finamente trabalhados, entre eles bengalas cujo uso constituiu moda na época, e Camilo Castelo Branco, no “Cancioneiro Alegre”, refere-se à ameaça que lhe fizera um polemista brasileiro, de chegar-lhe uma “Petrópolis”, nome como era conhecida a famosa bengala.

Sala do Soldado do Império

GRANDE TELA A ÓLEO de Pedro Américo, representando a batalha de Campo Grande, ocorrida a 16 de agosto de 1869. Trabalho feito pelo artista de 1870 a 1871, quando de sua volta da Europa. Foi a primeira batalha pintada por Pedro Américo. Levando para a Exposição de Viena de 1873, ali foi premiado, A Batalha de Campo Grande, episódio da parte final da guerra do Paraguai, deu-se quando o comandante em chefe dos nossos exércitos era o marechal conde d’Eu, o qual é visto na tela, em destaque, montando cavalo branco. Os outros principais personagens reproduzidos são o capitão de voluntários Francisco Joaquim de Almeida Castro, ajudante de ordens do príncipe, brigadeiro Herculano Sancho da Silva Pedra, comandante da 3.^a divisão de infantaria, coronel Rufino Enéias Gustavo Galvão, chefe da comissão de engenheiros, capitão de fragata João Mendes Salgado, ajudante de ordens e secretário na parte naval, major Francisco Antônio de Moraes, ajudante de campo, capitão Alfredo d’Escagnolle Taunay, capelão frei Fidélis d’Avola, missionário capuchinho, tenente Arouca, e o próprio pintor, que, como de hábito em outras batalhas por ele pintadas, se auto-retratou, como soldado que tivesse tomado parte na porfia.

RETRATO A ÓLEO DO BARÃO DO TRIUNFO, José Joaquim de Andrade Neves. Autor desconhecido. Andrade Neves foi

o grande guerreiro do Império que participou da campanha do Uruguai, da luta contra Rosa e da Guerra do Paraguai. Foi o comandante da cavalaria brasileira nesta última. Praticamente, a arma adversa foi destruída por Andrade Neves em San Solano, no cerco de Humaitá. Os paraguaios chamavam então às suas forças de “caballeria loca de cuenta”!

Andrade Neves, ferido em Avaí, foi recolhido ao palácio do governo em Assunção, transformado em hospital, onde iria morrer. E fechou os olhos, delirando, e repetindo as suas últimas palavras: “Mais uma carga, camaradas!”

José Bonifácio, o Moço, em homenagem ao grande guerreiro, dedicou-lhe um poema: “O Redivivo”, com os seguintes versos finais:

*“Armas em continência! é um morto vivo!
Ei-lo que passa agora, erguida ao alto,
No esquife da vitória!
O Brasil o saúda, e tu, História,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejai Andrade Neves!”*

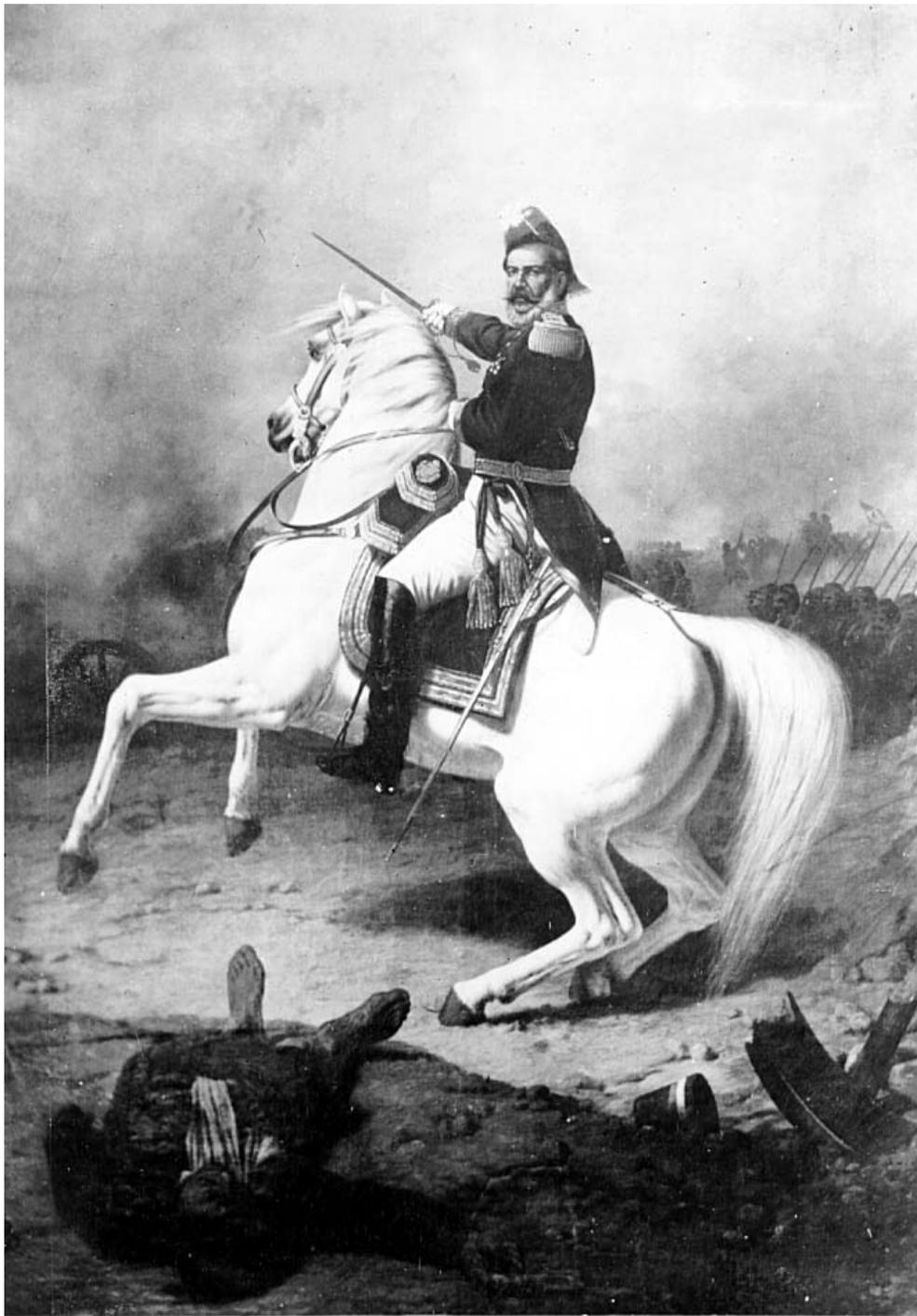
RETRATO A ÓLEO DO GENERAL OSÓRIO. Manoel Luís Osório, marquês do Herval. Pintura de Joaquim da Rocha Fragoso. O grande guerreiro está de pé, vestido de ponche, lança na mão, ao lado do cavalo.

RETRATO A ÓLEO DO GENERAL OSÓRIO. O bravo militar está montado, em movimento de comando, vendo-se no primeiro plano um adversário prostrado no chão, e ao fundo as nossas tropas em marcha, bandeira desfraldada. Tela executada pelo famoso artista uruguaio Juan Manuel Blanes. A maior parte dos trabalhos desse apreciado pintor acha-se em Montevidéu, e algumas em museus argentinos. Blanes foi intérprete de personagens e cenas históricas do Rio da Prata.



“Mima”
Estátua de mármore
realizada por
Arthur Gobineau,
antigo ministro
da França no Brasil
e ofertada pelo
autor a
dom Pedro II

A Discoteca



O general Osório em campanha. Pintura a óleo do famoso artista uruguaio Juan Manuel Blanes

Petrópolis, como se sabe, nasceu sob o signo da música. Aqui se fixou, pouco antes de 1853, Gustavo Eckhardt, que viera ter à Guanabara em cruzeiro de instrução. Mais tarde, pai de numerosa prole, fez todos os seus filhos músicos completos. Tornou-se famosa a banda dos irmãos Eckhardt, regida por Carlos Henrique. Igualmente célebres foram as bandas de Maul e de outros maestros germânicos, assim como as orquestras e orfeões dos louros colonos de Petrópolis, que educavam os filhos no culto de Euterpe. Cumpre citar também o saudoso regente brasileiro Paulo Carneiro, a cujo idealismo se deve a fundação, em 1893, da Escola de Música Santa Cecília.

Numa cidade, como a de Pedro II, herdeira de tão nobres tradições em matéria de música, impunha-se, pois, a criação de uma discoteca pública.

O preenchimento dessa lacuna foi obra do professor Francisco Gomes Maciel Pinheiro. O então diretor do Serviço de Divulgação do Departamento de Difusão Cultural da Secretaria Geral de Educação e Cultura da prefeitura do Distrito Federal entrou em entendimentos com a direção deste Museu para a instalação de uma discoteca pública destinada a disseminar a música entre o povo de Petrópolis, em geral, e entre a infância e a mocidade estudantil, em particular.

Aquele educador que ofertou os aparelhos e os discos, sendo que as mesas e os armários foram doados pelo príncipe dom Pedro de Orléans e Bragança.

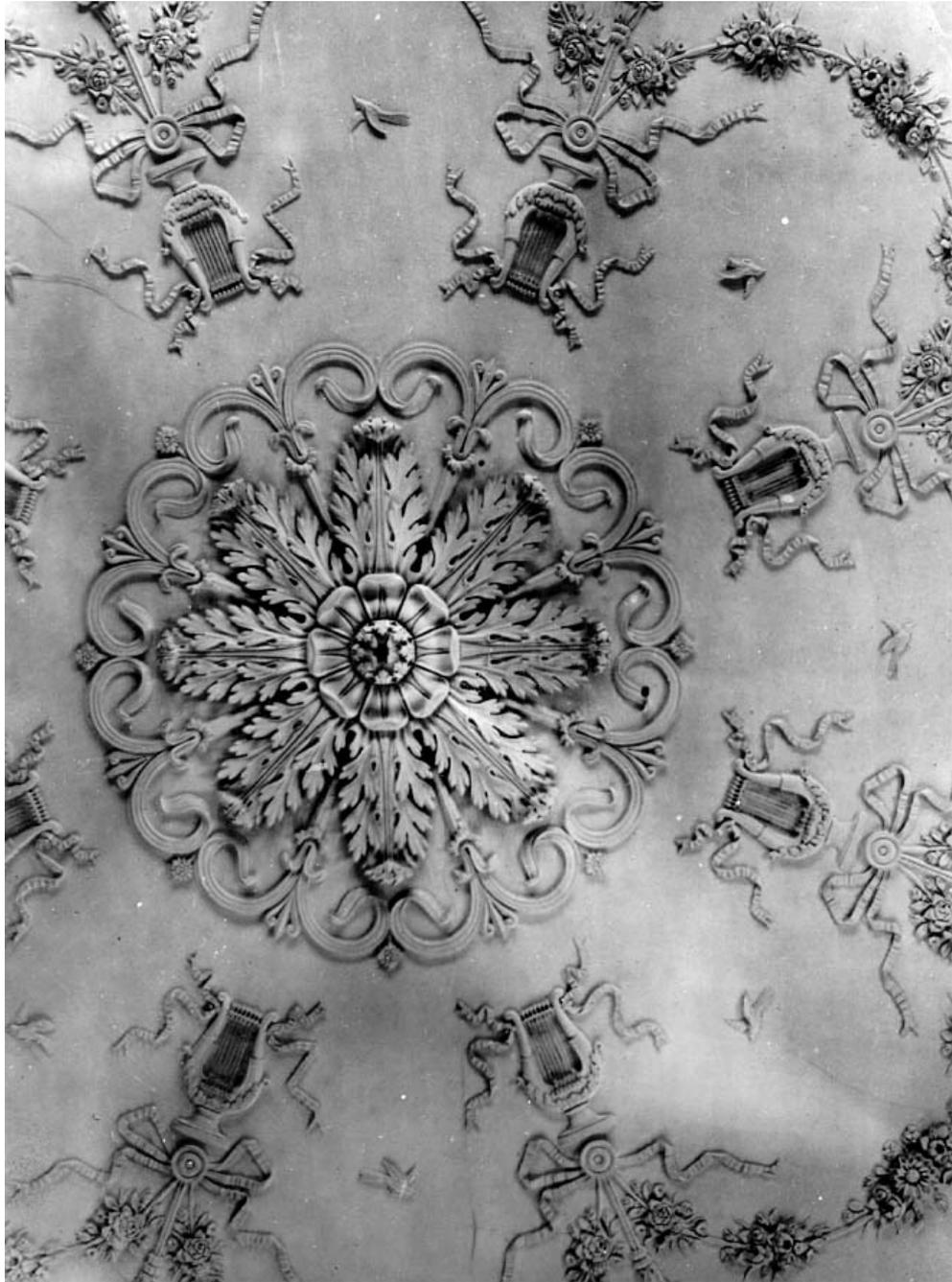
Dentre as várias doações com que foi contemplada a discoteca destaca-se a do exmo. sr. presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra.

A discoteca, que funciona numa das dependências do museu, com acesso direto para o público, foi inaugurada em agosto de 1946, sem nenhum ônus para o governo federal.

A sua freqüência aumentou consideravelmente no ano de 1947, o que demonstra crescente interesse do público por essa realização cultural. O número de ouvintes durante esse ano montou a 3.688, sendo 1.125 senhoras, 2.049 homens e 514 crianças.

A discoteca, seria, porém, lacunosa se não possuísse uma discografia completa da música do período monárquico da história do Brasil, desde o padre José Maurício e dom Pedro I até aos compositores do 2º Reinado. Como é do domínio público, o fundador do império brasileiro manejava com igual destreza a espada e a lira. Deve-se-lhe o *Hino da Independência*, composto na tarde do dia 7 de setembro de 1822, após haver soltado o grito histórico nas margens do Ipiranga, e por ele mesmo entoado, pela primeira vez, na noite desse glorioso dia, na Casa da Ópera, em São Paulo. Compôs, outrossim, uma *Ópera* em português, cuja abertura foi executada no Teatro Italiano, em Paris, em 1832; uma *Missa*, cantada na Capela Imperial, a 5 de dezembro de 1829, quando da celebração de suas segundas núpcias; uma *Sinfonia para orquestra*; um *Te Deum*; *Variações* sobre a dança popular *Miudinho*; o *Hino da Carta*, de Portugal, composto a bordo da corveta *Dona Amélia*, quando em viagem da Madeira para o Porto, a fim de reaver de seu irmão a coroa que pertencia à sua filha d. Maria da Glória, e que foi o *Hino nacional português* até a proclamação da República, em 1910.

A discoteca imperial abrange não só os compositores brasileiros de tendências nacionalistas e de inspiração cosmopolita, senão também os músicos estrangeiros que pisaram



Decoração do teto da sala de baile e música

a nossa terra ou exploraram motivos brasileiros. Constam dessa coleção, para encantamento de nossos ouvidos, gravações de saborosas músicas afro-brasileiras, tais como congadas, maracatus, de par com programas ecléticos executados em saraus palacianos.

Outrossim, possui a discoteca uma discografia didática que compreende gravações de cursos de inglês e francês, vazados em moldes eminentemente práticos e atrativos, bem como sugestivas histórias para crianças, a um tempo recreativas e edificantes.

Ademais, possui a Discoteca uma coleção de discos de música militar e patriótica, bem como gravações de reportagens da “BBC” sobre a atuação dos nossos intemoratos “pracinhas” na Itália.

O Arquivo Histórico



Retrato a óleo do general José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triunfo, pintado por Tinoco

Começou o Arquivo Histórico do Museu Imperial com um pequeno acervo de documentos relativos a Petrópolis quando doações vieram logo dar-lhe maior valor. Entre estas, o arquivo do marquês Paranaguá, doado por seu neto dr. Pedro Paranaguá, uma coleção de cartas de Pedro II ao conselheiro Dantas, ofertado pelo neto deste, dr. Otávio de Sousa Dantas, outra coleção de cartas, de dom Pedro II à condessa de Barral, doadas pelo neto da titular, sr. marquês de Barral e Montferrat.

Acentuada importância, porém, viria ter o arquivo quando, por doação do príncipe dom Pedro, foi recolhido ao museu o inestimável repositório de documentos, calculado em aproximadamente em sessenta mil.

Esse arquivo da Casa Imperial do Brasil, contendo papéis desde o século XIII e avultando desde a época de dom João VI até a República, achava-se neste paço de Petrópolis, hoje transformado em museu, seguindo daqui para a França em consequência do regime no país.

Inúmeros pontos da história nacional serão modificados ou esclarecidos à luz desses documentos. É enorme a variedade dos assuntos. São cartas, ofícios, pareceres, representações e notas de caráter político, administrativo, científico ou epistolar, em todas as suas variedades.

São diários de Pedro II, que falam da vida pública do país, de suas viagens, dos homens com quem tratava. São numerosas

cartas do visconde do Rio Branco sobre limites e questões internacionais, outras muitas missivas de Varnhagen a respeito de diplomacia e trabalhos históricos e ainda mais, a correspondência recebida do episcopado nacional, abrindo novas e definitivas perspectivas para o estudo da Igreja no Brasil.

De enviados em missão ao estrangeiro, como Gonçalves Dias e Carlos Gomes, existe apreciável correspondência.

Abundante ainda é a remetida por intelectuais de Portugal, Estados Unidos, França e Itália.

Apontamos apenas uns poucos assuntos, para que se faça alguma idéia da opulência do Arquivo. Esse arquivo, logo depois do exílio de Pedro II, por ordem sua, foi enviado para a Europa, e recolhido ao castelo d'Eu. Muitos anos mais tarde, o príncipe do Grão Pará incumbiu o historiógrafo Alberto Rangel de fazer um catálogo do mesmo. Auxiliado por Miguel Calógeras, Rangel fez um relato de todo o acervo, mas, dado o número avultado de manuscritos, achou acertado dar ao seu trabalho o nome de "Inventário dos documentos o arquivo da Casa Imperial do Brasil, existentes no Castelo d'Eu".

Achavam-se as cópias datilografadas desse trabalho em mãos do príncipe do Grão-Pará, quando, em 1938, Alcindo Sodré, então secretário a Comissão do Centenário da Fundação de Petrópolis, obteve do príncipe permissão para divulgar o inventário, tendo o diretor da Biblioteca Nacional, o saudoso Rodolfo Garcia, o feito imprimir em dois alentados volumes dos Anais da Biblioteca Nacional.

O príncipe do Grão Pará manifestara sua intenção de doar ao país essa importantíssima coleção, e logo após sua morte, confirmada essa intenção pelo filho, príncipe dom Pedro, o diretor do Museu Imperial logrou ver aceita pelo príncipe as razões apresentadas para que fosse o arquivo recolhido ao Museu Imperial.



Colinas da sala de baile e música

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro patrocinou o apoio do governo à remoção do arquivo, através de longa e fundamentada moção assinada a 31 de maio de 1940 por José Carlos de Macedo Soares, Augusto Tavares de Lira, Max Fleiuss, Oliveira Viana, Brás do Amaral, Feijó Bittencourt, João da Costa Ferreira, Wanderley Pinho, Elmano Cardim, Alfredo Nascimento Silva, Jonathas Serrano, frei Pedro Sinzig, Rodrigo Otávio Filho, Tasso Fragoso, Sousa Doca, Pedro Calmon, Hermenegildo de Barros, Virgílio Correia Filho, A. Leôncio Pereira Ferraz, Ernesto de Sousa Campos e Cláudio Ganns. Terminava essa moção dizendo que o Instituto “formula o mais veemente apelo ao governo do país, no sentido da aquisição imediata dos referidos objetos e documentos e de obter, com a aquiescência prévia da família

Imperial, o seu transporte para o Brasil, ainda por conta da nação, que lhe dará o melhor destino, confiando sua guarda e consulta ao “Museu Imperial” de Petrópolis, em tão boa hora recém-criado.” E ainda em carta de 11 de junho de 1940 ao presidente da República, o presidente do Instituto Histórico, embaixador José Carlos de Macedo Soares, encaminhando a referida moção, abundava em novas considerações, terminando com estas palavras:

“Ouso assim esperar que vossa excelência veja, na sugestão que o Instituto apadrinou e fez sua, apenas o zelo e o carinho de homens que, como vossa excelência, também amam o Brasil de outrora, desejos de colaborar nessa bela obra de preservação das nossas coisas antigas, que se revela num constante e comovido apreço ao patrimônio cultural da nação.”

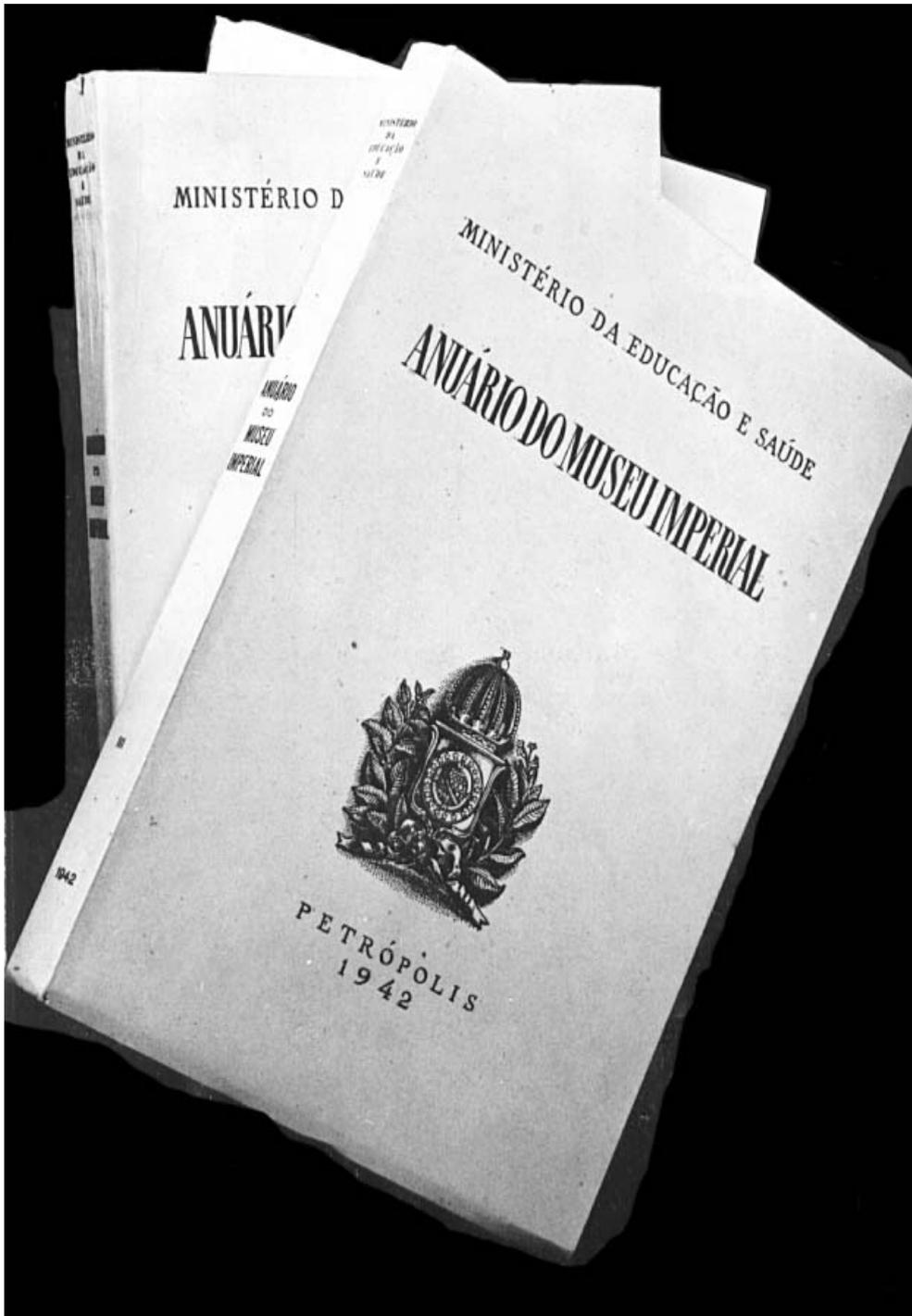
Com a data de 4 de março de 1947, o príncipe dom Pedro escrevia nova carta ao exmo. sr. presidente da República, renovando o seu ânimo de cumprir a vontade paterna no sentido de oferecer à nação o arquivo imperial, e anunciando sua partida para a Europa, onde aguardaria o emissário do governo incumbido de receber a doação, manifestava por sua vez o desejo de que fosse o arquivo confiado ao Museu Imperial.

Graças às prontas medidas do presidente Eurico Dutra, deu entrada o arquivo no museu, em maio de 1948.

Tiveram logo início os trabalhos de catalogação e concomitantemente passou o arquivo a ser consultado por muitos estudiosos, e até esta data, mais de oito mil reproduções foram feitas, em fotocópia e datilografia, atendendo a pedidos de estudiosos do país e do estrangeiro.

Presentemente, acha-se o museu em negociações com empresas editoras, para a impressão, em série, de documentos do arquivo, sob o título de “Documentos do Arquivo do Museu Imperial”, a começar pelo “Diário de Pedro II”, esplêndido repositório de notas sobre a vida administrativa e política do país, durante o seu longo reinado.

Biblioteca, Difusão e Intercâmbio



Capa do Anuário do Museu Imperial

O Museu Imperial possui uma biblioteca pública especializada em História nacional, contando atualmente cerca de quinze mil obras.

Alguns livros pertenceram a Pedro II, tendo na encadernação as armas Imperiais, a sigla P II ou dedicatória ao monarca. Há um catálogo de exposição de arte em Veneza, anotado a lápis pelo imperador e uma tradução para o francês das máximas do marquês de Maricá, toda ela em admirável manuscrito, com rica encadernação ostentando a coroa imperial.

Das obras e edições mais apreciadas, notam-se Debret colorido, Rugendas, Sisson, Saint-Hilaire, John Mawe, Ferdinand Denis (Arte plumária e Une fête brésilienne), Thomas Lindley, Maria Graham, Henry Koster, Memórias de Duguay-Trouin (Amsterdã, 1756), Álbum de E. Rensburg, Vítor Frond (parte ilustrada do Brasil pitoresco de Charles Ribeyrolles) – exemplar que pertenceu a Pedro II, figurinos do exército, obra determinada pelo conselheiro A. N. de Aguiar e desenhada por Álvaro e Larrée (1866), Flora fluminense de frei J. Velloso, Sertum palmarum Brasiliensium de Barbosa Rodrigues, Revista Ilustrada de Ângelo Agostini, prêmios do Colégio Pedro II constituídos de exemplares encadernados das obras de Ésquilo, Demóstenes e Xenofonte, com texto em grego e latim, coleção do Almanaque Laemmert, Leis do Império, documentos parlamentares, livros da mordomia (81 volumes contendo assuntos privados dos monarcas, como

sejam decretos, portarias, avisos e inventários da Casa Imperial), manuscritos de Carlos Gomes (vários volumes com as óperas e peças avulsas em originais manuscritos do compositor, conservadas na Itália e agora doados ao Brasil pela Casa Ricordi de Milão), Viagem pitoresca às duas Américas (Paris, 1836) de Alcide D'Orbigny, Viagem ao Brasil (Paris, 1821), do príncipe de Neuwied, Viagem ao norte do Brasil no ano de 1859 (Lipsia, 1860), de Robert Avé-Lallemant, Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632) de Ambrósio Richshoffer, Privilégios da nobreza e fidalguia de Portugal (Lisboa, 1806) de Luís da Silva Pereira Oliveira, Armorial português, de Santos Ferreira, Dois anos no Brasil, de F. Biard (Paris, 1862), História do Brasil, desde seu descobrimento em 1500 até 1810, por Pedro José de Figueiredo (Lisboa, 1822), Viagem ao Brasil de M.^{me} et M. Louis Agassiz (Paris, 1869), o Brasil, com a colaboração de Rio Branco, Eduardo Prado etc. por Levasseur (Paris, 1889), exemplar contendo a seguinte dedicatória autógrafa de Pedro II: “Para Mota Maia, d. Pedro de Alcântara, Cannes 18 de fevereiro de 1890”, Dicionário biográfico de Inocêncio, Luz da Liberal e Nobre arte da cavalaria, oferecida ao senhor d. João príncipe do Brasil, por Manoel Carlos de Andrade, Lisboa, 1790, Almanaque militar de 1859, organizado no quartel general do exército da Corte, Rio, 1859; Revista Popular (10 volumes), Rio, 1859-1861, Viagem ao sul da Europa e Brasil, do príncipe Adalberto da Prússia, Londres, 1849, Viagem de um naturalista, por Charles Darwin, Ornitologia brasileira ou história natural das aves do Brasil, por J. I. Descourtilz, Coleção Numismática de Julius Meili, 1890, Resumo da história geral das viagens, por M. de la Harpe, Tomo 13, Paris 1780, Constituição moral e deveres do cidadão, por José da Silva Lisboa, Rio, 1824 e Suplemento da Constituição Moral, Rio, 1825, pelo mesmo autor, Memórias históricas e genealógicas dos grandes de Portugal, oferecidos a El-rei fidelíssimo por d. An-



Visita do Colégio Frederico Ribeiro, 15 de julho de 1947.
Os alunos apreciam livros da biblioteca

tônio Caetano de Sousa, Lisboa, 1755, Viagem ao redor do mundo, por J. Belin de Launay, Paris, 1879, Crônica do muito alto e muito poderoso rei destes reinos de Portugal dom João o III deste nome, Coimbra, 1796, por Francisco de Andrada, Descobrimientos, guerras e conquistas dos portugueses em terras do ultramar nos séculos XV e XVI, por F. A. de Bettencourt, 1881, Viagem ao Brasil, por Herman Burmeister, Berlim, 1853, Theatro Heroíno – Abecedário histórico, e catálogo das mulheres ilustres em armas, letras, ações heróicas e artes liberais, por Damião de Fróes Perym, 2 volumes, Lisboa, 1736, Catálogo das medalhas brasileiras e das estrangeiras referentes ao Brasil, pela viscondessa de Cavalcanti, Paris,

1910, Nova Lusitânia, História da guerra brasílica, por Francisco de Brito Freire, 1655; Estudos práticos sobre a administração das províncias do Brasil, pelo visconde do Uruguai, 2 volumes, 1865, Viagens na América meridional por d. Félix de Azara, Paris, 1809, Guia dos amadores de armas, de Auguste Demmin, Paris, 1869, Correspondência de dom Pedro I, imperador constitucional do Brasil, com o falecido rei de Portugal, d. João VI, seu pai, por Eugène Monglave, Paris, 1827, Atas da Câmara Municipal de Petrópolis, de 1859 a 1896, Fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, Memória do Brasil, 3 volumes com atlas, Os Lusíadas, edição de Emílio Biel, Lipsia, 1880, Memória apologética do arcebispo da Bahia, em resposta a d. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, Bahia, 1842, Memórias para

Escolares assistem a uma sessão de cinema educativo, promovida pelo museu





Assistência a uma das conferências realizadas no museu

a história e teoria das Cortes Gerais que em Portugal se celebraram pelo 2º visconde de Santarém, 2 volumes, Lisboa, 1827, A Guerra da Tríplice Aliança, de L. Schneider, A revolução de 1857 e a hecatombe de Quinteros por uma testemunha presencial, Montevideú, 1866, Vida política de Juan Manuel de Rosas, por Júlio Irazusta, 2 volumes, Buenos Aires, Descrição histórica das Ordens Cavaleirescas, de Luigi Cibrario, 2 volumes, Turim, 1846, Privilégios da nobreza e fidalguia de Portugal, oferecidos ao excelentíssimo senhor marquês de Abrantes, por Luís da Silva Pereira Oliveira, Lisboa, 1806, Gazeta de Caracas, edição fac-similar da Academia Nacional da história de Caracas, Recordações da guerra do Paraguai,

por J. J. Garmendia, Rosário, 1891, Livro do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, Rio, 1900, Anais da Marinha portuguesa, de Inácio da Costa Quintela, 2 volumes, Lisboa, 1839, Brasil Histórico, de Melo Moraes, Connoisseur, Museion.

Mapoteca

Carta da América, por Guil. Deslile, Paris, 1800. A América Meridional, por G. de L'Isle, Paris, 1700. América ou Índias Ocidentais, por C. F. Delamarche, Paris, 1792. Carta do Peru e Brasil Setentrional, da Terra Firme de Guinapor. Sr. D'Anville, Veneza, 1779. Nova Planta da Cidade do Rio de Janeiro, Editada por Laemmert, 1864. mapa do município da cidade de Alcântara por J. J. Rodrigues Lopes, 1843. Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, por de Dom João VI na Impressão Régia, 1812 Brasília, 1622. Accuratissima Brasiliae Tabula, por Henrique Hondius, Amsterdam. A América Meridional, para uso do Sereníssimo Duque de Burgonha, Amsterdam. Carta da Terra Firme do Peru, do Brasil e do País das Amazonas, Guilherme Del'Isle, Amsterdam. Carta do Império do Brasil, por Conrado Jacob de Niemeyer, Rio, 184-1873. Nova Carta Corográfica do Império do Brasil, por Pedro Torquato Xavier de Brito, reduzida da Carta de Niemeyer, Rio, 1867. Planta da Impereial Colônia de Petrópolis por Otto Reimarus, 1854. Mapa das Terras da Imperial Fazenda de Petrópolis medidas e demarcadas a S. M. o Imperador no ano de 1854-55. Engenheiro Augusto Jeanne. Mapas relativos ao projeto de nova divisão do Império pelo deputado Cruz Machado e mandados litografar pelo Ministro do Império Conselheiro João Alfredo, em 1873: Espírito Santo, Januária, Santa Cruz, Minas, Araguaia, Entre Rios, Piauí e Sapucaí. Carta das Repúblicas do Paraguai, Uruguai e de parte das províncias do Império do Brasil e da Confederação Argentina que lhe são confinantes.

Outras atividades culturais

O Museu Imperial, em sua sala de conferências, vem promovendo palestras públicas, ao mesmo tempo que cede a referida sala, para o mesmo fim, a várias entidades culturais da cidade.

Têm sido promovidos pelo museu concursos sobre assuntos históricos, entre os educandários locais, bem como tem ministrado aos mesmos pequenos cursos sobre os mais interessantes aspectos de museografia.

O Museu Imperial já editou um catálogo para servir de guia aos visitantes, e vários catálogos de exposições especializadas, periodicamente feitas no Museu. Edita ainda um Anuário. Suas publicações são enviadas aos estudiosos que manifestam interesse em recebê-lo, e, por sua vez, são as mesmas permutadas com inúmeras instituições culturais do país e do estrangeiro.

Com o exterior, faz o intercâmbio com quase todos os países do continente, desde o Canadá até a Argentina, e notadamente com os Estados Unidos.

Para a Europa, envia o museu publicações destinadas a inúmeros museus e institutos culturais de Portugal, Espanha, Itália, França, Holanda e Inglaterra.

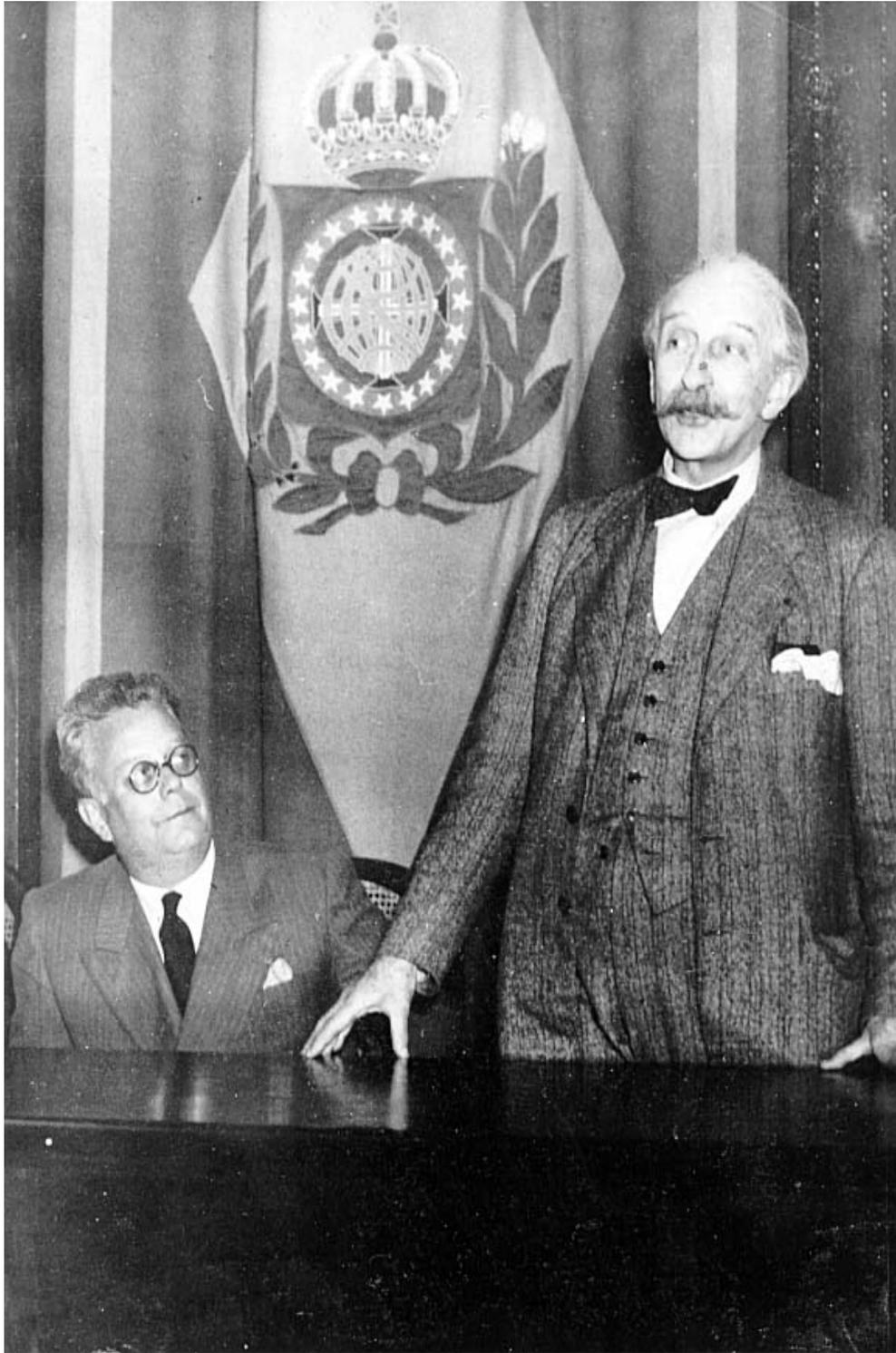
* * *

O museu, em virtude de uma disposição especial de seu regimento, tem a faculdade de designar *Membros Correspondentes do Museu Imperial*, destinadas a prestar colaboração informartiva ou efetuar intercâmbio cultural com o Museu.

Por designação do museu, são já seus correspondentes:
Distrito Federal: Francisco Marques dos Santos e Vasco de Azevedo Lima.
São Paulo: Ricardo Gumbleton Daunt, José Pedro Leite Cordeiro e Durval do Amaral.

Rio Grande do Sul: Armando Dias de Azevedo e Walter Spalding.
Paraná: Newton Carneiro.
Rio de Janeiro: Antônio de Avelar Fernandes e Alberto Ribeiro Lamego.
Minas Gerais: Antônio Joaquim de Almeida.
Espírito Santo: Jair Etienne Dessaune.
Bahia: José Valadares e Afonso Rui de Sousa.
Pernambuco: Jordão Emerenciano.
Rio Grande do Norte: Luís da Câmara Cascudo.
Ceará: Jorge Moreira da Rocha.
Pará: Paulo Eleutério Filho.
Amazonas: Paulo de Melo Resende.
Estados Unidos: Robert Smith e David James.
Uruguai: Ariosto González.
Venezuela: Pedro Grases.
Lisboa: Egas Moniz, Luís Silveira e Bertha Campos Leite da Silva.
Porto: José Rosas Júnior.
Ilha da Madeira: Carlos Henrique de Spinola.
Paris: Roberto Heymann, Labienno Salgados dos Santos, Máximo Sciolette, Jorge Rabay.
Copenhague: Jorge d'Escragnolle Taunay.

A Visitação



O acadêmico francês Emile Henriot realizando uma conferência

A frequência de visitantes ao museu acha-se em crescente, e já no ano de 1949 a média mensal foi de 100.000 pessoas.

Para melhor apreciação, já reproduzimos alguns gráficos estatísticos, no início deste.

Entre os visitantes estrangeiros, cumpre destacar os seguintes nomes: Frank Knox e Jorge C. Marshall, ministro dos Estados Unidos, Rei Carol da Rumânia, Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, Agustín P. Justo, ex-Presidente da Argentina, Alexandre de Tunis, Vice-Rei do Canadá, Morinigo, Presidente do Paraguai, Peñaranda, Presidente da Bolívia, Noel Charles, Embaixador da Inglaterra, B. T. Saman, Ministro da Turquia, J. Blondel, Embaixador de França, R. Kumlin, Ministro da Suécia, Stanley Lewis, Prefeito de Ottawa, G. Baz, ministro da Educação do México, O. de Jehested, ministro da Dinamarca, general d'Astier, embaixador de França, John Kell, primeiro ministro da Austrália, Tomás Berreta, presidente eleito do Uruguai, Martino, ministro de Obras Públicas do Paraguai, Mac Gregor, ministro da Austrália, S. Clark, ministro da Viação de Cuba, cardeal José Manu Caro, patriarca do Chile, J. Pistarini, vice-presidente da Argentina, P. Campos Ortiz, embaixador do México, generais do Exército francês A. Juin e Carpentier, Emile Henriot, da Academia Francesa, general Nioubo Ilich, ministro da Iugoslávia, David Terrazas, chefe do Estado-Maior do Exército da Bolívia, Batlle Berres, presidente do Uruguai.

Sendo o Museu Imperial uma instituição de projeção continental e até extra-continental, fazia-se mister um livro destinado ao registro das impressões das personalidades ilustres que o têm visitado. Cumpre transcrever, dentre esses pareceres, os seguintes:

“La gentileza del Director de este Museo nos há permitido visita esta hermosa casa, que evoca tradiciones de gloria y futuro.”

PASCUAL LA ROSA, Delegado argentino a la Conferencia para el Mantenimiento de la Paz y la seguridad del continente.

“Recuerdo de una persona errante que fué atrapada y fijada por Brasil.

El Museo Imperial de Petrópolis es el símbolo exacto de esta pátria que hace dia su futuro, pero sin volver la espalda a su pasado nobilísimo.”

GABRIELA MISTRAL

“El amor a la tradición de sus grandes monarcas forma la base de la grandeza del Brasil.”

RAWSON

“Rather colleague than Ambassador of the United States. 4 February, 1945.”

ADOLF BERLE

“Profundamente impresionado por el inteligente respeto con que un gran Pueblo sabe conservar, en el marco de dignidad que corresponde, la evocación de sus tradiciones.”

ANTONIO APRAIZ, Director del Museo Histórico Nacional de Buenos Aires.

“JOÃO NEVES DA FONTOURA, com o testemunho de sua comovida admiração patriótica por esta grande obra de restauração artística do período imperial, trecho cheio de glória da vida do Brasil.”

* * *

“Visitando este Museu, quero, inicialmente, prestar minha comovida homenagem à veneranda memória de d. Pedro II, justamente cognominado – o Magnânimo –, a quem o Brasil deve um preito de maior gratidão pelo muito que por ele fez e, principalmente, pelos magníficos exemplos que nos legou. Possamos, nós outros, seus antigos súditos e compatriotas honrar-lhe a memória, servindo com devotamento a esta pátria que ele tanto amou. Por último também desejo con-

Visita de Jorge Marshall. Domingo, 24/07/1947



signar aqui a excelente impressão que recebi da ordem que verifiquei, graças à ação do seu atual diretor.”

ARTHUR BERNARDES

“Este museu documenta a glória imperial do Brasil, graças ao espírito e à cultura, ao patriotismo e ao profícuo trabalho do seu ilustre diretor. É um dos motivos de orgulho de ser brasileiro – visitar este Museu Imperial.”

JONAS CORREIA, deputado federal, e 3º Secretário da Câmara dos Deputados.

“Que maravilhoso serviço vem prestando ao Brasil o Museu Imperial preservando a documentação do período imperial do Brasil!

Nosso país tem o privilégio de ser a única nação da América a ter um período tradicional desse gênero, pois no México houve apenas a transplantação de um regime estranho.

O governo do Brasil deve favorecer os recursos para manutenção e ampliação deste excelente mostruário da nossa história.

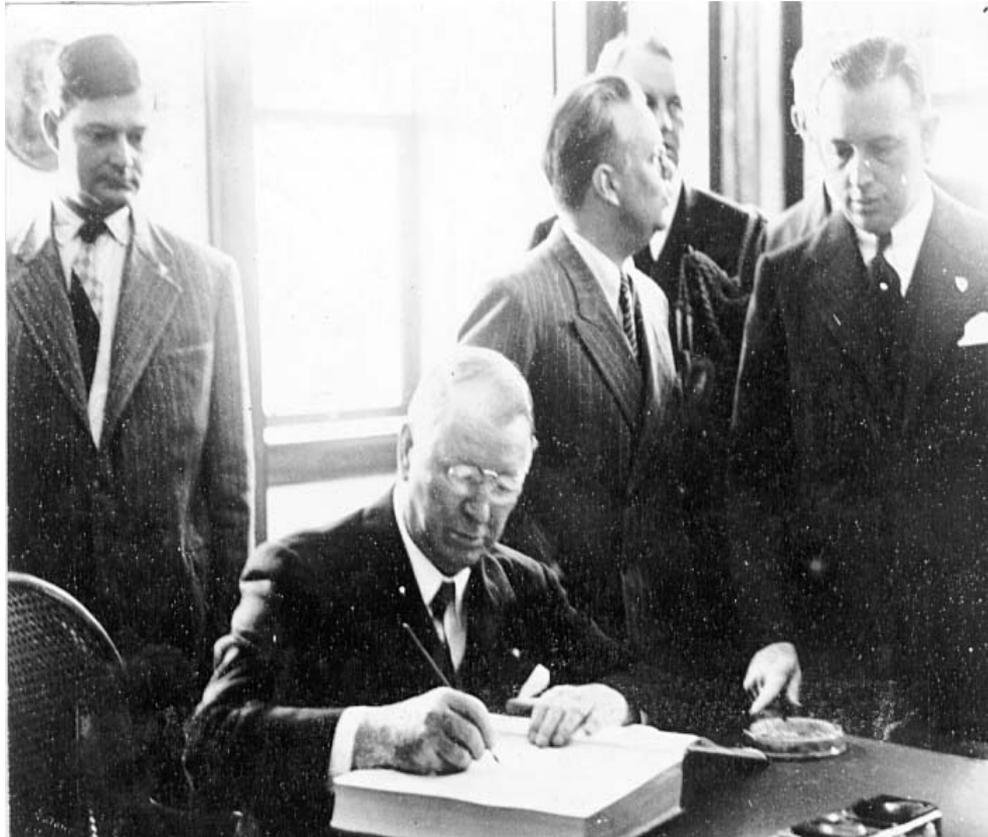
Deixo aqui meus aplausos e minha admiração ao dr. Alcindo Sodré e seus colaboradores por terem organizado este Museu, um dos melhores entre os numerosos que tenho visitado no Brasil e no estrangeiro.”

ERNESTO DE SOUZA CAMPOS, ministro da Educação e Saúde.

“A ricordo della gradevole visita nella Casa che fu all’ultimo Emperatore umanista e della pia Consorte napolitana.”

M. A. MARTINI, Ambasciatore d’Italia

“É com grande prazer que um historiador visita o já famoso Museu Imperial. É que Alcindo Sodré, o seu criador



Frank Knox, ministro da Marinha dos Estados Unidos, assina no Livro de Visitantes

e dedicado diretor, organizou-o com os olhos mais nos fatos da história do que na delícia despertada pela Arte. Sem dúvida alguma a verdade história foi sempre cuidadosamente respeitada, sem prejuízo, entretanto, da mais perfeita harmonia estética que se nota em toas as dependências desta instituição.

Verdade e beleza, eis o lema que bem poderia sintetizar a obra admirável de Alcindo de Azevedo Sodré, o eminente diretor do Museu Imperial.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, Interventor Federal no Estado de São Paulo

“Sirva esta obra de criação de Alcindo Sodré de exemplo e de estimulo a todos os brasileiros. A inteligente e indefectível dedica o do Diretor do Museu Imperial vale como um resgate da censurável indiferença votada por nossos homens públicos, salvo raras exce es às coisas belas e nobres de nosso passado histórico.

E há de ser necessariamente nas fontes desse passado que as gera es que passam na hora presente precisam de,  vidamente, buscar li es para eleva o do nível moral e inte-lectual do regime e de seus homens.”

CARLOS CYRILLO JR., deputado federal por São Paulo.

“Una vez m s siento la grandeza del Brasil, visitando ese hermoso Museo que me confirma la semejanza entre nuestra cultura y la de este noble y admirable pais.”

P. A. BELAUNDE, delegado do Peru   Conferência Panamericana de Segurança do Continente.

“Nous  tions  merveill s du pass  imp rial du grand pays qu’est le Brésil et avons Admir  l’ordre parfait qui y r gne.”

ARGHYROPOULOS, ministre de Gr ce

“Levo a mais indelével das impressões ao visitar o Museu Imperial. Traduz ele, em sua magnificência, um passado de gloriosas e imorredouras tradi es.”

MOURA CARVALHO, governador do Pará

“Uma visão do passado, de um passado que nos orgulha, pela inteligência e grandeza, que nos oferece o Museu Imperial. Conserv -lo e ampli -lo   obra de cultura e meritório serviço   na o.”

SAMUEL DUARTE, presidente da Câmara dos Deputados

“Acabo de assistir, encantada e evocativamente, à maravilhosa ressurreição da era imperial do Brasil. Bendito seja pelas gerações vindouras essa obra de respeito a um passado que não nos envergonha, antes enaltece o gosto, a civilização e a cultura da nossa gente antiga.”

HEITOR BELTRÃO

“Tudo quanto vi me encheu de comovida admiração. Como português, agradeço ao dr. Alcindo Sodr e e aos seus colaboradores o ambiente que nesta casa criaram e mant em para tornar possível a permanência nela do espírito de um passado cheio de nobreza e humanidade, que   da minha, da nossa velha pátria a mais pura proje o.”

HERNANI CIDADE, professor da Universidade de Lisboa.

“Guardar culto al pasado asegurarse un porvenir glorioso. El Brasil sabiamente sabe darnos este alto ejemplo.”

EL CONDE DE CASA ROJA, embajador de España

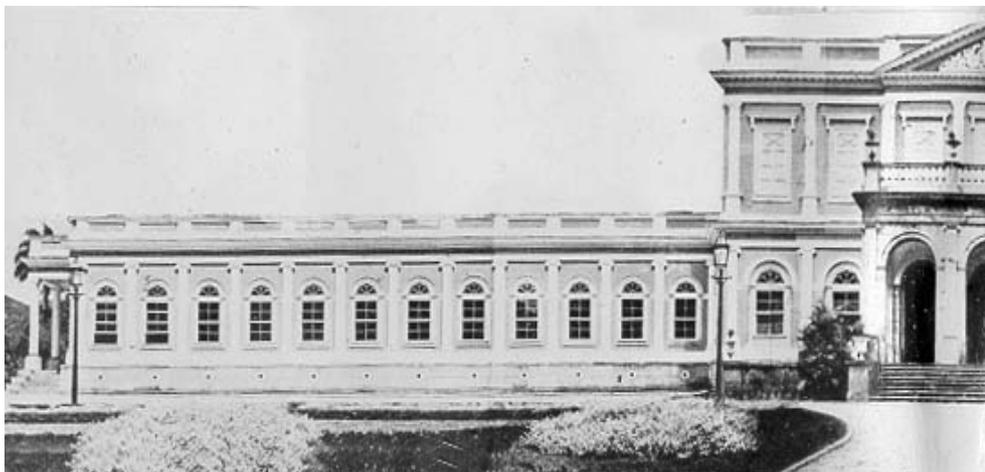
“Visitando este magnífico Museo Imperial, nos afirmamos em la convic ion de que en el Império   em la República, este gran País hermano, tiene el fondo permanente de su grandeza en los valores maravillosos de su pueblo y de su espírito.”

G. B. ECCCKER, embajador del Uruguay

“O Museu Imperial, que acabo de visitar, representa uma magnífica afirma o do alto valor de nossa história e de nossa tradi o.”

ARAMIS ATHAYDE, deputado federal.

“Visitando pela primeira vez este Museu Imperial do Brasil n  sei que mais admirar, se o valor real dos objetos expostos ou a técnica museológica que presidiu ao seu impe-



Vista do Museu

cável arranjo, pela mão do mestre Alcindo Sodré, com a não menos valiosa assistência dos seus colaboradores.

Com as felicitações mais sinceras, dirigidas a todos quantos trabalham neste santuário da história do Brasil onde tanto nos recorda o nosso querido Portugal, faço votos para que este palácio seja sempre um sítio de peregrinação da gente lusa, em justa homenagem ao país de Vera Cruz, orgulho da lusitanidade”.

ALBERTO IRIA, diretor do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa.

“A impressão que nos deixa uma visita a este museu é de que só um brasileiro com a sensibilidade e o patriotismo do atual diretor, tão bem coadjuvado por dedicados auxiliares, poderá mantê-lo no magnífico estado em que o encontramos.”

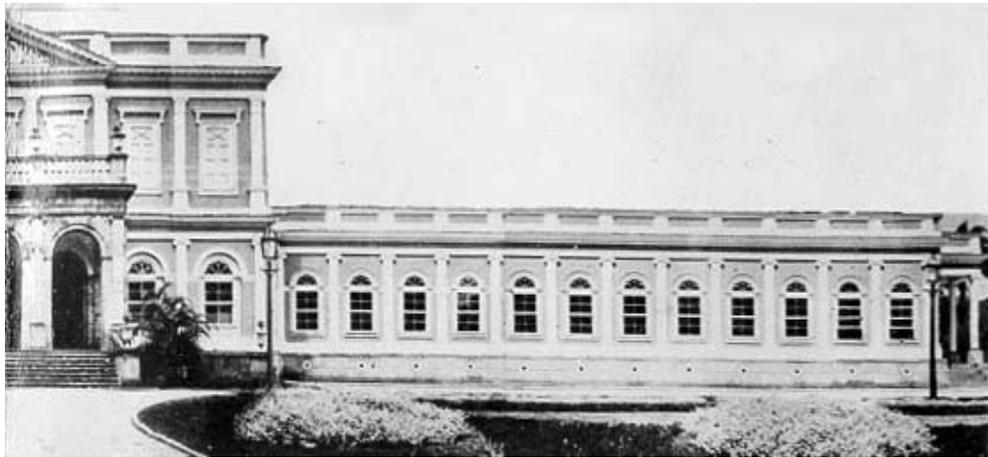
JORACY CAMARGO

HEKEL TAVARES

BANDEIRA DUARTE

FRANCISCO DIAS FONTES

LUIZ PEIXOTO



Imperial

“O amor às coisas do passado é uma das manifestações do caráter de um povo. Percorrendo demorada e atentamente o suntuoso Museu Imperial, adquiri a certeza de que aqui muito há que aprender, inclusive o culto às grandes coisas, hoje infelizmente esquecidas e relegadas a um plano secundário, pelas imposições do materialismo em que se afoga esta triste geração.”

J. CARVALHO SÁ, deputado federal

“Com mais viva emoção pelas revivescências inspiradas no ilustre e heróico passado imperial do Brasil, deixo aqui consignadas minhas felicitações à preclara direção do museu, pelo carinhoso cuidado com que vela tão augustas lembranças que aqui moram.”

GAL. ONOFRE GOMES DE LIMA, Comandante da 4^a R. M.

“Quando se visita este magnífico Museo se transporta el espíritu a aquellas famosas épocas de la esplendorosa monarquia que tantos gênios dio al mundo. Quien visita a este progre-

sista y culto país, y no visita esta casa de recuerdos históricos de aquellas remotas edades cuyas reliquias aquí se conservan: regresará a su pueblo sin haber conocido em todo su valor esta tierra hospitalaria y digna de admiración.”

J. BATALLA, delegado del Panamá à la Conferencia de Seguridad del Continente

“With appreciation that this important Museum is preserving for mankind the physical history of this distinguished land.”

WARREN R. AUSTIN

“A great visit, much history, and “Muitas lembranças” from a American who has loved your country and admired your people for three years.”

LELAND LOVETTE, Rear Admiral U. S. Navy

“We have very much admired this wonderful Museum a real jewel and a priceless relic of a wonderful past. I redounds to the glory of Brazil I has been thought admirable to preserve so marvelous relic.”

EUGENE K. SCALLAN, Minister of the Union of South Africa

“Después de haber admirado los recuerdos de un pasado ilustre que se conservan en este Museo, renuevo mi cordial homenaje al noble pueblo brasileño.”

E. GARCÍA SAYÁN, ministro de Relaciones Exteriores del Peru.

“Este Museu Imperial demuestra al viajero como el Brasil por la obra cultural de los Emperadores pasó de colonia a ser una gran Nación!”

E. RUIS GUINAZU, chanciller de la República Argentina

“Os homens de hoje devem se orgulhar de seu passado histórico e seguir a trilha luminosa de seus pró-homens.

A visita que faz a delegação de formandos da Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul robustece a fé em nossos destinos, com tão nobilizante passado.”

PROF. LELIS ESPARTEL

“Dom Pedro II honrou ao governo dos homens... ora, isso é passado... Está nas páginas da história. Engano. Está vivo, presente, na ressurreição do Museu Imperial de Petrópolis...

Que lição e que saudade!”

AFRÂNIO PEIXOTO

O deputado Arthur Bernardes, ex-presidente da República, escrevendo no Livro de Visitantes as suas impressões sobre o museu



“Quem quiser *sentir* a época, compreendê-la, tatear-lhe a velha realidade, há de fazer esta peregrinação, subir estas escadas, olhar estas relíquias e reverenciar este nome. Dom Pedro II mora em Petrópolis. Está morto na catedral, no jazigo sóbrio e branco. Está vivo no museu, na sua mansão feliz e bela. Só os grandes povos reconhecem – e amortizam –, a sua dívida de gratidão. O Museu é um pagamento.”

PEDRO CALMON

“Esta casa dá aos brasileiros a sensação por tanto tempo obliterada e, no entanto, tão reconfortante – do nosso passado; abre aos seus olhos deslumbrados urna perspectiva magnífica, que fortalece a confiança no futuro da nossa terra.”

LEVI CARNEIRO

“Depósitos da morte, não: repositórios da vida! Eis o que pensei e senti, percorrendo este já tão rico, solene, sugestivo Museu Imperial.”

JOÃO LUSO

“... um dos museus do mundo que mais me tem impressionado.”

JOAQUIM LEITÃO, secretário perpétuo da Academia das Ciências de Lisboa.

“Em visita de profano, que ficou maravilhado.”

GAGO COUTINHO

“Levo, da visita a este museu, uma impressão imperecível”.

RAUL PILLA



General Alexander, visconde de Túnis, vice-rei do Canadá

“... Visitando oficialmente o Museu Imperial como ministro da Educação e Saúde, aprez-me consignar a magnífica impressão que me causaram o seu planejamento e a boa ordem dós seus serviços.”

CLEMENTE MARIANI

“A historical jewell!”

Col. EDWARD L. AUSTIN, U. S. ARMY

“El noble recuerdo del Emperador Don Pedro II, el Civilizador filósofo, se harmoniza com la grandeza del Brasil republicano, que es una de las grandes patrias de América.”

JULIO M. CESTERO

“Esta casa causa justo orgulho a todos os brasileiros.”

ETELVINO LINS, senador por Pernambuco

JOSÉ DO REGO MACIEL, deputado por Pernambuco

“A visita a esta casa, tão bem guardada pelo carinho do seu digno diretor, é motivo de grande satisfação para todo brasileiro, cioso de tudo que diga respeito ao passado glorioso do nosso Brasil.”

LAUDO DE CAMARGO, ministro do Supremo Tribunal

“O passado e a tradição de um povo é a segurança do seu progresso. A pátria tem traçado nesta casa de veneração da nacionalidade o penhor seguro dos seus históricos destinos.”

MOYSÉS LUPION, governador do Paraná

“Esta casa, do glorioso passado do Brasil, honra os seus administradores e organizadores. Não existe outra no país melhor organizada e que melhor diga do nosso passado glorioso.”

LUÍS DE TOLEDO PISA SOBRINHO, deputado federal por S. Paulo

AURELIANO LEITE, deputado federal por São Paulo

“A obra é o espelho do homem que a criou. Alcindo Sodré erigiu um monumento da cultura, para a reverência cívica dos brasileiros, aos homens que impulsionaram o progresso do país na etapa  urea do Império.”

JURACY MAGALHÃES, deputado federal pela Bahia.



Vasos de Sèvres. Presente de Napoleão III ao imperador do Brasil

“A cinza dos mortos é a raiz das pátrias, que têm nos museus os seus templos. O Museu Imperial, obra do idea-

lismo e da cultura de Alcindo Sodré, inaugurou o culto do nosso passado, que   a melhor li o, caminho e advertência para as nossas conquistas futuras.”

EDMUNDO DA LUZ PINTO

* * *

Algumas referências ao Museu Imperial através da imprensa:

Ferreira da Rosa, sob o título MUSEU IMPERIAL, no *Diário Popular*, de São Paulo (26/12/1942):

“O museu vai muito adiantado. Brilha em todos os aspectos. Deslumbra pelo que representa de esforço, critério, fidelidade   tradi o; e pelo valor intrínseco e legendário dos objetos, irisados todos com a aureola do Império.”

Belisário de Sousa, assinando UM VOTO DE LOUVOR, em *A Noite* (16/03/1943).

“Petrópolis tem, a partir de hoje, a melhor escola de brasilidade que já se fundou no Brasil, porque tudo quanto ali está disposto para transportar-nos ao passado faz-nos ter mais confiança no presente e mais vigorosos estímulos para o futuro. A porta que se abre para tr s jorra luz para frente.

Visitando o Museu Imperial   que se pode ter no o exata das responsabilidades que nos cabem, em face da tradi o e da história. Ele   o traço de união entre duas épocas igualmente fecundas do nosso destino.

Formulemos, pois, um voto de louvor ao brasileiro ilustre – o dr. Alcindo Sodré – que, perseverantemente, pôde realizar essa obra notável de cinismo e de cultura, que ficará



Coroa de d. Pedro I, cetros imperiais, espadim de corte de d. João VI, álbum oferecido pelos portuenses a d. Pedro II e medalha de ouro oferecida pelos rio-grandenses ao imperador pela libertação de Uruguaiana

incorporada ao patrimônio da civilização brasileira e que constitui o acontecimento de relevo entre todas as comemorações do centenário de Petrópolis”.

Pedro Calmon, em *A Noite* de 30/03/1943, sob o título MUSEU IMPERIAL:

“A cultura brasileira está de parabéns com a inauguração do Museu Imperial, ato solene que festejou, em 16 de março, o centenário de Petrópolis.

O palácio de d. Pedro II não é um vazio e triste edifício sepultado no jazigo verde da mata que o envolve mas uma vasta casa aberta ao povo onde mãos hábeis arrumaram com brilhante arte as cenas, os aspectos e os detalhes de outrora. Um profuso capítulo da vida nacional ali está, distribuindo pelo fulgor das baixelas, pela cintilação dos cristais, pela severidade dos corredores, pela alvura das paredes, pela riqueza dos quadros, pelo conforto austero dos largos aposentos, onde, não morou somente um rei bom e modesto, porém, com ele, um século inteiro.”

Max Fleiuss, em RECORDANDO, no *Jornal do Comércio*.

“A visita ao Museu Imperial equivale, em suma, a uma lição magnífica do nosso passado. Deverá ser alvo de turistas e de quantos saibam apreciar esses recintos de alta cultura.”

Otávio Tarquínio, em o *Correio de Manhã* (04.03.1949), escrevendo sobre UMA CASA BRASILEIRA:

“Hoje, na antiga casa de Pedro II, há um dos raros serviços públicos brasileiros que podem merecer a qualificação de modelares. O Museu Imperial dá a medida mais aproximada

possível do que foi o Brasil na sua primeira fase de nação independente nas amostras dos estilos de vida da classe dominante, nas peças de mobiliário, tapeçarias, louças e de tantos objetos que nele se acumulam. O estado do passado brasileiro relativo a essa época encontra na outrora casa de verão de Pedro II elementos e dados extremamente valiosos.”

Tristão de Athayde, escrevendo sobre BALZAC E OS Nossos IMPERADORES em o *Diário de Notícias* (03/04/1949).

“Museu Imperial de Petrópolis que é das coisas mais belas, mais dignas e mais bem cuidadas do Brasil de hoje.”



Estátua de bronze, com pedestal de madeira. Representa d. Pedro II em trajes majestáticos. Foi feita na fundição da Ponta d'Areia do visconde de Mauá

Esclarecimento



Placas e grande colar da Ordem da Rosa, oferecido ao príncipe de Joinville por dom Pedro II

Na discriminação da Seção – As salas de exposição – encontrará o leitor diversas vezes, entre parênteses, chamadas de notas, sem no entanto encontrar, no final da página, a explicação necessária. Isso o fazemos aqui. Elas significam a procedência dos objetos em causa.

Conforme se verifica da relação abaixo, muitos foram adquiridos e transferidos de outros setores e bem assim doados por distintas pessoas:

(I) Coleção Guilherme Guinle

(II) Tesouro Nacional

(III) Casa da Moeda

(IV) Palácio do Catete

(V) Museu Nacional

(VI) Museu Histórico Nacional

(VII) Arquivo Nacional

(VIII) Coleção Vasco Lima

- (IX) Família Conde Modesto Leal
- (X) Família Lineu de Paula Machado
- (XI) Adquirido
- (XII) Escola Nacional de Belas-Artes
- (XIII) Museu Nacional de Belas-Artes
- (XIV) Biblioteca Nacional
- (XV) Museu Histórico de Petrópolis
- (XVI) Palácio Itamarati
- (XVII) Prefeitura do Distrito Federal

Inauguração do Museu



Cabeça em bronze, do presidente Getúlio Vargas, trabalho do escultor Hildegardo Leão Veloso. A 16 de março de 1943, foi colocada no parque, à entrada principal do Museu Imperial, como homenagem devida ao seu criador, e de quem o museu recebeu decidida e permanente assistência



O presidente Getúlio Vargas, cortando a fita simbólica da inauguração do Museu Imperial, a 16 de março de 1943

Na solenidade de inauguração do Museu Imperial, ocorrido a 16 de março de 1943, o diretor do museu, Alcindo Sodré, saudando o presidente da República, dr. Getúlio Vargas, disse as seguintes palavras:

“Respectivamente, pelos decretos ns. 634 e 44 de 3 de fevereiro e 27 de novembro de 1939, o sr. interventor federal no estado do Rio, comandante Ernani do Amaral Peixoto, estabelecia a aquisi o do antigo Palácio Imperial de Petrópolis e o transferia   União para que nele fosse instalado o Museu Imperial.

E pelo decreto-lei n. 2.096, de 19 de março de 1940, o presidente da República, sr. dr. Getúlio Vargas, criava nesta cidade e com sede no antigo paço, o Museu Imperial.

Sobremodo honrado que fui, no cargo de confiança, de diretor desta casa, vejo-me hoje, dia da inaugura o oficial do Museu, na grata contingência de falar por alguns minutos.

Inaugura-se hoje, neste prédio, um novo museu histórico nacional. Da significa o de um instituo desta natureza, como fator cultural e cívico, seria ocioso dizer.

Entretanto, a estatística muita vez impressiona na fria e contundente revelação de sua linguagem numérica.

Assim é que, segundo o Ofício Internacional de Museus, existem na Europa cerca de seis mil, nos Estados Unidos mil trezentos e setenta, no Japão perto de trezentos, na Austrália e Nova Zelândia, andam por cem, e na África os museus contam-se por sessenta. A América Latina, e com ela o Brasil, não figurava nessas estatísticas. Significam esses números a importância, que não só a velha civilização européia, mas todo o mundo, empresta a esses estabelecimentos.

O presidente Getúlio Vargas tomou a iniciativa de criar quatro museus especializados: o das Missões, em São Miguel do Rio Grande do Sul, o do Ouro em Sabará, o da Inconfidência em Ouro Preto e o Imperial em Petrópolis.

Assim o fazendo, e na escolha das respectivas sedes inspirou-se s. excia. nos modernos moldes da museologia.

O Museu Imperial instalou-se no imóvel que melhor poderia expressar a sua finalidade. Esta casa quase centenária foi a única construção até hoje levantada no Brasil para a residência de um chefe de Estado. Habitação preferida de dom Pedro II, foi ela edificada a expensa do bolso particular do imperador.

Não tem por certo a imponência ou o fausto dos palácios reais da Europa. Na modesta simplicidade de seu conjunto, denotará todavia, graciosas proporções, excelência de material, e uma certa beleza de ornatos.

Três afamados artistas brasileiros dirigiram os trabalhos deste edifício: Cândido Guilhobel, mestre geral, Jacinto Rabelo, mais tarde professor de desenho da então Escola Central hoje Escola Nacional de Engenharia, e Araújo Porto Alegre, barão de Santo Ângelo, diretor da Escola de Belas-Artes.

Suas largas paredes são de pedra. As madeiras são as melhores do Brasil: jacarandá, cedro, pau setim, pequiá rosa e canela. As ferragens causam inveja a todas as nossas construções modernas.

Pelos inventários deste paço, realizados em 1862 e 1890, podem ser identificadas as suas peças onde têm sido recolocadas as alfaias devidamente reconhecidas. As obras de restauração e conservação obedecem a esse critério, e em todos esses trabalhos contamos com esplêndida assistência do Serviço do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional. Deste modo, o Museu Imperial, em linhas gerais, e de certa forma procura reconstituir a antiga habitação do velho imperador.

O destino deste museu não se limita a reunir e conservar a memória da época monárquica. Deverá manter uma seção da cidade de Petrópolis, um arquivo especializado de documentos, e uma biblioteca histórica.

Além do mais, essa iniciativa do presidente Getúlio Vargas e do interventor Amaral Peixoto, contém uma aprazível dádiva à cidade de Petrópolis: o uso e gozo do antigo parque imperial.

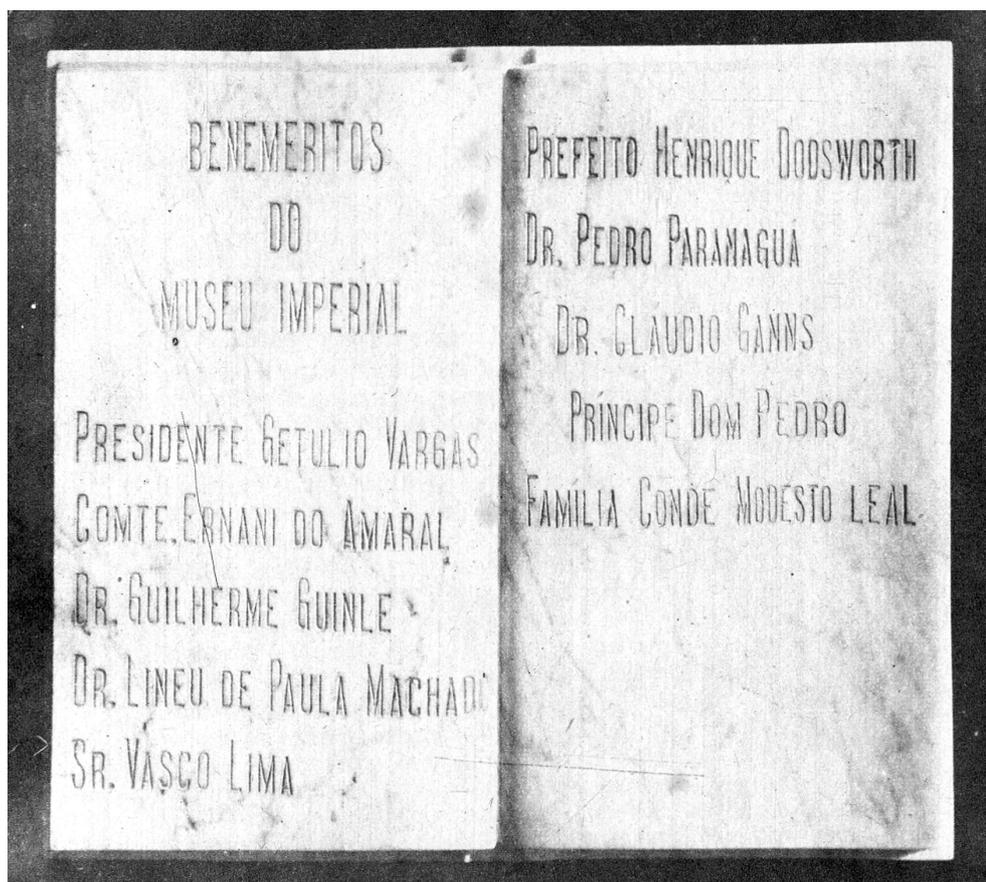
Durante o tempo em que se realizavam os trabalhos do museu, foi ele visitado por várias missões diplomáticas e numerosos turistas.

Único país em todo o continente, de passado monárquico, foi com natural orgulho patriótico que pudemos constatar a vida curiosidade, e por que não dizê-lo, o geral e acentuado ciúme de nossos vizinhos por esse passado que eles não tiveram.

O Museu Imperial, no entanto, é uma criação brasileira e para os brasileiros destinada. E por isso, representa educação política, significa segurança de sentimentos públicos, reflete maturidade cívica. A criação do Museu Imperial é um atestado de haver o brasileiro bem compreendido os conceitos daquele espírito emancipado que foi Ernesto Rénan quando escreveu: “O pior erro é acreditar que se serve à pátria, caluniando os que a fundaram. Todos os séculos de uma nação são as folhas do mesmo livro. Os verdadeiros homens do progresso são os que têm como ponto de partida um profundo respeito do passado. Tudo o que nós fazemos, tudo o que somos, é o resultado de um trabalho secular. Para mim, nunca me sinto tão firme em minha fé liberal, senão quando metido sobre os milagres da fé antiga, nem sou mais confiante no trabalho do futuro, que quando me quedo por horas a escutar o bater dos sinos da cidade de Is.”

Se o Museu Imperial, no período de sua instalação, foi visitado, conforme referimos, por numerosos estrangeiros, o foi também por nacionais, que aos milhares, e com extraordinário interesse, percorreram esta casa.

E perdoe-nos sr. presidente, por julgarmo-nos testemunha fiel do que ouvimos, dizendo do incontido e igual entusiasmo com que todos esses corações aplaudem v. excia. por esta obra de tão expressiva brasilidade”.



Livro em mármore, onde são inscritos os nomes do “Beneméritos do Museu Imperial” e colocado no saguão do estabelecimento

Regimento do Museu Imperial

Regimento do Museu Imperial

(Aprovado pelos Decretos 5.474, de 5 de abril de 1940, 21.008 de 22 de abril de 1946 e 25.797 de 10 de novembro de 1948)

CAPÍTULO I

Da finalidade e competência

Art. 1º. O Museu Imperial, subordinado diretamente ao Ministro de Educação e Saúde, tem por finalidade: *a)* recolher, classificar e expor objetos de valor histórico ou artísticos, referentes a fatos e vultos da Monarquia Brasileira, notadamente do período de D. Pedro II; *b)* colecionar, classificar e expor objetos que constituam documentos expressivos da formação histórica da cidade de Petrópolis; *c)* recolher e classificar documentos manuscritos, relativos à Monarquia Brasileira, sob a forma de arquivo, competindo-lhe: *a)* promover conferências e fazer pesquisas e publicações, relativas a assuntos da História do Brasil, ligados ao período da Monarquia e à cidade de Petrópolis; *b)* manter uma biblioteca especializada sobre História do Brasil.

CAPÍTULO II

Da organização

Art. 2º. O Museu compõe-se de:

I. Divisão da Monarquia Brasileira, que compreende:

- a)* Seção Brasil-Reino e Brasil-Império;
- b)* Seção de Porcelanas, Cristais, Cidade de Petrópolis e Viaturas.

II. Divisão de Ourivesaria, que compreende:

- a)* Seção de Jóias, Miniaturas e Prataria;
- b)* Seção de Condecorações, Medalhística e Numismática Imperial.

III. Divisão de Documentação Histórica, que compreende:

- a)* Seção de Biblioteca, Filatelia, Mapoteca e Estampas;
- b)* Seção de Arquivo, Documentação Fotográfica, Publicações e Intercâmbio Cultural;

IV. Seção Auxiliar, que compreende:

- a)* Seção de Administração;
- b)* Portaria;

- c) Vigilância;
- d) Oficina de Restauração;
- e) Depósito;
- f) Gabinete Fotográfico;
- g) Parque.

Art. 3º. O Museu será dirigido por um Diretor, em comissão, e terá um secretário e um chefe de portaria, cabendo ao secretário chefiar o Serviço Auxiliar.

Parágrafo único. O Diretor terá um secretário escolhido dentre os servidores do Ministério.

Art. 4º. As Divisões e Seções serão dirigidas por chefes.

CAPÍTULO III Da competência dos órgãos

Art. 5º. À Divisão de Monarquia Brasileira compete:

I. Receber, estudar, classificar, guardar, conservar, colecionar e expor os objetos adquiridos, transferidos ou doados, referentes a fatos e vultos da Monarquia Brasileira, notadamente de D. Pedro II.

II. Realizar pesquisas:

a) sobre assuntos da História do Brasil, relacionados com a finalidade do Museu;

b) sobre os acontecimentos e as figuras do período imperial.

III. Receber, estudar, classificar, guardar, conservar, colecionar e expor os objetos adquiridos, transferidos ou doados, referentes à história de Petrópolis.

IV. Realizar pesquisas sobre a história da cidade de Petrópolis, para fins relacionados com os objetivos do Museu.

Art. 6º. À Divisão de Ourivesaria compete:

I. Receber, estudar, classificar, guardar, conservar, colecionar e expor os objetos adquiridos, transferidos ou doados, que possam constituir uma documentação das artes menores do período imperial, bem como da numismática dessa mesma época.

II. Realizar pesquisas sobre assuntos correlatos com os objetos expostos na referida Divisão.

Art. 7º. À Divisão de Monarquia Brasileira e à Divisão de Ourivesaria, compete ainda:

I. Inventariar e catalogar os objetos e documentos pertencentes às respectivas divisões.

II. Organizar e manter atualizados:

a) catálogos e fichários de objetos históricos, artísticos e documentos;

b) catálogo descritivo ou guia para orientar os visitantes.

III. Fornecer ao Serviço Auxiliar os dados necessários para a escrituração patrimonial.

Art. 8º. À Divisão de Documentação Histórica, compete:

I. Manter repositórios de obras, periódicos, mapas, estampas, fotografias nacionais e estrangeiras, sobre assuntos relacionados direta ou

indiretamente com material da competência do Museu e o arquivo de documentos históricos.

II. Classificar o material bibliográfico e manter atualizados os catálogos necessários à biblioteca.

III. Fazer, com a observância das formalidades necessárias à integridade das coleções, o empréstimo das obras e periódicos para consulta interna.

IV. Classificar os documentos históricos e manter atualizados os catálogos necessários do arquivo.

V. Fazer, com a observância das formalidades necessárias à integridade dos documentos, o empréstimo das peças do arquivo para consulta interna.

VI. Organizar as publicações do Museu.

VII. Permutar publicações do Museu com instituições culturais nacionais e estrangeiras, bem como remetê-las aos particulares que as solicitarem.

VIII. Providenciar sobre a encomenda de obras e periódicos que digam respeito às atividades do Museu.

IX. Preservar os exemplares das coleções contra danos e extravios.

X. Organizar e classificar o material filatélico referente ao período imperial.

XI. Fornecer ao serviço auxiliar os dados necessários para a escrituração patrimonial.

Art. 9º. Ao Serviço Auxiliar, compete:

I. Pela Seção de Administração:

a) elaborar os trabalhos mecanográficos e os atinentes a pessoal, material, orçamento e comunicações.

II. Pela Portaria:

a) abrir e fechar os edifícios do Museu.

b) Velar pelo asseio e conservação dos edifícios e móveis do Museu.

c) Guardar, no vestiário, os chapéus e objetos dos visitantes ou consulentes, fornecendo-lhes à entrada fichas de controle e chinelos de feltro, os quais serão devolvidos à saída.

d) Orientar os interessados que procurarem o Museu.

Art. 10. À Vigilância, compete fazer guarda diurna e noturna dos edifícios e parques do Museu.

Art. 11. À Oficina de Restaurações compete restaurar os objetos e demais serviços que dependerem da sua especialidade.

Art. 12. Ao Depósito compete ter sob a sua guarda e distribuir mediante requisições internas todo o material adquirido pelo Museu.

Art. 13. Ao Gabinete Fotográfico compete fotografar, retocar, reproduzir e atender a tudo o que disser respeito à sua arte.

Art. 14. O Parque compreende os jardins, o bosque, os animais decorativos, o comedouro de aves, as estátuas e estatuetas, e outros elementos de adorno.

CAPÍTULO IV

Das atribuições do pessoal

Art. 15. Ao Diretor compete:

I. Dirigir, coordenar e fiscalizar os trabalhos do Museu.

II. Representar o Museu em suas relações externas.

III. Conceder:

a) autorização para fotografar ou copiar objetos e documentos expostos e arquivados no Museu, quando daí não resultar dano ou inconveniência;

b) aprovação à escala de férias dos servidores do Museu;

IV. Autorizar permutas de duplicatas desnecessárias e objetos que não interessem diretamente ao Museu.

V. Permitir que objetos de reconhecida importância histórica, pertencentes a outras instituições ou a particulares, sejam expostos ou guardados no Museu.

VI. Propor ao ministro a transferência de objetos de valor histórico ou artístico de estabelecimentos oficiais para o Museu Imperial.

VII. Propor ao ministro o respectivo substituto para os seus impedimentos.

VIII. Determinar:

a) a saída do Museu ou impedir o ingresso de pessoas suspeitas ou que se portarem inconvenientemente;

b) a instauração de processo administrativo;

c) a execução de serviços internos;

d) os trabalhos de jardinagem e conservação do parque.

IX. Designar:

a) “Membros Correspondentes do Museu Imperial”, residentes em qualquer ponto do país ou no estrangeiro, recaído a designação em pessoas capazes de prestar colaboração informativa ou efetuar intercâmbio informativo ou efetuar intercâmbio com material de comércio cultural com o Museu;

b) servidores para procederem aos inventários de verificação ou substituírem responsáveis;

c) os funcionários que devem exercer função gratificada de chefia e os eventuais substitutos destes.

X. Indicar os chefes de divisão.

XI. Dirigir as publicações do Museu.

XII. Dirigir-se, em objeto de sua competência, aos chefes ou diretores de repartições públicas ou privadas, exceto aos ministros de Estado, caso em que deverá fazê-lo por intermédio do Ministro da Educação e Saúde.

XIII. Promover, anualmente, à realização de conferência sobre assuntos relacionados com as atividades do Museu.

XIV. Reunir os chefes de divisão, quando julgar conveniente, para tratar de assunto de serviço.

XV. Admitir e dispensar o pessoal extranumerário, na forma da legislação vigente.

- XVI. Antecipar ou prorrogar o período normal de trabalho.
- XVII. Submeter ao ministro, anualmente, o plano de trabalho no Museu.
- XVIII. Distribuir e redistribuir pelas seções o pessoal lotado no Museu.
- XIX. Aplicar penas ao pessoal do Museu, inclusive a de suspensão até 30 dias e representar ao ministro, quando for caso de pena maior.
- XX. Organizar os serviços dos domingos e feriados, assim como o que tiver que ser realizado fora das horas normais do expediente, de modo que a cada servidor seja concedido um dia descanso por semana.
- XXI. Estabelecer o horário para frequência no parque.
- XXII. Apresentar ao ministro, anualmente, o relatório completo dos trabalhos realizados pelo Museu.
- XXIII. Despachar pessoalmente com o ministro.
- XXIV. Baixar ordens de serviço para o fiel cumprimento do disposto neste regimento.
- Art. 16. Ao Secretário incumbe:
- I. Dirigir, examinar e fiscalizar a execução dos trabalhos que couberem ao Serviço Auxiliar.
- II. Propor ao diretor as medidas que julgar conveniente aos trabalhos de Secretaria.
- III. Apresentar até 15 de dezembro de cada ano um relatório dos serviços realizados;
- IV. Impor aos subordinados as penas disciplinares, inclusive a de suspensão até 15 dias, e representar ao diretor quando for caso de pena maior.
- V. Organizar a escala de férias.
- VI. Encerrar o ponto dos servidores.
- VII. Organizar a escala dos plantões e folgas dos servidores.
- Art. 17. Aos Chefes de Divisão incumbe dirigir e fiscalizar os serviços, devendo, para isso:
- I. Orientar a execução dos trabalhos e manter coordenação entre os elementos componentes das seções, determinando as normas e os métodos que forem aconselháveis.
- II. Manter estreita colaboração da Divisão com os demais órgãos do Museu.
- III. Despachar pessoalmente com o Diretor.
- IV. Promover, quando julgar conveniente, reuniões dos Chefes de Seção, para tratar de assunto de serviço e comparecer às reuniões promovidas pelo Diretor.
- V. Aplicar aos subordinados as penas disciplinares de advertência e repreensão, e representar ao Diretor quando for caso de pena maior.
- VI. Apresentar anualmente ao Diretor:
- a) plano de trabalho da Divisão a seu cargo e, em qualquer tempo, sugestões visando o desenvolvimento da mesma.

b) Relatório circunstanciado dos trabalhos realizados.

VII. Dar parecer sobre questões de interesse do museu, quando o diretor o solicitar.

Art. 18. Aos chefes de seção, compete:

I. Velar pela boa ordem dos trabalhos da seção.

II. Conferir anualmente o inventário dos objetos sob sua guarda.

III. Propor ao chefe de divisão as penas disciplinares para os seus subordinados.

IV. Apresentar anualmente ao chefe de divisão:

a) plano de trabalho da seção a seu cargo;

b) relatório circunstanciado dos trabalhos executados.

Art. 19. Aos chefes de seção da Divisão de Documentação Histórica, compete ainda:

I. Orientar a execução dos trabalhos e manter coordenação entre os elementos componentes da seção, determinando as normas e métodos que se fizerem aconselháveis.

II. Velar pela guarda do material bibliográfico sob sua guarda.

III. Orientar os consulentes na escolha das obras a consultar.

IV. Conferir anualmente o inventário do material sob sua guarda.

V. Apresentar, anualmente, um relatório das atividades de sua Seção.

Art. 20. Aos conservadores incumbe:

I. Executar o inventário e catalogação dos objetos.

II. Realizar trabalho que lhes forem cometidos pelos respectivos chefes.

III. Atender às consultas dos visitantes, quando para isso designados e prestar esclarecimentos sobre os objetos expostos, se solicitados.

Art. 21. Ao Chefe da Portaria, incumbe:

I. Dirigir, distribuir e fiscalizar os trabalhos da competência da Portaria, transmitindo as necessárias instruções.

II. Preparar mensalmente o quadro estatístico da visitação no Museu.

III. Proibir aglomeração na Portaria, não se ausentando da mesma sem deixar o seu substituto.

IV. Não permitir que saiam livros, embrulhos ou outros objetos, sem autorização superior.

Art. 22. Aos Zeladores, incumbe:

I. Zelar pela limpeza e conservação dos objetos, mostruários e imobiliário do Museu.

II. Auxiliar a arrumação dos objetos.

III. Servir de guia aos visitantes que o desejarem.

Art. 23. Aos jardineiros, incumbe zelar pela conservação do parque, dos animais, das estátuas e estatuetas, do jardim e dos objetos de adorno do parque.

Art. 24. Aos demais servidores incumbe executar os trabalhos que lhes forem determinados pelo chefe imediato.

CAPÍTULO V Da lotação

Art. 25. O Museu terá lotação aprovada em decreto.

Parágrafo único. Além dos funcionários constantes da lotação, o Museu poderá ter pessoal extranumerário.

CAPÍTULO VI Do horário

Art. 26. O horário normal de trabalho do Museu será fixado pelo diretor, respeitando o número de horas semanais estabelecidas para o serviço público, fixado, porém, o de 44 horas de trabalho semanal para os vigias, jardineiros e pessoal destacado na Portaria e na Oficina de Restaurações.

Art. 27. Os servidores do Museu estão sujeitos ao regime de plantões, nos domingos e feriados, obedecendo à condição de um mínimo de 33 horas de trabalho semanal, com um dia obrigatório para descanso.

Parágrafo único. Nos dias de plantão, o ponto dos servidores será encerrado pelos plantonistas, cabendo apenas ao Secretário o respectivo visto.

Art. 28. O diretor está isento de assinatura de ponto.

CAPÍTULO VII Das substituições

Art. 29. Serão automaticamente substituídos nas faltas e impedimentos ocasionais:

I. O diretor pelo secretário ou por um chefe de divisão de sua livre escolha, previamente designado pelo ministro.

II. O Secretário por um dos chefes de divisão, previamente designados pelo diretor.

III. Os chefes de divisão, pelos chefes de seção, previamente designados pelo diretor.

IV. O chefe de Portaria, por servidor designado pelo diretor.

CAPÍTULO VIII Disposições gerais

Art. 30. O Museu, com exceção das segundas-feiras e datas tradicionais, tais como 1 de janeiro, Carnaval, Sexta-feira da Paixão, 1 de maio, Finados e Natal, permanecerá aberto à visitação pública todos os

dias, inclusive domingos e feriados, as 12 às 17 horas e aos sábados, das 12 às 16 horas.

Art. 31. Será permitida a entrada no Museu a todas as pessoas que se apresentarem convenientemente trajadas, salvo crianças menores de 10 anos de idade, não acompanhadas por pessoa idônea.

Art. 32. Nenhuma pessoa poderá visitar o Museu sem receber, à entrada, a ficha de controle e os chinelos de feltro, devendo restituí-los à saída.

Parágrafo único. No caso de visitas coletivas de colégios, de corporações, pode ser dada uma ficha única aos responsáveis ou guias, com anotação estatística por parte do chefe da Portaria, do número dos componentes.

Art. 33. O Museu deverá facilitar a visitação por todos os meios possíveis e fornecer ao público quaisquer informações relacionadas com as suas finalidades, tendo em vista despertar nos visitantes e consulentes o interesse pela história do Brasil e o culto pelas tradições nacionais.

Art. 34. A consulta às obras da biblioteca, aos documentos do arquivo e aos fichários só será facultada nos dias úteis, das 13 às 17 horas, mediante permissão do diretor.

Art. 35. Qualquer pessoa pode requerer ao diretor a autenticação e peritagem de objetos históricos e artísticos, por técnicos do Museu Imperial, mediante pagamento dos emolumentos fixados em lei.

Art. 36. Os objetos expostos só poderão ser retirados dos mostruários e examinados com permissão especial do diretor.

§ 1º. Não se mostrarão objetos retirados dos mostruários a mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

§ 2º. A comparação dos objetos estranhos com os do Museu, por parte dos visitantes e consulentes só se efetuará na presença do diretor ou dos chefes de divisão.

Art. 37. O fichário, os documentos e as obras só poderão ser consultados em presença dos servidores encarregados de sua guarda.

Art. 38. Nas fotografias feitas no Museu é absolutamente proibido o uso de substâncias químicas destinadas a produzir luz artificial.

Art. 39. A cópia de trechos das obras impressas e dos documentos expostos à consulta independe de autorização.

Art. 40. Os catálogos do Museu são de duas espécies:

I. Catálogo Descritivo ou Guia dos Visitantes, prático e explícito, com indicações topográficas para circulação, ligeiro histórico da instituição, número e descrições sucintas dos objetos e das salas em que se acham expostos, menção de sua procedência, explicação das abreviaturas e estatísticas de consultas e observações relativas ao material exposto.

II. Catálogo Comentado, contendo além do que se encontra no Catálogo Descritivo, a maior soma possível de informações sobre cada objeto, os fatos e as personalidades que relembre ou a que esteja ligado.

Parágrafo único. Ambos os catálogos devem ser ilustrados com fotografias, desenhos e reprodução dos objetos e serão vendidos ao público na Portaria.

Art. 41. Não será permitida a reprodução de objetos e documentos do Museu em livros, revistas ou jornais sem que o interessado se obrigue

a indicar expressamente na publicação a procedência da peça ou documento reproduzido.

Art. 42. A estatísticas de consultas e de visitas ao Museu deverá ser publicada anualmente, dela constando o número de pessoas e corporações que tenham participado das mesmas.

Parágrafo único. Além da estatística citada deverá também ser publicado o registro das aquisições e doações.

Art. 43. A fim de fazer a sua propaganda, bem como satisfazer interesses de visitantes e turistas, o Museu mandará editar cartões postais avulsos ou em bloco, com a reprodução fotográfica ou litográfica do edifício, salas e objetos principais, os quais deverão ser vendidos ao público, na Portaria, e o produto de venda deverá ser recolhido conforme a legislação em vigor.

Art. 44. A sala onde ficarão guardadas as coroas, jóias e cetros imperiais será franqueada ao público às quintas-feiras e domingos, salvo casos especiais, a critério do diretor.

Art. 45. A sala de conferências só será cedida para fins educativos e patrióticos.

Art. 46. As grandes datas da monarquia e da cidade de Petrópolis serão comemoradas no Museu por meio de sessões cívicas, conferências ou exposições especiais.

Art. 47. O Museu deverá manter as mais estreitas relações de cooperação com estabelecimentos similares do país e do estrangeiro.

Art. 48. Não poderão ser expostos objetos pertencentes ao Museu, ainda não inventariados e catalogados.

Art. 49. Em hipótese alguma poderão ser cedidos por empréstimos objetos históricos e artísticos do Museu.

Art. 50. O Diretor determinará a necessária vigilância das salas de exposição e de conferência, proibindo o uso do fumo e que os objetos sejam tocados pelos visitantes.

Art. 51. Sem prejuízo das atribuições da Oficina de Restaurações, os trabalhos de restauração, em casos especiais, poderão ser confiados a pessoas estranhas, de idoneidade e capacidade comprovada, a juízo do diretor e sob a sua vigilância.

Art. 52. Os vigilantes usarão, em serviço, armas de fogo que, ao fim do mesmo restituirão ao respectivo chefe.

Art. 53. De todos os atos da vida do Museu deverá ser dada conveniente divulgação.

Art. 54. Terão residência obrigatória no Museu, nas áreas destinadas a esse fim, o chefe de Portaria e um jardineiro previamente designado pelo diretor.

Índices



Dom Pedro II adolescente. Óleo de Felix Emílio Taunay



Leque representando d. Pedro I tendo à esquerda as armas do Império, à direita a Constituinte outorgada a Portugal em 1826 e ao alto a Glória coroando o imperador, e ao lado a legenda: “Pedro IV de Portugal, I do Brasil e Único no Mondo”

Índice dos assuntos

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Museu Imperial | 3 |
| A mais bela tradição | 27 |
| O Parque | 37 |
| O Palácio | 47 |
| As salas de Exposição | 55 |
| A Discoteca | 133 |
| Arquivo Histórico | 139 |
| Biblioteca, Difusão e Intercâmbio | 145 |
| A visitação | 155 |
| Esclarecimento | 177 |
| Inauguração do Museu | 181 |
| Regimento do Museu | 187 |



Dom Pedro II aos 27 anos em trajes majestáticos. Óleo de François Moreaux



Placas da ordem de D. Pedro I oferecidas ao príncipe de Joinville por dom Pedro II

Índice das Estampas

Página

- 4. Vista da ala direita do Museu.
- 5 Foto miniatura da coroa de D. Pedro II.
- 6 Aviso ao público na entrada do parque.
- 8 Museu Histórico de Petrópolis instalado no antigo Palácio de Cristal.
- 9 Interior do Museu Histórico de Petrópolis.
- 11 Fila à porta do Museu.
- 12 e 13 Vista do Palácio Imperial.
- 15 Gráfico da média mensal de visitantes.
- 17 Gráfico total de visitantes por ano.
- 19 I Exposição Iconográfica de Petrópolis, realizada no salão nobre da municipalidade em dezembro de 1938.
- 23 Saguão de entrada do Palácio de Petrópolis.

Página

- 25 O presidente Dutra e o ministro Mariani examinando documentos do Arquivo Imperial.
- 28 Cetos de ouro de d. Pedro I e d. Pedro II. Os olhos do dragão são constituídos por dois brilhantes.
- 30 Vista lateral do Museu.
- 31 Decoração do teto do quarto de dormir de d. Pedro II.
- 33 Gabinete de trabalho do príncipe d. Pedro Augusto.
- 34 Despedida de d. Pedro II aos brasileiros em consequência da intimação que recebeu para deixar o país.
- 35 Gabinete de trabalho de d. Pedro II no palácio de Petrópolis
- 38 Estátua em bronze de d. Pedro II, trabalho de Xavier Pincheiro.
- 40 Parque.
- 41 Vista lateral do Museu.
- 42 Parque.
- 43 Parque.
- 48 Escadaria do palácio de Petrópolis do 1º para o 2º pavimento.
- 51 Vista do Palácio Imperial.
- 52 Carruagem imperial adquirida por encomenda em Londres no ano de 1837 para o serviço de d. Pedro II. Popularmente chamado “Monte de Prata” ou “Carro de cana”, em virtude dos ricos adornos de prata e pintura amarelo e verde.
- 54 Decoração do teto da Sala do Trono.
- 56 Galeria do sobrado do Palácio de Petrópolis.
- 59 Decoração do encosto do mobiliário da sala dos embaixadores.
- 61 Sala dos embaixadores.
- 63 Retrato a óleo de d. Pedro I por Araújo Porto-Alegre
- 65 Coroa imperial de d. Pedro II. Ouro, 640 brilhantes e 100 pérolas. Trabalho executado em julho de 1841 pelo joalheiro da Casa Imperial, Carlos Marin, estabelecido na rua do Ouvidor, 139.
- 67 Colar e par de brincos da imperatriz Leopoldina. Trabalho em filigrana de ouro com pequenas esmeraldas representando as dezenove províncias do Império.
- 69 Manto imperial de d. Pedro II.

Página

- 70 Conta do hotel de Bragança ao palácio relativo à estada do pintor Agostinho da Mota.
- 71 Gomil de prata que pertenceu a D. Pedro I tendo a cora imperial e a sigla P I.
- 74 Cristais de uso de d. Pedro II.
- 75 Cristais de uso de d. Pedro II, com as armas imperiais.
- 76 Relógio que pertenceu ao conde de São Clemente.
- 77 Sala de jantar do palácio de Petrópolis.
- 78 Natureza morta. Trabalho de Agostinho da Mota, pintado para a imperatriz durante sua estada em Petrópolis em abril de 1858.
- 79 Quadro a óleo de Vitor Meireles, representando no velho Senado a cerimônia do “Juramento da Princesa Isabel à Constituição, para substituir o pai no governo, como regente do Império.
- 83 Grito do Ipiranga.
- 85 Retrato a óleo da imperatriz Amélia, atribuído a Armand Pallière.
- 87 Sala das miniaturas.
- 89 Estudo a óleo de Pedro Peres, representando no salão nobre da antiga Câmara Municipal da corte a cerimônia da princesa Isabel distribuindo “cartas de liberdade a escravos”.
- 91 Retrato a óleo da imperatriz Teresa Cristina pintado em Nápoles, nas vésperas de seu casamento.
- 93 Estudo a óleo de Pedro Américo representando a cerimônia do casamento da princesa Isabel na Catedral do Rio de Janeiro.
- 95 Retrato de Guilherme Spangenberg, com moldura em madeira trabalhada por ele mesmo.
- 98 Trono imperial de d. Pedro II. Pertenceu ao paço de São Cristóvão.
- 100 e 101 Sala do trono. Ao fundo o grande quadro a óleo de Pedro Américo, representando d. Pedro II em trajes majestáticos na cerimônia da “Fala do Trono”, na abertura da Câmaras.
- 103 Leque de renda e tartaruga.
- 105 Leque comemorativo do casamento de d. Pedro II.

Página

- 107 Jarrões de porcelana de Sèvres presentados pelo presidente Thiers a d. Pedro II, por ocasião da sua primeira visita à França em 1871. Foram pelo imperador colocados nos degraus do trono.
- 109 Cama de casal de d. Pedro II.
- 112 Berço da princesa imperial d. Isabel.
- 114 Quarto de dormir da princesa Isabel.
- 116 e 117 Vista panorâmica do palácio e do parque.
- 120 Candelabro de bronze cinzelado por Thomire, e ofertado com outro igual e um relógio a d. Pedro II, pelo rei Luis Filipe, de França.
- 123 Cofre guarda-jóias oferecido à princesa dona Francisca por seu sogro o rei Luis Filipe de França. Mandado fazer na fábrica de Sèvres, o cofre tem bronze, porcelana e biscui, e cinco grandes placas de porcelana pintadas por Garneray, representando feitos navais do príncipe de Joinville.
- 128 Relógio de bronze cinzelado por Thomire. Presente do rei Luis Filipe a d. Pedro II.
- 132 “*Mima*”. Estátua de mármore realizada por Arthur Gobineau, antigo ministro da França no Brasil e ofertado pelo autor a d. Pedro II.
- 134 General Osório em campanha. Pintura a óleo do famoso artista uruguaio Juan Manuel Blanes.
- 137 Decoração do teto da sala de baile e música.
- 140 Retrato a óleo do general José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triunfo, pintado por Tinoco.
- 143 Colunas da Sala de Baile e Música.
- 146 Capa do Anuário do Museu Imperial.
- 149 Visita do colégio Frederico Ribeiro; 15/07/1947. Os alunos apreciam livros raros da biblioteca.
- 150 Escolares assistem a uma sessão de cinema educativo, promovida pelo museu.
- 151 Assistência a uma das conferências feitas no museu.
- 156 O acadêmico francês Émile Henriot realizando uma conferência.
- 159 Visita de Jorge Marschall, 24/07/47.

Página

161 Frank Knox, ministro da Marinha dos Estados Unidos, assim no Livro de Visitantes.

164 e 165 Vista do Museu Imperial.

167 O deputado Arthur Bernardes, ex-presidente da República, escrevendo no Livro de Visitantes suas impressões sobre o museu.

169 General Alexander, visconde de Tunis, vice-rei do Canadá.

171 Vasos de Sèvres. Presente de Napoleão III ao imperador do Brasil.

173 Coroa de d. Pedro I, cetros imperiais, espadim da corte de d. João VI, álbum oferecido pelos portuenses a d. Pedro II e medalha de ouro oferecida pelos rio-grandenses ao imperador, pela libertação de Uruguaiana.

176 Estátua de bronze, com pedestal de madeira. Representa dom Pedro II em trajes majestáticos. Foi feita na fundição da Ponta d'Areia do visconde de Mauá.

178 Placas e grande colar da Ordem da Rosa oferecidos ao príncipe de Joinville por dom Pedro II.

182 Busto do sr. Getúlio Vargas, existente nos jardins do museu.

183 Ato da inauguração do museu presidido pelo sr. presidente da República.

186 Placa dos beneméritos do museu.

198 D. Pedro II adolescente. Óleo de Felix Emile Taunay.

199 Leque representando d. Pedro I, tendo à esquerda as armas do Império, à direita a Constituição outorgada a Portugal em 1826 e ao alto a Glória coroando o imperador e ao lado a legenda: "Pedro IV de Portugal, I do Brasil e Único no Mondo".

200 Dom Pedro II aos 27 anos em trajes majestáticos. Óleo de François Moreau.

201 Placas da Ordem de D. Pedro I oferecidas ao príncipe de Joinville, por dom Pedro II.

DEP. DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL
- 1950 -